

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social

Interações Midiatizadas

Carolina Lopes Marques

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA MEMORIALÍSTICA:  
um estudo sobre jornalismo e memória no ambiente digital**

Belo Horizonte

2021

Carolina Lopes Marques

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA MEMORIALÍSTICA:  
um estudo sobre o jornalismo e memória no ambiente digital**

Dissertação apresentada à banca do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Mozahir Salomão Bruck

Área de concentração: Mediação, imagens e narrativas

Belo Horizonte

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M357r Marques, Carolina Lopes  
Reportagem multimídia memorialística: um estudo sobre jornalismo e memória no ambiente digital / Carolina Lopes Marques. Belo Horizonte, 2021. 133 f.: il.

Orientador: Mozahir Salomão Bruck  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

1. Jornalismo eletrônico. 2. Memória. 3. Narrativa (Retórica). 4. Reportagens e repórteres. 5. Jornalismo - Inovações tecnológicas. 6. Mídia digital. I. Bruck, Mozahir Salomão. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 070.48

Carolina Lopes Marques

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA EMORIALÍSTICA:  
um estudo sobre jornalismo e memória no ambiente digital**

Dissertação apresentada à banca do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Mozahir Salomão Bruck

Área de concentração: Mediação, imagens e narrativas

---

Prof. Dr. Mozahir Salomão Bruck – PUC Minas (Orientador)

---

Prof. Dr. Marcio de Vasconcellos Serelle – PUC Minas (Banca Examinadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Geane Carvalho Alzamora - UFMG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 2021

## AGRADECIMENTOS

Após esses anos de mestrado, não posso deixar de agradecer aos que estiveram presentes de alguma forma e foram fundamentais para a realização desta dissertação. Vocês estarão sempre em minha memória.

Agradeço ao meu pai Cláudio, minha irmã Carina e minha mãe Valéria, pela compreensão, ao serem privados em muitos momentos da minha atenção e pelo apoio incondicional, principalmente nos momentos difíceis.

Ao professor Mozahir, meu orientador e eterno Mestre, pelos ensinamentos para toda a vida, generosidade e paciência. Obrigada por sua dedicação, por ter acreditado e depositado sua confiança em mim ao longo desses anos de trabalho. Sem sua orientação, apoio, confiança e amizade, nada disso seria possível.

À minha avó Rosa, minha prima Flávia e minha tia Rosângela, pelas trocas aos domingos, apoio e torcida.

Às minhas amigas do mestrado Ana Paula, Ane e Jussara, companheiras de discussões e inquietações. Obrigada pela amizade e por compartilharem comigo essa jornada acadêmica. Vocês foram essenciais nessa trajetória.

À Júlia, a quem considero como irmã, e que sempre esteve do meu lado me apoiando independentemente da distância.

Ao Patryck que, mesmo a distância, se fez sempre presente durante os momentos importantes deste processo, me apoiando e incentivando.

A todos os meus queridos amigos que me apoiaram e foram compreensivos com as minhas ausências.

Ao professor Marcio Serelle, que orientou meu trabalho de conclusão de curso na graduação e incentivou meu ingresso no mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas, pela dedicação e ensinamentos. Com vocês aprimorei o pensar, pesquisar, ensinar e aprender.

À Fapemig, por viabilizar meu crescimento intelectual, cultural, profissional e pessoal.

E, por último, eu agradeço a mim, por não desistir e por me manter focada nos meus objetivos.

## RESUMO

Esta pesquisa se dedica a investigar a reportagem multimídia como produto jornalístico que se vale da memória para potencializar a contextualização de seus conteúdos. Para isso, foram analisadas cinco reportagens multimídias com narrativas contextuais e memorialísticas do UOL Tab. Por meio da revisão teórica crítica e da análise empírica de nossos objetos, buscou-se compreender como a multimídia possibilita que sejam unidos diferentes recursos que juntos agregam à criação de um conteúdo mais ampliado e dinâmico em um mesmo espaço. A hipótese que regeu este estudo é a de que os avanços na exploração de elementos multimídias, além de qualificarem o conteúdo jornalístico, contribuem para dar a reportagem mais qualidade informativa. Dessa forma, constatou-se que o uso de diferentes meios permite a criação de um conteúdo completo e potente, proporcionando ao público um entendimento aprofundado sobre o assunto apresentado. A memória é ativada como potente contextualizador da história narrada ao mesmo tempo que se constitui como registro histórico dos temas que aborda.

Palavras-chave: Jornalismo on-line. Memória. Narrativa. Reportagem multimídia. Multimídia.

## **ABSTRACT**

This research is dedicated to investigating multimedia reporting as a journalistic product that use memory to enhance the contextualization of its contents. For this, five multimedia reports with contextual and memorialistic narratives of UOL Tab were analyzed. Through the critical theoretical review and empirical analysis of our objects, we sought to understand how multimediality enables different resources to be combined that together add to the creation of a more expanded and dynamic content in the same space. The hypothesis that governed this study is that advances in the exploration of multimedia elements, in addition to qualifying journalistic content, contribute to give the report more informative quality. Thus, it was found that the use of different means allows the creation of a complete and powerful content, providing the public with an in-depth understanding of the subject presented. Memory is activated as a powerful contextualizer of the narrated story at the same time as it constitutes a historical record of the themes it addresses.

**Keywords:** Online journalism. Memory. Narrative. Multimedia reporting. Multimediality.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Resumo das definições de nomenclaturas sobre práticas de produção e disseminação de informação no jornalismo contemporâneo.....	17
--	----

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Exemplo de reportagem multimídia: “SnowFall - The Avalanche at Tunnel Creek” ...	71
Imagem 2 - Exemplo de reportagem multimídia: "SnowFall - The Avalanche at Tunnel Creek" .....	71
Imagem 3 - Exemplo de reportagem multimídia: "SnowFall - The Avalanche at Tunnel Creek".....	72
Imagem 4 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar” .....	92
Imagem 5- Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar”.....	92
Imagem 6 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar” .....	93
Imagem 7 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar”.....	93
Imagem 8 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar” .....	93
Imagem 9 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar”.....	93
Imagem 10 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar” .....	93
Imagem 11 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar”.....	94
Imagem 12- Imagem gráfica- abertura: “Vergonha Europeia”.....	103
Imagem 13- Imagem gráfica - testemunhos: “Vergonha Europeia”.....	104
Imagem 14- Desenhos: “Azzis”.....	107
Imagem 15- Desenhos: “Azzis”.....	107
Imagem 16- Reportagem multimídia: “Refugiado e prostituído”.....	108
Imagem 17- Reportagem multimídia: “Refugiado e prostituído”.....	108
Imagem 18- Abertura da reportagem multimídia: “Viúvas da guerra”.....	113
Imagem 19- Fotografia e subtítulos da reportagem multimídia: “Viúvas da Guerra”.....	114
Imagem 20- Fotografia e subtítulos da reportagem multimídia: “Viúvas da Guerra”.....	114
Imagem 21- Infográfico : “Viúvas da Guerra”.....	115
Imagem 22- Imagem de abertura: “Fuga para o Brasil”.....	120
Imagem 23- Vídeo: “Fuga para o Brasil”.....	121
Imagem 24- Testemunhos e fotografias: “Fuga para o Brasil”.....	122
Imagem 25- Testemunhos e fotografias: “Fuga para o Brasil”.....	122
Imagem 26- Testemunhos e fotografias: “Fuga para o Brasil”.....	122

Imagem 27- Testemunhos e fotografias: “Fuga para o Brasil”.....122

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2 JORNALISMO DIGITAL</b> .....	<b>17</b>
<b>2.1 O jornalismo digital e suas configurações na atualidade</b> .....	<b>17</b>
<b>2.2 Nomenclaturas do jornalismo no ambiente on-line</b> .....	<b>21</b>
2.2.1 <i>As gerações do webjornalismo</i> .....	24
2.2.2 <i>Webjornalismo ou ciberjornalismo de quarta geração</i> .....	26
2.2.3 <i>A quinta geração: jornalismo de dados</i> .....	27
<b>2.3 Características do jornalismo digital</b> .....	<b>29</b>
2.3.1 <i>Interatividade</i> .....	29
2.3.2 <i>Customização de conteúdos ou personalização</i> .....	30
2.3.3 <i>Hipertextualidade</i> .....	32
2.3.4 <i>Multimedialidade</i> .....	32
2.3.5 <i>Instantaneidade</i> .....	33
2.3.6 <i>Ubiquidade</i> .....	34
2.3.7 <i>Memória</i> .....	35
<b>2.4 Superficialidade e outros e desafios do jornalismo digital</b> .....	<b>36</b>
2.4.1 <i>A busca do aprofundamento no jornalismo digital</i> .....	39
<b>3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MEMÓRIA</b> .....	<b>42</b>
<b>3.1 A natureza social e coletiva da memória</b> .....	<b>42</b>
<b>3.2 Memória e compreensão da realidade</b> .....	<b>47</b>
<b>3.3 A memória no meio digital</b> .....	<b>49</b>
<b>3.4 Relações entre memória e jornalismo</b> .....	<b>52</b>
3.4.1 <i>Jornalismo digital e memória</i> .....	56
3.4.2 <i>A reportagem como narrativa memorialística</i> .....	59
<b>4 ELEMENTOS DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA</b> .....	<b>63</b>
<b>4.1 Transmidiático e o multimidiático</b> .....	<b>63</b>
<b>4.2 Multimedialidade: transformações da reportagem</b> .....	<b>68</b>
4.2.1 <i>Transformações jornalísticas: convergência e multimedialidade</i> .....	72
4.2.2 <i>Mudanças da narrativa multimídia</i> .....	75
4.2.3 <i>Multimídia x Intermídia</i> .....	77
<b>4.3 Propriedades da reportagem multimídia</b> .....	<b>78</b>
4.3.2 <i>Elementos da reportagem multimídia</i> .....	84

<b>5 ANÁLISE DE REPORTAGENS MULTIMÍDIAS .....</b>	<b>88</b>
<b>5.1 Metodologia .....</b>	<b>88</b>
<b>5.2 Reportagens multimídia memorialísticas: em busca de uma caracterização.....</b>	<b>90</b>
<b>5.3 UOL Tab .....</b>	<b>96</b>
<b>5.4 Análise do UOL Tab .....</b>	<b>98</b>
<i>5.4.1 Trilogia: Crianças refugiadas na Europa .....</i>	<i>98</i>
<i>5.4.2 Viúvas da Guerra: A vida das iraquianas que carregam no nome a ligação com o Estado Islâmico.....</i>	<i>108</i>
<i>5.4.3 Fuga para o Brasil: A crise da Venezuela explicada por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima.....</i>	<i>115</i>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>123</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação se dedica a uma investigação sobre a reportagem multimídia - seus aspectos editoriais, discursivos e como narrativa contemporânea que se vale da memória para potencializar a compreensão dos conteúdos abordados e suas circunstâncias. A reportagem multimídia busca combinar diferentes tipos e formas de textualidades na construção de uma história, com o intuito de torná-la mais interativa e completa e proporcionar novas perspectivas sobre o assunto/tema abordado para o leitor (LONGHI, 2010, p.149). O objetivo de estudar a reportagem multimídia como potencializadora da memória parte da hipótese de que os avanços na exploração dos recursos de elementos multimídias, além de qualificarem o conteúdo jornalístico, contribuem para dar ao produto jornalístico mais qualidade informativa.

Esta pesquisa visa também compreender como esse gênero parece sinalizar novas práticas enunciativas no âmbito do trabalho jornalístico. Assim, buscamos realizar um estudo aprofundado sobre o que é a narrativa multimídia e sobre como ela aciona a memória como conteúdo e estratégia discursivos nessas construções narrativas, possibilitando um jornalismo mais fundamentado e contextualizador, dando voz às memórias individuais e coletivas. Dessa forma, pergunta-se: Que estratégias e elementos narrativos as reportagens multimídia memorialísticas acionam com o objetivo de oferecer ao destinatário formas de compreensão acerca dos temas que abordam em seus distintos vieses e enquadramentos?

O cenário atual da internet permite que o jornalismo se aprofunde de modo ainda mais efetivo na contextualização das notícias, auxiliando na construção de percepções sobre diversos temas. Os canais de comunicação na *web* oferecem oportunidades de amplificação de vozes, além de ganhar mais potência para produzir e publicar conteúdos, conquistando a atenção de mais pessoas. Essa "potencialização" é defendida por Palacios (2002), pois os "limites espaciais para disponibilização de material noticioso" (PALACIOS, 2002, p. 2) começam a ser quebrados, o que, para o autor, é uma particularidade a ser utilizada para que ocorra a reconfiguração das dimensões jornalísticas.

A reportagem multimídia possibilita que sejam unidos diferentes recursos que juntos agregam à criação de um conteúdo mais ampliado e dinâmico em um mesmo espaço. Para Palacios (2002), "a convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade" (PALACIOS, 2002, p. 3). Portanto, é possível compreender que esse formato não se limita ao texto escrito, fotos e imagens ilustrativas. Textos, áudios, vídeos, simulações, fotografias e animações podem fazer parte da narrativa de maneira complementar, explorando os diferentes sentidos da percepção humana. Quando esses recursos são integrados em um único produto, ele se torna multimídia.

A memória é ativada como potente contextualizador dos acontecimentos e suas causas e desdobramentos, articulando o tempo da narrativa (LE GOFF, 1996). Os estudos da memória referenciam os processos individuais e coletivos de lembrança e esquecimento de assuntos, informações, imagens e dados de acontecimentos passados. Nas redes, o processo multimídia possibilita recriar os modos de lembrar e esquecer determinados fatos. No sentido específico desta pesquisa, o foco será a memória potencializada pelos processos digitais, por meio da reportagem multimídia, que possibilita mais interação do público com o fato contado.

Para tratar do tema reportagem multimídia como potente ativador da memória, é importante entender as questões intrínsecas aos estudos de memória, principalmente os da “memória coletiva” (HALBWACHS, 2006). Segundo Ricoeur (2007), a memória é a capacidade de remeter ou se fazer remeter ao passado por determinados dados que estão “arquivados” na mente humana. Em nosso estudo, a memória é entendida como um dos principais elementos no processo de composição e recuperação de informações sobre determinados acontecimentos.

Nos estudos sobre *jornalismo digital* a memória é entendida como uma característica das mídias no meio on-line<sup>1</sup> que possibilita oferecer ao seus leitores arquivos e outras informações sobre determinado fato, além de dispor de um caráter repositório de informações. Ela auxilia no aprofundamento do tema por meio de bancos de dados de informações (PALACIOS, 2002). Ao longo dos anos, esse recurso vem sendo explorado de diferentes formas pelos veículos de comunicação, principalmente pelos veículos on-line por causa das possibilidades que o meio e seus avanços tecnológicos oferecem. A reportagem multimídia pode ser compreendida como uma dessas novas dinâmicas que o meio on-line oferece para a operação de recursos memorialísticos na narrativa e também em seus arquivos e ferramentas como fotografias, vídeos etc.

A hipótese desta pesquisa é a de que os novos procedimentos e ferramentas próprios do ambiente digital permitem que o jornalismo tenha condições de aprofundar-se em temas e consiga, em função dessas novas circunstâncias de produção e circulação de conteúdos, oferecer por meio de narrativas multimidiáticas percepções mais alargadas dos temas sobre os quais discorre. O foco de nossa atenção se dá, em especial, sobre como reportagens multimídia acionam a memória como conteúdo e estratégia discursiva nessas construções narrativas. Ao mesmo tempo que a *web* tem sido ambiente das notícias extremamente perecíveis e que são a todo momento atualizadas, ela também tem possibilitado a potencialização de recursos para a construção de um jornalismo com forte ênfase na lógica da contextualização, ganhando mais capacidade para produzir e publicar conteúdos.

Ao observar a velocidade com que a tecnologia e as inovações transformam os processos narrativos no *jornalismo digital*, nota-se a viabilidade e necessidade de se estudar as grandes

---

<sup>1</sup> Para o termo on-line, adotamos a grafia do dicionário Aurélio.

reportagens multimídias em um cenário que passa por constantes mudanças. As reportagens multimídias permitem um aprofundamento nos temas e estão ganhando cada vez mais espaço nos portais jornalísticos. A relevância em estudá-las é principalmente por se tratar de um produto com tendência a crescer ainda mais no *jornalismo digital*, que ainda passa por mudanças e adaptações.

Além disso, como incentivos a mais que ratificam a importância do estudo, existem os interesses pessoais da autora. Primeiro, em estudar temas relacionados à memória, por ser membro do grupo de pesquisa Mídia e Memória, que faz parte do conjunto de grupos de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas e é cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Em segundo, dar continuidade aos estudos sobre Reportagem Multimídia, iniciados durante o trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, de título “Reportagem Multimídia: Questões e desafios da mediação jornalística hoje”, realizado em 2016, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Sendo assim, a pesquisa busca estudar as principais características de uma reportagem multimídia e como esse formato se apresenta enquanto intensifica aspectos da narrativa memorialística. Também será realizada uma análise de reportagens escolhidas a partir de categorias que envolvam aspectos multimídia e de memória.

No primeiro capítulo, será discutido o tema *jornalismo digital*, buscando compreender sua evolução ao longo dos anos, a fim de perceber o contexto em que se encontra nosso objeto de pesquisa. Foi realizado um estudo cronológico das fases pelas quais o jornalismo na *web* passou e suas diversas nomenclaturas. Em seguida, foram abordadas as principais características e desafios do *jornalismo digital*, em que buscamos entender o contexto da instantaneidade predominante no meio on-line para, enfim, discutir como é realizado o jornalismo aprofundado na *web*.

No segundo capítulo, realizou-se um estudo da memória, buscando primeiro diferenciar os conceitos de memória coletiva e memória individual a partir de diferentes autores. Em seguida, buscamos aprofundar em como a memória é entendida como meio de compreensão da realidade, principalmente ao ser acionada no ambiente digital. Em seguida, relacionamos jornalismo e memória, a fim de entender como a memória tem seu uso no *jornalismo digital* para, por fim, compreendermos a reportagem como narrativa memorialística.

Já no terceiro capítulo foi aprofundado o conceito de reportagem multimídia, objeto empírico desse estudo. Iniciamos distinguindo os conceitos de multimídia e transmídia para, a seguir, introduzir a discussão sobre os avanços da reportagem e os diferentes gêneros jornalísticos aos quais ela foi atribuída. Além disso, buscamos compreender o que é convergência a partir do estudo de Jenkins (2008; 2009) e como esse conceito é visto no *jornalismo digital*. Realizamos também um estudo sobre a evolução da narrativa multimídia ao longo dos anos, para, em seguida, abordarmos os principais aspectos existentes em uma reportagem multimídia.

Por fim, no quarto capítulo, foi realizada a análise das reportagens que foram selecionadas: *Fuga para o Brasil: A crise da Venezuela explicada por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima*; *Viúvas da Guerra: A vida das iraquianas que carregam no nome a ligação com o Estado Islâmico* e a trilogia sobre crianças refugiadas: *Refugiado e Prostituído: O testemunho de um adolescente de 16 anos cuja fome o levou à prostituição e às drogas*; *Vergonha Europeia: Como é ser criança e viver no maior campo de refugiados do Velho Continente* e *Azziz: Um refugiado e seus sonhos*.

Como metodologia, foi realizada uma análise de conteúdo das reportagens escolhidas. Laurence Bardin em *Análise de Conteúdo* (2004), afirma que “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2004, p. 10). Dessa forma, a autora pontua, como técnica, a divisão da análise de conteúdo em três partes. A primeira consiste na elaboração de um planejamento e organização do trabalho, determinando previamente o objeto que será analisado, possíveis hipóteses e objetivos que pretende realizar com o estudo. A segunda parte é a análise do material escolhido, identificando aspectos presentes em seu conteúdo e, por último, é necessário realizar uma interpretação sobre a análise realizada, buscando por resultados que comprovem ou não a hipótese levantada (BARDIN, 2004, p.35).

Para realizar a análise das reportagens, foram elencadas três categorias. Na primeira categoria, **elementos memorialísticos como essência narrativa**, serão analisados os elementos de acionamento da memória como testemunhos e outros, para perceber como eles estão inseridos na narrativa jornalística a partir dos recursos multimídias, compreendendo se eles estão em primeiro plano na reportagem. Ou seja, o objetivo com a primeira categoria é identificar se nas reportagens analisadas existe uma centralidade memorialística. Na segunda categoria, **a memória como reveladora da trama e tensionamentos da reportagem**, a memória será analisada como elemento que guia o enredo da narrativa, podendo também ser responsável por conflitos entre memórias. É o caso no especial da Folha de S. Paulo, em que podemos ver um embate entre memórias sobre o período da ditadura. Já a terceira e última categoria, **uso da memória como ponte temporal entre passado e presente (temporalidade)**, servirá para compreender o que a memória presente na reportagem indica sobre o presente usado para fazer ponte com o passado.

E nas considerações finais, a partir da análise os objetos empíricos, verificamos que as reportagens multimídias podem ser consideradas como uma das estratégias do *jornalismo digital* para conseguir aprofundar seus conteúdos e conseqüentemente potencializar as memórias relatadas. O uso de diferentes meios permitem a criação de um conteúdo completo e dinâmico, possibilitando que o público tenha um entendimento aprofundado do tema tratado na reportagem. A memória é ativada como potente contextualizador da história narrada, ao mesmo tempo que se constitui como registro histórico dos temas que aborda.

## 2 JORNALISMO DIGITAL

Neste capítulo, nos propomos a discutir o tema *jornalismo digital* e sua evolução ao longo dos anos, buscando compreender o contexto em que se encontra nosso objeto de pesquisa. Para isso, procuramos realizar um estudo cronológico do que podem ser consideradas as fases pelas quais o jornalismo na *web* passou e suas diversas nomenclaturas. Logo depois, são descritas as principais características que compõem o jornalismo no meio digital. Abordamos ainda os principais desafios do *jornalismo digital*, em que buscamos entender o contexto da instantaneidade que é predominante no meio on-line para, enfim, discutir como é realizado o jornalismo aprofundado nesse contexto.

### 2.1 O jornalismo digital e suas configurações na atualidade

Pensar o *jornalismo digital* tem sido, nas décadas mais recentes, também buscar compreender como avanços tecnológicos têm alterado o panorama comunicacional. O modo de fazer jornalismo se alterou, principalmente devido a rapidez com que as notícias são atualizadas na *web*. Isso exige também mudanças nas formas narrativas utilizadas pelos jornalistas, além de uma interação maior com o público para que ele tenha mais acesso aos conteúdos. Franciscato (2019) percebe que essas mudanças "vêm afetando não somente as infraestruturas e as práticas profissionais, mas também vêm desafiando compreensões sedimentadas sobre o jornalismo" (FRANCISCATO, 2019, p. 5). Canavilhas (2003) entende que o *jornalismo digital*, já na sua criação, introduziu aspectos multimídias que alteram sua produção e aspectos estruturais.

Franciscato (2019) compreende esse novo "ambiente digital (interacional e cognitivo)" como operador de práticas que estão inovando as formas tradicionais de mediação. De acordo com ele, a partir da "mediação tecnológica, expandem-se novas lógicas mediadoras, agora capitaneadas pelas tecnologias digitais de participação e interação em redes" (FRANCISCATO, 2019, p. 6). Barbosa (2005) destaca que o jornalismo feito para a internet "é a modalidade na qual as novas tecnologias já não são consideradas apenas como ferramentas, mas, sim, como constitutivas dessa prática jornalística" (BARBOSA, 2005, p. 2). Além disso, o *jornalismo digital* modifica também as formas pelas quais o jornalismo como empresa se relaciona, conforme afirma Moherdau (2008):

A criação da *World Wide Web* [...] mudou as relações dos leitores com os jornais, dos jornais com os jornalistas e dos jornalistas com a rede. Do ponto de vista dos leitores, a *web* ampliou a participação na produção de conteúdo. Do ponto de vista da produção jornalística, alterou o conceito de notícia. Do ponto de vista empresarial, mudou a distribuição e a circulação de informação". (MOHERDAUI, 2008, p. 4).

A internet também permite ao jornalismo novas formas de interação com o leitor, além de potencializar a produção dos conteúdos e a distribuição das notícias ao promover a integração de

diferentes suportes tecnológicos (BARBOSA, 2005). Dessa forma, desde seu início, a internet passou a estabelecer diferentes formas de produção para o jornalismo ou para outros meios que fazem uso dela. De acordo com Pinho (2000), a internet é um instrumento de informação diferente dos meios tradicionais como televisão, rádio, cinema, jornal e revista. Para o autor, “cada um dos aspectos críticos que diferenciam a rede mundial dessas mídias” como, por exemplo, a “não-linearidade, fisiologia, instantaneidade, acessibilidade e receptor ativo”, devem ser “bem conhecidos e corretamente considerados para o uso adequado da Internet como instrumento de informação”. (PINHO, 2000, p. 49).

Para compreendermos o atual estágio do *jornalismo digital*, é necessário entender as transformações pelas quais ele passou desde o surgimento das primeiras notícias para a *web*, em meados da década de 1990 (DEUZE, 2006). Podemos sintetizar a trajetória do *jornalismo digital* a partir de cinco momentos de desenvolvimento, que no próximo tópico serão trabalhados de forma aprofundada. A primeira fase consistia no “modelo transpositivo” (JÚNIOR, 2001), em que as matérias para a internet seguiam o formato das matérias para os jornais impressos. A segunda fase é conhecida como “metáfora” (MIELNICZUK, 2003), pois ainda existe uma forte influência do jornalismo impresso. Mas começam a ser explorados e implantados nas matérias recursos oferecidos pelo meio on-line como, por exemplo, o e-mail na comunicação do jornal com o público, *links* para outras matérias, o hipertexto etc.

A terceira fase, que acontece no início dos anos 2000, é quando a produção jornalística começa a ser realizada especialmente para a *web*. Os meios passam a reconfigurar suas técnicas narrativas e oferecem a oportunidade de maior contextualização dos acontecimentos (PAVLIK, 2001). Segundo Canavilhas (2015), “quando finalmente perceberam a importância de estar *Web*, não apenas para marcar presença mas para chegar a novos públicos e ganhar dimensão global, os meios perceberam a necessidade de oferecer conteúdos adaptados à *Web*”, ou seja, nessa mesma fase também surgem editorias pensadas exclusivamente para a *web* e também iniciativas empresariais (MIELNICZUK, 2003). A autora também pontua sobre essas três fases da seguinte forma:

Num primeiro momento do *jornalismo online* na *Web*, que no Brasil ocorreu a partir de 1995, os produtos oferecidos, em sua maioria, eram transposições de partes (matérias ou editorias) de grandes jornais impressos, que passavam a ocupar o espaço na Internet. Com o aperfeiçoamento e desenvolvimento da estrutura técnica da Internet no País, e seguindo uma tendência mundial, pode-se identificar uma segunda fase do *jornalismo online*. Trata-se de quando o produto jornalístico online ainda está muito atrelado ao modelo do jornal impresso, porém já ocorrem experiências na tentativa de explorar as características de conectividade e multimídia oferecidas pela rede, correspondendo aproximadamente ao final do ano de 1997 e início de 1998. As versões online começam a apresentar um link com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições; o e-mail passa a ser utilizado como uma possibilidade de comunicação entre jornalista e leitor ou entre os leitores, através de fóruns de debates; as notícias passam a ser elaboradas com recursos de multimídia e hipertexto. (MIELNICZUK, 2003, p.2).

Além dessas três fases, Moherdaui (2007) e Barbosa (2008) consideram uma quarta fase do *jornalismo digital*. Moherdaui (2007) a caracteriza como sendo a prática de um jornalismo “baseado em bancos de dados inteligentes que aparece ao usuário como interface tipificada no espaço navegável. Ele permite explorar, compor, recuperar e interagir com as narrativas” (2007, p.122). Exemplos seriam os *links* para notícias relacionadas à matéria lida, que podem ser colocadas em uma coluna ao lado ou no fim da página, levando ao banco de dados do site ou para outras informações ou fontes que complementem o assunto. A quinta fase é vista por Barbosa (2013) como sendo uma necessidade do *jornalismo digital* atual em aprimorar suas características para que elas possam explorar mais independência do espaço da *web* e seu potencial offline.

De acordo com Jenkins (2006), os meios tradicionais não acabaram e nem foram substituídos pelos avanços tecnológicos, mas, sim, evoluíram e se adaptaram ao ambiente atual. Para o autor, “as palavras impressas não mataram as palavras faladas. O cinema não matou o teatro. A televisão não matou o rádio. Cada *medium* anterior foi forçado a coexistir com os media emergentes”. Sendo assim, “os media velhos não estão a ser deslocados. Em vez disso, as suas funções e status foram alterados pela introdução das novas tecnologias” (JENKINS, 2006, p.14).

Nesse sentido, é possível perceber que a prática jornalística se encontra em incessante evolução. Está sendo alterada pelas ferramentas tecnológicas que estão em constante avanço e, por isso, afetam diretamente a produção da notícia. As matérias passam a adquirir novas formações e possibilidades de disseminação. No momento atual, empresas jornalísticas de televisão e rádio têm apostado na expansão de seus produtos visando as diversas oportunidades que são oferecidas pela *web*, principalmente por meio de portais de notícias. Essa adaptação que os meios de comunicação tradicionais vêm buscando pode tornar-se, eventualmente, uma questão de sobrevivência econômica. Para veículos como rádio, televisão e jornais impressos, a internet impõe novos desafios, mas permite a eles mais diversidade na produção de conteúdos através da multimedialidade, oferecendo novas oportunidades de integração com a internet (FECHINE, 2014).

As transformações nos modos de distribuição dos conteúdos e de relacionamento do espectador com as mídias tradicionais no ambiente de convergência têm sido tão rápidas e radicais que, enquanto ainda nos esforçamos para entendê-las, o modo mais fácil de descrever esses processos de mudanças por que passam os meios massivos é postular o seu fim. Fala-se cada vez mais do fim do jornal, no fim do livro, no fim do cinema, no fim do rádio e, como não podia deixar de ser, no fim da televisão, a principal mídia de massa do século XX. (FECHINE, 2014, p. 114).

A evolução do analógico para o digital alterou a maneira como a informação jornalística é produzida, difundida e recebida (FONSECA; LINDEMANN, 2007). De acordo com Jorge (2007), “a mutação no jornalismo é, enfim, um fenômeno que marca a história, transforma o ambiente social, introduz novos conceitos e é passível de quebrar paradigmas” (JORGE, 2007, p. 19). O jornalismo e

seus atores agora têm suas práticas e valores alterados pelo crescimento impetuoso da rede e das suas potencialidades (MURAD, 1999; CANAVILHAS, 2015). Essa digitalização do jornalismo privilegiou o uso de ferramentas digitais na produção, apuração e divulgação das informações, o que faz com que os jornalistas passem mais tempo dentro das redações. Isso influencia diretamente no grau da investigação jornalística (BASTOS, 2012). Cada vez mais é demandado ao jornalismo a fabricação a todo momento de informações sem aprofundamento (CANAVILHAS, 2003).

Para Franciscato (2019), o jornalismo é um “fenômeno participante da construção de uma experiência de tempo social, por meio de uma objetivação de práticas, de relações sociais e de representações sobre o mundo” (FRANCISCATO, 2019, p. 9). Dessa forma, para o autor “o tempo do jornalismo se vincula ao tempo da experiência dos atores sociais, um tempo presentificado pela ação social, com tendência à padronização e regulação dos ritmos da vida cotidiana, afetando indivíduos e instituições” (FRANCISCATO, 2019, p. 9). É possível então perceber a velocidade como um traço bastante evidente do jornalismo hoje. As informações são atualizadas em tempo real e a produção é instantânea, contemplando as técnicas que o meio on-line permite. Entretanto, essa característica do *jornalismo digital* atualmente apresenta problemas, já que

um dos maiores impactos foi relativo ao ritmo imposto pelo “tempo real” e à submissão cada vez maior à necessidade de agilidade. Com a internet o “furo” se tornou quase uma obsessão e, com a mobilidade, os jornalistas são levados a encurtar o processo de produção, passando a distribuir informações até mesmo antes de concluir a apuração. (MAIA; AGNEZ, 2015, p. 219- 220).

De acordo com Moretzson (2002), “a velocidade é consumida como fetiche, pois ‘chega na frente’ torna-se mais importante do que dizer a verdade: a estrutura industrial da empresa jornalística está montada para atender a essa lógica” (MORETZSON, 2002, p. 120). Esse cenário de informações repetidas acaba gerando um problema na qualidade dos conteúdos divulgados, como afirma Portela (2014):

Se tal perspectiva se aplica aos meios de comunicação mais tradicionais no *webjornalismo*, assolado por uma infinidade de notícias instantâneas, a questão da qualidade atinge maiores proporções. O leitor nem sempre dispõe de matérias jornalísticas feitas com rigor na apuração dos fatos e nem consegue saber se, realmente, tal produção noticiosa lhe trará novos conhecimentos. (PORTELA, 2014, p. 1).

A prática do jornalismo instantâneo faz com que a quantidade sobressaia a qualidade (PALACIOS, 2014). Entretanto, é na reportagem multimídia, nosso objeto de estudo, que vamos encontrar um contraponto para essa questão. A reportagem multimídia, que vai ser aprofundada no terceiro capítulo, se vê na contramão da instantaneidade das produções jornalísticas no meio on-line. O conteúdo multimídia busca a oportunidade de narrar de maneira mais aprofundada o

acontecimento, por meio de uma convergência de linguagens do meio digital, com o objetivo de explorar enfoques diferentes. Essas questões serão retomadas e aprofundadas mais adiante.

## 2.2 Nomenclaturas do jornalismo no ambiente on-line

Antes de tratarmos do tema da reportagem multimídia como potencializadora da memória, é importante determo-nos um pouco mais no âmbito da *web*, onde o nosso objeto empírico se situa. Mostra-se relevante entender as nomenclaturas e aspectos que permeiam o jornalismo realizado na e para a internet. Apesar de a internet já ser um dos principais meios para fins jornalísticos nos dias de hoje e existirem inúmeros estudos significativos sobre essa temática, ainda assim se faz importante deter-se sobre as terminologias utilizadas para essa prática e ajudar na compreensão do tema. É necessário determinar alguns dos conceitos para que seja possível definir algumas categorias, visando a melhor descrição e entendimento do jornalismo na *web* como objeto de estudos. É importante também evidenciar que ainda existem diversas nomenclaturas utilizadas para tratar o jornalismo feito no meio on-line como, por exemplo, *jornalismo on-line*, *jornalismo digital* ou *jornalismo multimídia*, *ciberjornalismo*, *webjornalismo*, *jornalismo transmídia*, *jornalismo multiplataforma* e *jornalismo eletrônico*.

Importante considerar que no Brasil a internet inicia seu processo de popularização em meados da década de 1990 e, poucos anos depois, autores como Bastos (2000) e Machado (2000), que estão entre os pioneiros nos estudos sobre o tema, buscaram estabelecer uma diferenciação entre tais termos. Inicialmente, Bastos em seu livro *Jornalismo electrónico. Internet e reconfiguração de práticas nas redações* (2000), realiza um levantamento bibliográfico utilizando diversos autores para definir o jornalismo eletrônico como uma nomenclatura que abrange o *jornalismo on-line* e o *jornalismo digital*. Segundo o autor, o *jornalismo on-line* é a pesquisa jornalística na *web*, que é realizada por meio da apuração das informações e conteúdos disponíveis na rede. Para Bastos (2000), porém, a forma como os jornalistas desenvolvem e disponibilizam esses produtos nas redes é chamado de *jornalismo digital*. Por outro lado, Machado (2000) em sua tese de doutorado *La estructura de la noticia en las redes digitales: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo*, defende a ideia de que o termo digital compreende a particularidade da *web* como suporte, enquanto o termo *on-line*, que para ele é mais restrito do que o digital, remete a uma característica específica do meio, não contemplando as diversas facetas que o meio da *web* proporciona. Dessa forma, o autor demonstra preferir a utilização do termo *jornalismo digital* ao invés de *jornalismo on-line*.

Um marco teórico importante no Brasil foi a publicação, em 2003, do artigo *Sistematizando alguns conhecimentos sobre o jornalismo na web*, de Luciana Mielniczuk, em que a autora propôs

uma sistematização que favorece os meios tecnológicos como “fator determinante para elaborar a denominação do tipo de prática jornalística, seja na instância da produção ou na instância da disseminação de informações jornalísticas” (MIELNICZUK, 2003, p. 2). Dessa maneira, Mielniczuk (2003), classificou o meio eletrônico como o “mais abrangente de todos, visto que a aparelhagem que se utiliza no jornalismo é, em sua maioria, de natureza eletrônica, seja ela analógica ou digital” (MIELNICZUK, 2003, p. 2). Para a autora, o termo *digital* só é possível dentro do “espectro eletrônico”, pois é usado para denominar os recursos como máquinas fotográficas digitais, gravadores de som etc. Ou seja, para ela o *jornalismo digital* também pode ser denominado jornalismo multimídia, pois “implica na possibilidade da manipulação conjunta de dados digitalizados de diferentes naturezas: texto, som e imagem” (MIELNICZUK, 2003, p. 3). A autora, em seu artigo, também define o termo on-line:

Termo online reporta à ideia de conexão em tempo real, ou seja, fluxo de informação contínuo e quase instantâneo. As possibilidades de acesso e transferência de dados online utilizam-se, na maioria dos casos, de tecnologia digital. Porém, nem tudo o que é digital é online. (MIELNICZUK, 2003, p. 5).

Outra nomenclatura utilizada para se referir ao jornalismo praticado na *web* é a *ciberjornalismo*. Para compreender melhor sua origem, é necessário entender o conceito de ciberespaço. Antes mesmo dos anos 2000, Lemos (1999) descrevia o ciberespaço como sendo uma parte de uma cibercultura, ou seja, “o lugar onde estamos quando entramos num ambiente virtual (realidade virtual)”, e também um “conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta (BBS, videotextos, Internet...)” (LEMOS, 1999, p. 13). O autor acreditava, na época, que as evoluções tecnológicas estavam caminhando para que as redes se interligassem. E baseando-se em Lemos, Mielniczuk (2003) classificou o *ciberjornalismo* como sendo uma nomenclatura para o “jornalismo realizado com o auxílio de possibilidades tecnológicas oferecidas pela cibernética ou ao jornalismo praticado no - ou com o auxílio do - ciberespaço” (MIELNICZUK, 2003, p.4). Ou seja, a mera utilização de um computador durante a produção de uma matéria jornalística seria classificada como *ciberjornalismo*.

Por último, mas não menos importante, temos o *webjornalismo*. Mielniczuk, em outro artigo que se tornou referencial para os estudos do *jornalismo digital*, denominado *Webjornalismo de Terceira Geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web* (2004), explica que o *webjornalismo* possui seis características: hipertextualidade, interatividade, multimídia, personalização, memória e atualização contínua. Dessa forma, para a autora o *webjornalismo* era um termo utilizado para “designar tendências ou soluções que apresentem inovações na modalidade de jornalismo desenvolvido para o novo suporte” (MIELNICZUK, 2004, p. 4).

Canavilhas (2001) explica que a terminologia usada deve estar de acordo com o suporte técnico que o jornalismo utilizará. Por exemplo, o jornalismo trabalhado na televisão ser chamado de “telejornalismo” ou o jornalismo realizado no rádio ser chamado de “radiojornalismo”. Seguindo essa mesma lógica, o jornalismo praticado na *web* seria considerado como *webjornalismo*. Outro autor que também se deteve sobre essa nomenclatura é Marcos Palacios (2002), que via o *webjornalismo* como uma forma de ruptura com antigas abordagens e práticas jornalísticas em busca de um “novo jornalismo” (PALÁCIOS, 2002, s/p).

A seguir está uma sistematização produzida por Mielniczuk (2003), em que a autora apresenta de forma resumida as “delimitações terminológicas” elaboradas até aquele momento:

*Jornalismo eletrônico*: Utiliza de equipamentos e recursos eletrônicos.

*Jornalismo digital ou jornalismo multimídia*: Emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de bits.

*Ciberjornalismo*: Envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço.

*Jornalismo on-line*: É desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real.

*Webjornalismo*: Diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet, que é a *web*. (MIELNICZUK, 2003, p.5, adaptado pela autora da dissertação).

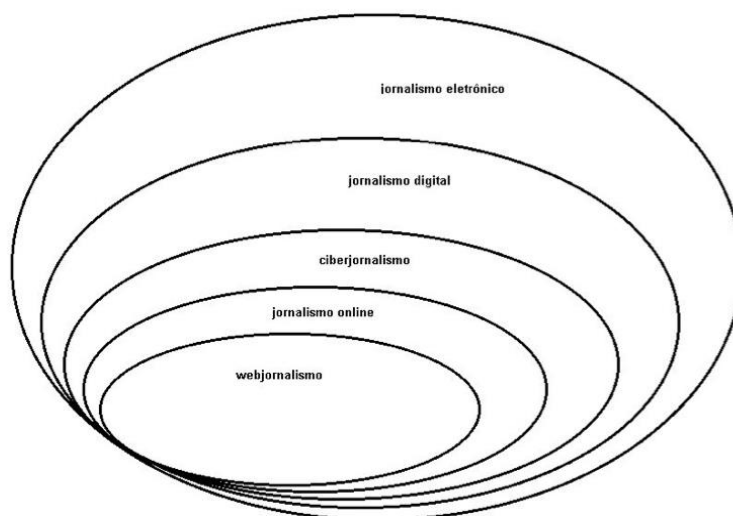
O percurso do *webjornalismo* é visto, em geral, tendo percorrido quatro fases distintas em sua trajetória. John Pavlik (2001) propõe essa distinção das fases a partir dos usos de recursos multimídias da *web*, pensando a partir dos conteúdos produzidos e disponibilizados pelo jornalismo. O autor ainda afirma que os meios on-line estavam reconfigurando as técnicas narrativas, justamente por oferecer a oportunidade de uma maior contextualização dos acontecimentos. De acordo com ele, o relato interativo, que está presente na reportagem multimídia, possui como principal característica a integração entre mídias como fotografia, vídeo etc.

Dessa forma, Luciana Mielniczuk em seu estudo *Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual* (2003) afirma que:

O jornalismo desenvolvido para a *web* não é um fenômeno concluído e, sim, em constituição e, mesmo com menos de uma década de história, vem apresentando transformações significativas. Por um lado, por causa dos avanços tecnológicos pelos quais a própria *web* tem passado, por outro, devido às descobertas de possibilidades oferecidas pela *web* para a prática do jornalismo (MIELNICZUK, 2003, p. 4).

A autora salienta também que as diversas práticas do jornalismo na internet não são “excludentes”, mas sim “as práticas e os produtos elaborados perpassam e enquadram-se de forma concomitante em distintas esferas” (MIELNICZUK, 2003). Com a ilustração a seguir, a autora busca materializar seu raciocínio.

**Figura 1 -Resumo das definições de nomenclaturas sobre práticas de produção e disseminação de informação no jornalismo contemporâneo**



**Fonte: MIELNICZUK, L. (2003, p. 5).**

### *2.2.1 As gerações do webjornalismo*

Mielniczuk (2003) tenta também organizar o processo de aproximação do jornalismo às dinâmicas do ambiente digital/virtual, observando-o a partir do que ela chama de gerações. Na primeira geração, em meados da década de 1990, os produtos jornalísticos on-line eram reproduções de matérias e reportagens produzidas pelos grandes jornais impressos, que estavam começando a ocupar espaço na internet. Ou seja, era apenas realizada a reprodução de materiais jornalísticos de um ou duas das principais matérias de editorias no impresso para o meio on-line. Não havia uma narrativa própria da *web* (MIELNICZUK, 2003). Silva Júnior (2001) em seu estudo intitulado *A relação das interfaces enquanto mediadoras de conteúdo do jornalismo contemporâneo: agências de notícias como estudo de caso* denomina esse modelo como “transpositivo” pois, segundo ele, era um “modelo eminentemente presente nos primeiros jornais on-line onde a formatação e organização seguia diretamente o modelo do impresso” (SILVA JÚNIOR, 2001, p. 3). Nesse período, não havia uma produção exclusiva para a *web*, o que tornava o conteúdo do site dependente do que fosse fabricado pelo jornal impresso.

Na fase posterior, no fim dos anos 1990, surgiram tentativas por parte dos grandes jornais de experimentar novas possibilidades a partir das características que são oferecidas pelo meio on-line. Segundo Mielniczuk (2003), esta é a “fase da metáfora”, pois o jornal impresso ainda é visto como a principal referência para a elaboração dos produtos jornalísticos na *web*. As publicações on-line

passam a usufruir das ferramentas disponibilizadas pela *web* como, por exemplo, o e-mail, que passa a ser utilizado como uma forma de comunicação entre jornalistas e audiência; a elaboração de notícias por meio do hipertexto; links com chamadas para as principais notícias divulgadas, entre outros (MIELNICZUK, 2003).

Pavlik (2001) acredita que no início dos anos 2000 é quando o “terceiro estágio está apenas começando a surgir” (PAVLIK, 2001, p.67). Para o autor, a terceira fase seria marcada por uma produção jornalística realizada especialmente para a *web*. Dessa forma, ele afirma que os meios on-line estão reconfigurando as técnicas narrativas, justamente por oferecer a oportunidade de mais contextualização dos acontecimentos. De acordo com ele, o relato interativo, que está presente na reportagem multimídia, possui como principal característica a integração entre mídias como fotografia, vídeo etc. Pavlik (2001) entende que esses recursos contribuem para a ideia do chamado “jornalismo contextualizado”, que permite material jornalístico mais completo. Já para Dalmonte (2009), é importante compreender que as fases do *webjornalismo* que estamos estudando não se excluem, sendo possível encontrar em um mesmo produto características de cada uma delas.

De acordo com Mielniczuk (2002), nos produtos jornalísticos desta geração é possível encontrar:

Tentativas de efetivamente explorar e aplicar as potencialidades oferecidas pela *web* para fins jornalísticos. Neste estágio, entre outras possibilidades, os produtos jornalísticos apresentam: - recursos em multimídia, como sons e animações, que enriquecem a narrativa jornalística; - recursos de interatividade, como chats com a participação de personalidades públicas, enquetes, fóruns de discussões; apresentam opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário; - a utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também como uma possibilidade na narrativa jornalística de fatos; - atualização contínua no webjornal e não apenas na seção ‘últimas notícias’(MIELNICZUK, 2002, p. 3).

Sendo assim, a terceira geração alterou não somente o produto jornalístico, mas também a rotina de produção dos veículos de comunicação, que passaram a agir “de acordo com as novas possibilidades tecnológicas” (DALMONTE, 2009, p. 123). Entretanto, o autor afirma que os recursos como fotos e vídeos, além da narrativa da notícia não significam “grandes inovações”, pois “estão em consonância com o novo ambiente da rede, que viabiliza a convergência de linguagens midiáticas distintas” (DALMONTE, 2009, p. 123). Vale ressaltar, ainda segundo Dalmonte (2009), que também é nessa fase que os portais jornalísticos passam a ser vinculados a *blogs*, *chats*, fóruns de discussão e outros, possibilitando o aspecto da interatividade, tão importante para o *webjornalismo*.

### 2.2.2 Webjornalismo ou ciberjornalismo de quarta geração

Mais à frente, em termos dessa cronologia de surgimento e uso das nomenclaturas relativas ao *jornalismo digital*, Barbosa publicou em 2008 o artigo *Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração*. Nele, a autora aborda a quarta fase do *web* ou *ciberjornalismo*, em que as bases de dados tornam-se valiosas para o contexto convergente. Segundo a autora, “o cenário no qual emerge a quarta geração do *ciberjornalismo* é marcado pela consolidação das bases de dados como estruturantes da atividade jornalística e como agentes singulares no processo de convergência jornalística” (BARBOSA, 2008, p. 9). Vilso Junior Santi em *O processo de apuração no webjornalismo de quarta geração* (2009), conceitua o *webjornalismo* de quarta geração da seguinte maneira:

(...) o *webjornalismo* de quarta geração (4G) vai se utilizar de banco de dados que, devido à tecnologia internet, junto com as linguagens de programação muito dinâmicas, passaram a gerar páginas que somente existem devido às solicitações do usuário ao navegá-las; e/ou telas que podem apresentar áreas de informações flexíveis em estruturas que possibilitam a correlação de dados e de campos informativos. (SANTI, 2009, p. 187).

Barbosa (2008) ainda destaca que é durante a quarta geração do *ciberjornalismo* que se disseminou o uso das plataformas móveis. As equipes de jornalismo se tornam mais especializadas com matérias e narrativas pensadas para o cenário da *web*. Ou seja, o contexto no qual se encontra o *ciberjornalismo* ou o *webjornalismo* de quarta geração é o das múltiplas telas, da mobilidade. As bases de dados ampliam e impulsionam o jornalismo na *web*, possibilitando correlacionar os conteúdos, o que é chamado por Barbosa de “inter-relacionamento/hiperlinkagem”. Além disso, a autora também destaca as novas características do contexto como, por exemplo, o dinamismo, a densidade de informações, a diversidade temática, a flexibilidade e a automatização dos produtos jornalísticos no meio on-line.

Entretanto, essas quatro gerações do *webjornalismo* não contemplam a dimensão possível para os produtos do *jornalismo digital*. O termo *jornalismo digital* é escolhido neste estudo por entendermos que o suporte onde são encontradas as reportagens multimídias não está apenas ligado à *World Wide Web* (www). Um exemplo disso é a leitura das publicações em *tablets*. Dessa forma, a nomenclatura do *webjornalismo* remete à ideia de produtos dependentes da “www” para suas características como design, estrutura de formatação e linguagens.

Ou seja, esse termo se refere a um período específico em que a informação jornalística estava apenas disponível em páginas de sites da *web*. O *jornalismo digital* é um termo que possui uma abordagem mais ampla, pois se refere a todos os procedimentos que implicam “no tratamento de dados” (MIELNICZUK, 2003, p.3). Isso nos permite pensar a prática jornalística a partir de qualquer formato que ela esteja utilizando, conectado ou não. Um exemplo são os aplicativos *mobile*, que não precisam estar conectados à internet para que seja possível realizar a leitura de seus conteúdos, o que

faz com que os produtos dependam da internet para a atualização da página, mas são independentes na leitura ou visualização, apesar de alguns conteúdos ou vídeos necessitarem da conexão com a internet para serem visualizados.

### 2.2.3 A quinta geração: jornalismo de dados

Barbosa (2013) também destaca a relevância de se pensar uma quinta geração do *jornalismo digital*. A autora afirma que “o paradigma *Jornalismo em Base de Dados* é balizador para inferirmos a existência de uma quinta geração de desenvolvimento para o jornalismo nas redes digitais” (BARBOSA, 2013, p. 17). Assim, a autora identifica a necessidade de um *jornalismo digital*, cujas características estejam em coerência com as iniciativas móveis, isto é, com produtos ou aplicativos que possuam características como mobilidade, independência do espaço da *web*, conectividade, potencial offline etc. Silva (2018), compreende que as novas tecnologias permitem trabalhar de modo otimizado grandes volumes de informações que “antes estavam restritos a planilhas fechadas e complicadas de lidar” (SILVA, 2018, p. 43). Nos dias atuais, os dados constituem um grupo grande de informações com fotos, vídeos, documentos diversos etc (MANCINI e VASCONCELOS, 2016, p. 71).

Silva (2018) entende o *jornalismo de dados* como sendo a combinação entre o trabalho jornalístico e as novas possibilidades de trabalho com dados. Entretanto, a autora percebe o uso de dados em reportagens como uma prática antiga e, por isso, não é possível afirmar que ele seja algo novo. Segundo Silva (2018), o “mais correto é considerar que o *jornalismo de dados* está em outra geração” (SILVA, 2018, p. 45). Para a autora, o *jornalismo de dados* encontra-se em uma nova etapa:

Uma grande diferença da era digital está no enorme volume de dados disponíveis no ciberespaço, que inclui sites digitais de governos, empresas e instituições, fonte rica para o trabalho jornalístico. A adoção de políticas de acesso à informação e de transparência por governos de todo o mundo é indispensável no desenvolvimento do JD (*jornalismo de dados*). (SILVA, 2018, p. 46).

Para Mancini e Vasconcelos (2016), o avanço tecnológico tem incentivado a criação de novas práticas no processo jornalísticos. Os autores também consideram que essas mudanças no modo como o *jornalismo de dados* é realizado resultam em mudanças no tipo e na qualidade dos conteúdos que são ofertados ao público democrático. De acordo com Mazotte (2016), apesar da grande quantidade de dados disponíveis no meio on-line, o *jornalismo de dados* possui como desafio o acesso à informações governamentais de interesse público, que não são liberadas. Para ele, “o ativismo em prol da transparência precisa fazer parte da rotina de quem lida com dados, pressionando gestores e servidores públicos a manterem suas bases bem estruturadas, atualizadas e acessíveis” (MAZOTTE, 2016, p. 10). O autor atenta para a necessidade cada vez maior dos jornalistas estarem abertos a atuar

com vazamento de dados, além de um aprimoramento com relação as técnicas de monitoramento e medição dos sistemas informacionais de governos e empresas (MAZOTTE, 2016, p. 11).

Sendo assim, o *jornalismo de dados* se dá por meio do manejo dos dados de modo que o jornalista “ao fazer a mineração desse material bruto, consiga enxergar e disponibilizar, por meio de uma narrativa e da disponibilização dos próprios dados, a história que tais números tentam contar” (LIMA, 2016, p. 283). Silva (2018) afirma que “o *jornalismo de dados* abre infinitas possibilidades de exploração, sendo necessária a percepção das riquezas que estão escondidas em um determinado grupo de dados” (SILVA, 2018, p. 47). Para a autora essa quinta geração do jornalismo possibilita “novas abordagens para a narrativa jornalística”, buscando apresentar os dados coletados de forma simplificada e atraente para o seu leitor.

Abre-se também o leque de perspectivas a serem exploradas, desde a aproximação dos cidadãos a temáticas para os ajudar a tomar decisões, até a apresentação de assuntos abstratos de maneira visível ou o relacionamento de variantes complexas, por exemplo. A contextualização e a significação dos fatos são de extrema importância, já que, após passar por um tratamento jornalístico, um conjunto de dados adquire valor inestimável e inovador. (SILVA, 2018, p. 50).

Atualmente os termos *webjornalismo* e *ciberjornalismo* praticamente já não são utilizados, pois circunscreviam um tipo de jornalismo feito para internet, comum no começo dos anos 2000. Entretanto, percebe-se, por meio desse estudo, que a busca pela conceituação do jornalismo na *web* no Brasil se deu principalmente no início do século XXI, sendo possível encontrar nos anos atuais mais estudos sobre os processos e práticas que estão presentes no contexto do *jornalismo digital*. Dessa forma, encontramos as nomenclaturas jornalismo transmídia e jornalismo multiplataforma, que tentam dar conta de um cenário mais contemporâneo, relacionados à distribuição de conteúdos em perspectiva multiplataforma e à participação ativa do público na circulação desses conteúdos e conexões digitais, em especial conexões de redes sociais on-line. Apesar disso, ainda não há um consenso na comunidade de estudiosos sobre a nomenclatura adequada para tratar o jornalismo realizado na internet. Por essa razão, iremos utilizar o termo *jornalismo digital* por ser um termo mais abrangente e que nos permitirá estudar as reportagens multimídias independentemente das plataformas em que elas estejam.

Para compreender a prática da reportagem multimídia, nosso objeto de estudo, passaremos também pelos termos transmidiático ou transmidiação, convergência e multimídia ou multimidiático, que serão aprofundados no capítulo 4. Por hora, entendemos que para Carlos Scolari (2014), a transmidiação é um fenômeno que pode ser identificado desde a invenção do jornalismo. Para ele, a transmidiação ocorre desde a expansão dos veículos impressos para a televisão e para o rádio e vice-versa. Desde sempre o público também já possuía um papel importante nos conteúdos divulgados

participando através de cartas ou telefone. Hoje em dia, essa característica é potencializada pelas tecnologias digitais, que facilitam a interação, produção e a forma como esse produto é realizado e distribuído em multiplataformas.

Já a convergência dos meios de comunicação acontece por meio da “complementaridade de conteúdos, criando ambientes de interação entre o emissor e o receptor”, possibilitando a “criação de conteúdo interativo permite ao receptor criar uma rede de informações conforme suas preferências, escolhendo conteúdos que lhe sejam úteis ou interessantes” (RODEMBUSCH e MENEZES, 2019, p. 12). Jenkins (2009) define a convergência como um transformador cultural, pois possibilitou a busca de informações de um mesmo conteúdo em mídias diferentes, que caracteriza uma multimídia.

### **2.3 Características do jornalismo digital**

A internet oferece ao jornalismo algumas potencialidades que são cada vez mais exploradas pelos veículos existentes na *web*. Bardoel e Deuze (2000) identificaram quatro características da prática jornalística na *web*: interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimídia. Segundo Palácios (2003), é possível identificar seis características: interatividade, customização de conteúdos, hipertextualidade, multimídia, memória e instantaneidade. Além desses aspectos, Canavilhas (2014) apresenta também uma sétima característica chamada ubiquidade. Todas elas serão detalhadas a seguir, principalmente a memória e a multimídia, que permeiam o nosso objeto de estudo.

#### **2.3.1 Interatividade**

A interatividade é uma das características essenciais da comunicação na *web*. É um conceito chave nos estudos do jornalismo nos dias atuais, ou seja, não é exclusiva do *jornalismo digital*. No jornalismo atual é cada vez mais importante o contato e a participação do público. Para os autores Bardoel e Deuze (2000), a notícia on-line aproxima o leitor do processo de produção da notícia e também do jornalista e/ou veículo. Eles consideram que isso acontece de diversas maneiras, como, por exemplo, pela troca de e-mails entre receptores e jornalistas; enquetes; comentários e opiniões dos leitores no fim da matéria e também *chats* com os jornalistas. Sendo assim, essa característica se relaciona a capacidade do portal de adotar o aspecto colaborativo em conjunto com sua audiência, que inclusive pode exercer o papel de força produtiva para a notícia. De acordo com Quadros (2005), a interatividade nas versões on-line dos meios de comunicação tradicionais permite que o usuário tenha uma voz mais ativa no que está sendo produzido e veiculado.

Alejandro Rost (2014) afirma que há dois tipos de interatividade no jornalismo realizado na *web*. A primeira é a interatividade seletiva, que é entendida como a possibilidade de controle do leitor

sobre o conteúdo, ou seja, "o leitor tem o poder de decidir os conteúdos que gostaria de ter acesso, personalizar a página escolhendo tamanho de fonte, cores, ordenação de temas etc)" (ROST, 2014, p. 57). Existe também um menu com alternativas de distribuição e recepção de conteúdos, isto é, "pode enviar a matéria por email, compartilhar nas redes sociais etc" (ROST, 2014, p. 58). Segundo o autor, isso tudo acontece principalmente por causa do hipertexto, que será explicado na característica hipertextualidade.

A segunda é a interatividade comunicativa, que representa as possibilidades de comunicação e expressão que o público tem nos conteúdos dos meios. São os comentários abaixo das notícias, perfis em redes sociais abertos à interação com a audiência, *blogs* de cidadãos/as, pesquisas, fóruns, entrevistas a personalidades com perguntas de leitores, publicação de e-mails de jornalistas para contato, *chats*, envio de notícias/fotografias/vídeos, entre outros (ROST, 2014, p. 53).

Dessa forma, conclui-se que a interatividade é uma série de processos interativos e não um único meio. Lemos (1997) e Mielniczuk (1998) trabalham a ideia de que esse conjunto de processos que correspondem à relação do leitor com o jornal na *web* é denominado "multi-interativo", pois no momento em que se conecta à internet o usuário estabelece relações diversas: com a máquina, com o conteúdo jornalístico e com outras pessoas, seja o jornalista autor da matéria ou outros leitores.

### 2.3.2. Customização de conteúdos ou personalização

Também denominada personalização ou individualização, essa característica ganhou força a partir dos avanços das gerações e conseqüentemente práticas discursivas do *webjornalismo*. Consiste em uma configuração oferecida ao usuário para que ele personalize o conteúdo jornalístico de acordo com seus interesses pessoais. A *web* permite ao usuário uma personalização individual e específica, levando em consideração os meios e as formas de navegação de cada leitor, assim como no jornal impresso, onde temos a segmentação do conteúdo por cadernos especiais voltados para um público específico. Um exemplo é o do site da CNN<sup>2</sup>, que permite ao usuário pré-selecionar os assuntos de seu interesse e a sua hierarquização.

Segundo Ribas (2004), na customização de conteúdo a informação pode ser personalizada por se configurar em acordo com os interesses do usuário que deseja obter informações específicas. É possível também ao leitor definir suas preferências de cores, dados e hierarquias, tamanho da fonte etc. Dessa forma, a customização permite que o receptor fortaleça sua relação com o canal de informação, pois permite que ele escolha como e aonde navegar pela plataforma.

---

<sup>2</sup> A CNN (Cable News Network) é um canal de notícias de televisão por assinatura estadunidense, em propriedade da WarnerMedia. A CNN foi fundada em 1980 por Ted Turner como um canal de notícias 24 horas.

Lorenz (2014) define seis graus que devem ser considerados na personalização de conteúdos. O primeiro grau é chamado *resposta*, a capacidade de resposta ou possibilidade das páginas jornalísticas de se adaptarem a diferentes suportes como *pc*, *tablet*, *smartphones*. O segundo grau é de *alterar com base na hora do dia*. Esse grau é uma estratégia de personalização que vai além da forma como o *design* do produto se apresenta. De acordo com Lorenz (2014), funciona basicamente assim: "apoiado no tempo e nas necessidades do leitor, o conteúdo se adapta" (LORENZ, 2014, p. 143).

Por exemplo: no início da manhã, as pessoas querem obter uma visão geral, muito parecida com o que costumavam obter de um jornal impresso. Dessa forma, o conteúdo mostrado é mais diverso. Durante a tarde, existem mais pessoas conectadas do que durante a manhã, pois essas pessoas podem procurar por atualizações de conteúdos que já leram. Além disso, elas estão também mais conectadas às redes sociais e, com isso, compartilhando o que elas acham mais interessante. À noite esse padrão muda completamente, pois agora as pessoas tem mais tempo para ver vídeos com som, algo que muitas vezes não podem fazer no trabalho durante o horário comercial. Entretanto, são poucos os *websites* que exploram essa possibilidade (LORENZ, 2014).

O terceiro grau é denominado *interação significativa* e a ideia é apresentar o conteúdo de novas formas, em que o utilizador pode deixar comentários, pode ainda aprender algo novo numa abordagem passo a passo, ou escrever ele mesmo o conteúdo, tal com no Wikipedia<sup>3</sup> ou – mais recentemente – no Medium<sup>4</sup>. O quarto grau é a *ajuda na decisão*, que é quando os mídias ajudam seu leitor em sua escolha. O exemplo utilizado por Lorenz (2014) é o de uma animação interativa feita pelo The New York Times<sup>5</sup>, onde é possível saber se é melhor alugar ou comprar uma casa a partir dos dados que o leitor fornece.

O quinto grau chama-se *calibração e algoritmos*. Ele refere-se à calibração das notícias, isto é, atualizar as notícias com dados frescos. Porém, ainda há muitas armadilhas e é por isso que são necessários algoritmos de correção. Essas métricas e tecnologias ainda se confundem com as desenvolvidas para *websites* de marketing e não para *websites* de mídia.

O sexto e último grau é o *adaptável para mudar*. Sabemos que a possibilidade dos aplicativos de dados e notícias serem adaptáveis às mudanças não é uma novidade, mas esse grau se refere a uma mudança aliada a uma necessidade. Um bom exemplo seria um aplicativo fictício que permitisse a

---

<sup>3</sup> A Wikipédia é um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre, baseado na *web* e escrito de maneira colaborativa.

<sup>4</sup> *Medium* é uma plataforma de publicação de blog fundada pelo c-fundador do Twitter, Evan Williams, em agosto de 2012. A plataforma possui contribuições profissionais e não profissionais pagas, sendo um exemplo do chamado jornalismo social.

<sup>5</sup> The New York Times é um jornal diário estadunidense, fundado e publicado continuamente em Nova York desde 18 de Setembro de 1851, pela The New York Times Company. O The New York Times ganhou 117 prêmios Pulitzer, mais do que qualquer outra organização de notícias.

pessoa apontar o dispositivo para um carro e imediatamente obter informações relativas à confiabilidade, disponibilidade etc (LORENZ, 2014).

### 2.3.3 Hipertextualidade

Esta característica é específica do *jornalismo digital*, possibilitando interconectar textos por meio de *links* e oferecendo ao usuário leituras complementares que incluam outras informações ao tema ou matéria acessada. Nessa característica, o usuário tem a possibilidade de se aprofundar no assunto, pois ele consegue acessar as informações desdobradas sobre o tema em um processo conectivo e extenso. Bardeel e Deuze (2000) explanam sobre essa possibilidade de, a partir de um texto, o leitor conseguir ter acesso a outros textos, outros sites relacionados ao assunto, materiais de arquivos de jornais ou ainda textos que possam gerar controvérsias sobre o tema noticiado. Marcuschi (2001) explica que a definição do fluxo das leituras é estabelecido pelo leitor, pois não há nesse processo uma sequência fixa ou preestabelecida. O hipertexto é um processo multilinear, indeterminado multisequencial.

Canavilhas (2014) afirma que a hipertextualidade é uma das características fundamentais no *jornalismo digital*, mas, apesar disso, é "notória a ausência de um conjunto de regras de utilização que ajudem os jornalistas no processo de produção de notícias para a *web*" (CANAVILHAS, 2014, p. 21). Segundo o autor, as constantes evoluções e mudanças do *jornalismo digital* contribuem para uma "instabilidade do setor" (CANAVILHAS, 2014, p.21). Ainda de acordo com o autor, "o sucesso do *webjornalismo* depende da qualidade dos conteúdos, sendo obrigatório que estes tirem o máximo partido das diversas características do meio" (CANAVILHAS, 2014, p. 22).

### 2.3.4 Multimídia

No contexto do *jornalismo digital*, a multimídia consiste na condução de novas formas de se utilizar ferramentas como imagem, texto e som. Refere-se à convergência desses dispositivos na narração do fato jornalístico, a fim de possibilitar ao leitor uma matéria mais completa. Para Palacios (2003), a multimídia se refere "à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico" (PALACIOS, 2003, p. 3).

Ainda pensando nessa característica, podemos destacar o processo de convergência, em que as empresas jornalísticas têm em vista uma produção multimídia de seus conteúdos. Ou seja, textos, fotografias, sons, vídeos e gráficos podem ser usados na construção de materiais para diferentes meios como televisão, rádio, impresso e on-line de forma coletiva e colaborativa.

Dessa forma, é possível entender a convergência como condição necessária para desdobramento da multimídia (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p.55). Além disso, Alves

(2006) também aponta para o aspecto da sobrevivência econômica das empresas de comunicação, já que “a internet pode ser rádio, tv, jornal, revista, tudo ao mesmo tempo” e “o jornalismo não deve mais se restringir aos mesmos limites que o meios tradicionais tinham que respeitar” (ALVES, 2006, p. 98). Essa característica será retomada posteriormente e aprofundada, para melhor compreensão do seu funcionamento na prática a partir de nosso objeto de estudo: as reportagens multimídias.

Salaverría (2014) sintetizou três formas principais para entendermos o conceito de multimídia. O primeiro é o do “multimídia como multiplataforma”. Esse primeiro se refere a, por exemplo, uma mesma empresa jornalística que articula suas diferentes coberturas informativas para conseguir um resultado em conjunto. Pode também ser chamado de *cross-media*<sup>6</sup>. O segundo é o “multimídia como polivalência”. Esse segundo trata-se do “jornalista multimídia”. É o novo perfil do jornalista, caracterizado por acumular distintas tarefas que no passado eram desempenhadas por diferentes pessoas na redação.

O autor aponta para três tipos de polivalência: a primeira é a “polivalência mediática”, que se refere a quando o jornalista “trabalha simultaneamente para distintos meios” (SALAVERRÍA, 2014, p. 28). A segunda é chamada de “polivalência temática”, que “acontece quando um jornalista trabalha sem nenhuma especialização informativa” (SALAVERRÍA, 2014, p. 28). Nesse caso, o jornalista não possui domínio em apenas uma editoria específica, podendo trabalhar com temas diversos. Isso acontece principalmente em meios de comunicação menores. O terceiro e último é a “polivalência funcional”, que “relaciona-se especificamente com o conceito de multitarefa” (SALAVERRÍA, 2014, p. 28), o que significa dizer que o jornalista desempenha diversas funções dentro de uma redação.

A terceira forma de compreender o conceito de multimídia através da “multimídia como combinação de linguagens” é justamente por meio da reportagem ou matéria composta pela combinação de diferentes meios como imagens, sons e textos para a transmissão da informação. Por se tratar de uma das bases de observação neste estudo, vamos abordar essa noção de multimídia de modo mais detido à frente.

### 2.3.5 Instantaneidade

A característica da instantaneidade está relacionada ao modo de consumo das notícias, principalmente nos últimos anos. A produção jornalística tem se tornado cada vez mais acelerada, sobretudo pelos avanços tecnológicos. Bradshaw (2014) afirma que tanto a convergência quanto a digitalização permitiram ao *jornalismo digital* novos recursos, modificando o ritmo da produção, que

---

<sup>6</sup> *Cross-media* (também conhecido como *cross media* ou *crossmedia*) é a distribuição de serviços, produtos e experiências por meio das diversas mídias e plataformas de comunicação existentes no mundo digital e offline. Conceito da década de 1990, envolvendo publicidade em múltiplos meios.

agora se encontra em um ambiente multiplataforma. A instantaneidade do consumo alterou não só o comportamento das pessoas, mas também o contexto onde o acesso ao conteúdo é realizado (BRADSHAW, 2014, p. 113). O “local de trabalho” tem se tornado “um lugar chave para o consumo de notícias online” (BOCZKOWSKI, 2010 *apud* BRADSHAW, 2014, p. 113), o que aumentou o consumo de matérias com conteúdos considerados “seguros”. Boyd (2010) afirma que a audiência no on-line está deixando de ser efetivamente engajada e se tornando uma audiência que está:

Periféricamente consciente da informação na medida em que esta flui, agarrando-a no exato momento em que é relevante, valiosa, divertida ou perspicaz. Para estar vivendo com, em e em volta da informação. A maior parte desta informação é informação social, mas algo desta é a informação de entretenimento ou notícia ou informação produtiva. (BOYD, 2010, p. 28).

Bradshaw (2014) compreende que a instantaneidade em publicação no meio digital, onde os veículos passam a não mais depender de impressoras, ou das grades de programação da televisão ou do rádio, é a principal inovação que o on-line produz. Porém, o autor atenta para o novo desafio para o jornalismo, pois as notícias não são mais produzidas com “limitações do espaço físico que sustentava a organização das redações” (BRADSHAW, 2014, p. 116). Para a autora, “a captação de notícias, sua produção e distribuição” ocorrem de maneira simultânea, sendo “potencializadas” (BRADSHAW, 2014, p. 116).

Dessa forma, a instantaneidade redefine tanto as ações quanto as estratégias que alteram o tempo das publicações, fazendo com que a captação, produção e distribuição das matérias sejam constantemente adaptadas em função do instantâneo. Essa questão será aprofundada no tópico 1.5 A superficialidade e outros e desafios do *jornalismo digital*.

### 2.3.6 Ubiquidade

A característica da ubiquidade aparece no estudo de Pavlik (2014) e significa “ser encontrado em todo lugar”. Segundo o dicionário Merriam-Webster, a palavra significa “presença em todo lugar ou em muitos lugares, sobretudo simultaneamente”. De acordo com o autor, no contexto da mídia a ubiquidade implica que “qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso a uma rede de comunicação interativa em tempo real” (PAVLIK, 2014, p. 160). Isso quer dizer que “as pessoas conseguem não só acessar notícias e entretenimento como também participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global” (PAVLIK, 2014, p. 160).

Pavlik (2014), aponta para quatro consequências da ubiquidade para o jornalismo. A primeira delas é o “jornalismo cidadão”, que entende que, com a chegada da internet ubíqua e o “surgimento das mídias de comunicação móvel”, tem aumentado a participação dos cidadãos no “processo de coleta e distribuição de notícias” (PAVLIK, 2014, 163).

O autor também aponta para o fato de as redes sociais facilitarem esse processo. A segunda consequência é o “crescimento de novas formas narrativas geolocalizadas e imersivas”. De acordo com Pavlik (2014), geolocalização relaciona-se à “habilidade de etiquetar vídeos e outros conteúdos midiáticos com informação sobre a localização, que usualmente é obtida por dados de GPS” (PAVLIK, 2014, p. 173). Dessa forma, a geolocalização tem se tornado uma característica em crescimento nas notícias, principalmente quando utilizada em fotografias e também nas redes sociais e conteúdos midiáticos.

A terceira consequência é o “crescimento do *Big Data* e do Jornalismo orientado por dados” (Pavlik, 2014). Para Pavlik (2014), a “conectividade ubíqua possibilitou uma série de novas habilidades que envolvem a coleta de grande volume de informação” (PAVLIK, 2014, 176). Muitos destes dados do Big Data estão disponibilizados de forma gratuita para os veículos de comunicação. O *jornalismo digital* tem a possibilidade de fornecer contexto a matérias por meio dessa base de dados (PAVLIK, 2014, p. 177). A quarta e última consequência é a do “declínio da privacidade e sua substituição por uma sociedade da vigilância global” (PAVLIK, 2014, p. 178). Com a grande quantidade de dados disponíveis por meio do Big Data e também com a mídia ubíqua, a privacidade vêm sendo “rapidamente corroída”.

### 2.3.7 Memória

A memória como característica do jornalismo realizado na internet se refere à possibilidade de acúmulo de informações no meio on-line. Para Palacios (2003), essa acumulação se torna mais viável técnica e economicamente na *web* do que em outros meios de comunicação. Segundo ele, “a possibilidade de disponibilização on-line de toda informação anteriormente produzida e armazenada, através da criação de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação da informação” (PALACIOS, 2003, p 8). Então, a memória pode ser recuperada não só pelo jornalista que produz a informação, como também pelo usuário. O *jornalismo digital* não possui as limitações de tempo e espaço, conseguindo acumular e possuir uma memória múltipla e instantânea. Dessa maneira, o volume de informações disponibilizadas pelo *jornalismo digital* é muito maior do que o possível em outros meios noticiosos.

O cenário atual da internet permite que o jornalismo se aprofunde na contextualização das notícias, auxiliando na construção de percepções positivas e negativas sobre diversos temas. Os canais de comunicação na *web* oferecem oportunidades de amplificação de vozes, além de ganhar mais potência para produzir e publicar conteúdos, conquistando a atenção de mais pessoas. Essa “potencialização” é defendida por Palacios (2002), pois os “limites espaciais para disponibilização de material noticioso” (PALACIOS, 2002, P. 6) começam a ser quebrados, o que, para o autor, é uma

particularidade que deve ser utilizada de forma que ocorra a reconfiguração das dimensões jornalísticas.

Para além da "quebra dos limites físicos" [...], acreditamos que o jornalismo na Web encontra sua especificidade não apenas na Potencialização das características já descritas, mas principalmente pela combinação dessas características potencializadas, gerando novos efeitos. (PALACIOS, 2002, p.7).

A reportagem multimídia, no contexto do digital, possibilita que sejam unidos diferentes recursos que juntos agregam à criação de um conteúdo completo e dinâmico em um mesmo espaço. Para Palacios (2002), “a convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade” (PALACIOS, 2002, p. 3). Portanto, esse formato não se limita ao texto escrito, fotos e imagens ilustrativas. Textos, áudios, vídeos, simulações, fotografias e animações podem fazer parte da narrativa de maneira complementar, explorando os diferentes sentidos da percepção humana. Quando esses recursos são integrados em um único produto, ele se torna multimídia.

É possível então compreender a reportagem multimídia como um tipo mais avançado de reportagem para a *web*. A reportagem multimídia recorre ao *design*, à informação visual (MACHADO, 2001, p. 5) para aproximar o público, submergir o usuário no acontecimento e estabelecer relações entre os conteúdos em diversos formatos integrados. Além disso, apresenta um hipertexto modular, com multimidialidade por integração. A memória é ativada como potente contextualizador da história, articulando o tempo da narrativa (LE GOFF, 1996). Entretanto, compreendemos, a partir de Gutiérrez (2008), que essa memória se constitui de dados, informações e outros tipos de textualidade e que são preservadas em dispositivos e outros aparatos técnico-tecnológicos como uma exomemória. Nesse sentido, porém, nosso interesse é a biomemória, que “indica processos de recuperação de lembranças e ao mesmo tempo que depósito de recordações” (GUTIÉRREZ, 2008, p. 2), que é potencializada pelos processos digitais, por meio da reportagem multimídia, e que possibilita mais interação do público com o fato contado.

## **2.4 Superficialidade e outros e desafios do jornalismo digital**

Como já citado, a *web* abriga diversos tipos de produções jornalísticas, desde as notícias instantâneas, em geral mais superficiais, até a produção de textualidades mais aprofundadas, como é o caso das reportagens multimídias, nosso objeto de estudo. Faz-se necessário compreender a instantaneidade, pois ela ocupa um papel importante dentro do campo jornalístico digital, para então

entendermos como funciona a produção jornalística digital aprofundada. Cabe lembrar que a instantaneidade e o imediatismo já eram característicos das mídias eletrônicas (rádio e televisão), em função de suas possibilidades de transmissão e cobertura dos acontecimentos em tempo real. Mas o que se altera, em termos do *jornalismo digital*, é que este não está “engessado” em termos de grades de programação offline (como no caso do rádio e a televisão) e possui outras possibilidades como a atualização e revisão instantânea de materiais já publicados, e a funcionalidade de fazer com que fiquem disponíveis por tempo indeterminado. No on-line, a instantaneidade diz respeito a esta capacidade do jornalismo em responder velozmente aos acontecimentos, na “linha de frente” na produção e atualização de notícias (Bradshaw, 2014). Segundo a autora, a notícia instantânea, sem aprofundamento, significa para os veículos on-line “ser o primeiro a contar o fato ocorrido à audiência” (BRADSHAW, 2014, p.111). Além disso, Bradshaw (2014) explica que a velocidade na obtenção das informações sempre foi um fator prevalente no jornalismo, contudo a prática realizada na *web* ganha um contexto diferente. As redes possibilitam aos jornalistas o acesso a informações do mundo todo e uma difusão ágil desse conteúdo.

Franciscato (2019) entende que há uma “lógica de instantaneidade e de sincronismo no ecossistema jornalístico”, o que faz com que ocorra uma “perda do valor da periodicidade jornalística”. O autor acredita que o ambiente do *jornalismo digital* faz com que os leitores se tornem “mediadores temporais”, pois é atribuído a eles o “valor de autenticidade, de interesse no esclarecimento dos fatos, na expressão de opiniões e na superação das mediações institucionais que atuavam como barreiras no acesso aos eventos” (FRANCISCATO, 2019, p. 13). O autor vê inclusive as redes sociais como formas de criar “a sensação de encontro do público entre si, de uma horizontalidade plena e de um valor de verdade jornalística baseado na imediatividade (a não-mediação)” (FRANCISCATO, 2019, p. 14).

De acordo com Bruck e Oliveira (2017), “pensar a temporalidade midiática na atualidade remete, ato contínuo, a refletir sobre os jogos de temporalidade por meio dos quais os *media* abordam os acontecimentos e por meio dos quais, eles próprios, dão-se a ver” (BRUCK; OLIVEIRA, 2017, p.130). Segundo os autores, os *media* sempre contaram com “processos de experimentação de tempo”, porém os avanços tecnológicos tornam esses processos ainda mais complexos, fazendo com que eles ganhem “novos contornos e possibilidades patrocinados pela comunicação em rede”(BRUCK; OLIVEIRA, 2017, p.131).

Entretanto, a instantaneidade coloca para o jornalismo alguns desafios. Um deles é o fluxo intenso de informações que chegam de forma cada vez mais rápida, o que aumenta as possibilidades de conteúdos falsos, estabelecendo aos jornalistas a tarefa de verificar a veracidade e a qualidade da informação recebida (PALACIOS, 2014). A origem da informação pode ser desconhecida. O “lugar” de procedência da notícia passa a ser importante para a veracidade da informação, assim como a

temporalidade, que possibilita a construção de uma narrativa digital (CORRÊA, 2005). Segundo o autor:

O aspecto temporalidade é elemento constituinte fundamental para a estruturação de narrativas que se utilizam de linguagem digital. Assim sendo, ao pensarmos na informação jornalística expressada em linguagem nos meios digitais, há que considerar as variáveis tempo e também lugar (ou espaço) como integrantes diferenciais. (CORRÊA, 2005, p. 312).

Outro desafio enfrentado pelo *jornalismo digital* no contexto da instantaneidade é a adaptação de seu conteúdo para os diversos formatos e plataformas existentes. Esses suportes alteram a linguagem das narrativas. Precisa haver uma adaptação à linguagem dos dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets*, assim como para as redes sociais. De acordo com Sousa (2013), as redes sociais são “vitrines de conteúdos noticiosos publicados nos portais jornalísticos” (SOUSA, 2013, p.11). É necessário que a notícia apresente uma chamada adaptada para a rede social, onde ela será divulgada por meio do *hiperlink*. Entretanto, apesar dessas mudanças em torno da linguagem jornalística no contexto on-line, é necessário considerar que “a reconfiguração do jornalismo e da linguagem jornalística desde o surgimento da internet é algo indiscutível”. Os avanços tecnológicos nos permitem viver “um período de reconfiguração, em que são testados e criados novos modelos de linguagem, seja para a *web*, seja para os dispositivos móveis ou para as redes sociais” (SOUSA, 2013, p. 13). O surgimento de novas plataformas faz com que a linguagem jornalística tenha que buscar uma readaptação para se encaixar no novo contexto.

De acordo com Amadori e Marques (2011), “é certo que a agilidade se consagrou como característica do jornalismo, mas a *web* instaurou o sentido de imediatismo” (AMADORI; MARQUES, 2011, p.1). Os modos de produção do jornalismo tradicional não foram abandonados, mas, sim, houve uma adaptação de uma nova forma de lidar com a informação possibilitada pela *web*. A notícia on-line é mais valorizada a partir de sua rapidez e instantaneidade (AMADORI; MARQUES, 2011). Os jornalistas se veem mais impelidos a dar as notícias de forma rápida e em primeira mão. O *jornalismo digital* tem o imediatismo como sua principal característica. Porém, também faz parte da produção jornalística a informação realizada e checada com rigor e exatidão, buscando exaurir a verdade sobre determinado fato. A rapidez com que as notícias são dadas na *web* podem criar uma ideia de incompatibilidade entre essas características. Ainda assim, para António Fidalgo (2007), o *jornalismo digital*:

Tal como na rádio e na televisão, as principais notícias, ou as notícias de última hora, são dadas de forma extremamente lacunar, deficiente mesmo, que só as notícias posteriores vêm não só completar, mas também modificar e corrigir. A urgência da imediaticidade sobrepõe-se às exigências da objetividade e da verificabilidade [...]. Uma primeira notícia sobre um

acontecimento, que à partida surge como um determinado sentido, pode ser complementada, alterada, corrigida, à medida que outras notícias sobre o mesmo acontecimento se lhe seguem (FIDALGO, 2007, p.102).

Apesar dessa nova forma de se noticiar, pautada pelos avanços tecnológicos das redes, ser baseada em critérios de noticiabilidade e valores notícia, não é anulada a importância da triagem das informações que chegam. Traquina (2002) refere-se a essa noticiabilidade como sendo constituída por um:

Conjunto de critérios e operações que fornecem aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia. Assim os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou um assunto, são susceptíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo valor-notícia. (TRAQUINA, 2002, p. 173).

Portanto, é possível concluir que o trabalho jornalístico conta com os parâmetros da noticiabilidade como determinantes para o processo de produção da informação. Para que esse processo aconteça, é necessário que o jornalista exerça critérios de percepção, seleção e transformação (TRAQUINA, 2002, p.106), fazendo com que essa informação se torne noticiável, ou seja “numa palavra - ter noticiabilidade” (TRAQUINA, 2002, p.106). Entretanto, a instantaneidade também traz para os jornalistas a “tirania do fator tempo” (TRAQUINA, 2002, p. 106), fazendo com que os profissionais de comunicação sejam cada vez mais pressionados a lidar com o imediato dos acontecimentos. Esse fator do imediatismo é visto como um fetiche na relação dos jornalistas com o tempo (TRAQUINA, 2004).

Para Moretzohn (2000), em “A velocidade como fetiche”, o fetiche acontece em relação à questão da velocidade, tempo, imediatismo e noticiabilidade. A autora ainda alerta para uma adversidade do jornalismo instantâneo na *web*: a falta de tempo do jornalista para pensar. Para Fidalgo (2007), a urgência do imediato “sobrepõe-se às exigências da objectividade e da verificabilidade” (FIDALGO, 2007, p. 102).

#### 2.4.1 A busca do aprofundamento no jornalismo digital

Com o *jornalismo digital* prevalentemente pautado no imediatismo, os acontecimentos se tornam ultrapassados e obsoletos de forma cada vez mais rápida (MORETZOHN, 2000). Entretanto, a *web* viabiliza um acesso mais fácil à memória, possibilitando um reavivamento das notícias e a possibilidade de mais contextualização e aprofundamento da notícia. Para Palacios (2014), o jornalismo executa um “lugar duplo”, pois ele conflui as notícias instantâneas do cotidiano com uma

“(re)construção histórica” do passado (PALACIOS, 2014, p. 90). Ele permite que sejam estabelecidas ligações entre o passado e o presente. Segundo o autor:

O jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado. Um passado relatado que, no início, renova-se a cada dia, e com o advento da rádio, da televisão e da web, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24x7 (24 horas por dia, sete dias por semana). (PALACIOS, 2014, p.91).

O cenário atual da *web* é o de um ambiente multiplataforma, onde podem ser encontrados diversos formatos e linguagens, que se adaptam aos diversos suportes existentes. Além disso, também é possibilitada mais interação entre jornalistas e o público. O conteúdo jornalístico passa a se beneficiar de plataformas que permitem o uso de hiperligações, multimidialidades e interatividades. Para Palacios (2014), “o mundo começou a fluir não apenas de modo continuado, mas também de forma multilinear e personalizável, nos muitos ecrãs que compõem o nosso contemporâneo de meios convergentes, múltiplas interfaces e plurivocalidades” (PALACIOS, 2014, p. 93).

Há também, no meio on-line, a capacidade de armazenamento, o que permite uma base de dados bastante completa. De acordo com Palacios (2014), “disponibilizam espaço virtualmente ilimitado para o armazenamento de informação que pode ser produzida, recuperada, associada e colocada à disposição dos públicos-alvo visados” (PALACIOS, 2014, p. 95). É dessa forma que a memória é ativada, pois a *web* viabiliza a recuperação de conteúdos do passado em forma arquivos digitais como textos, vídeos, fotos ou áudios. Para Palacios (2004b), no *jornalismo digital* temos um espaço ilimitado que quebra com os limites físicos da memória. O jornalismo no meio on-line conta com uma “memória múltipla, instantânea e cumulativa” (PALACIOS, 2004b, s/p).

Sobre a qualidade da memória, Palacios (2014) pontua: “na medida em que funciona como um elemento de produção de contexto e adição de profundidade para o produto jornalístico - deve ser considerada uma das variáveis a ser observada e mensurada quando está em causa avaliação de qualidade dos jornais digitais” (PALACIOS, 2014, p.104). Sobre a memória digital, o autor afirma que

devemos estar plenamente conscientes e avisados que, diferentemente da natureza sólida e perene das marcas nas rochas deixadas por nossos antepassados do neolíticos, ou até mesmo diferentemente da palpável realidade dos álbuns de viagens de nossos pais e avós, nossas marcas digitais são extremamente vulneráveis a todo o tipo de apagamento. (PALACIOS, 2014, p.105).

A narrativa multimídia assim é entendida como uma das estratégias de que se vale o *jornalismo digital* para conseguir aprofundar seus conteúdos. Ela permite que sejam agregados

diferentes valores de diferentes meios (áudio, vídeo, texto, foto etc.), e que, juntos, permitem a criação de um conteúdo completo e dinâmico em um mesmo espaço. “A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade” (PALACIOS, 2002, p.3). O digital permite a utilização em conjunto de ferramentas, que possibilitam ao público a exploração e um entendimento aprofundado do tema tratado na reportagem. Esse tema será melhor explorado mais adiante no nosso estudo. Por enquanto, é necessário entender que mesmo que existam algumas divergências, para Guirado (2014), Ferrari e Sodré (1986) a reportagem se caracteriza como gênero complexo dotado de informações contadas por meio de um texto em que existe mais investimento na narrativa. Longhi (2010) defende a ideia de que a reportagem multimídia nada mais é do que uma transformação do gênero no formato tradicional para o on-line. (LONGHI, 2010). De acordo com o autor, a reportagem multimídia é "constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear” (LONGHI, 2010, p.153).

A reportagem multimídia recorre ao *design*, à informação visual (MACHADO, 2001, p. 5) para aproximar o público, submergir o usuário no acontecimento e estabelecer relações entre os conteúdos em diversos formatos integrados. Além disso, apresenta um hipertexto modular, com multimidialidade por integração. Apesar de serem consideradas dimensões socioculturais em permanente tensionamento, na perspectiva de Le Goff (1996), a memória é ativada como potente contextualizador da história, articulando o tempo da narrativa. Por essa razão, vamos dar início ao próximo capítulo caracterizando a construção social da memória e seu papel na reportagem, que pode ser considerada como um lugar de memória (NORA, 1993).

### 3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MEMÓRIA

Neste capítulo, aborda-se o tema da memória, transversal a toda nossa discussão. Para tal, busca-se distinguir os conceitos de memória coletiva e memória individual, percebendo-os a partir de diferentes autores e correntes. Em seguida, busca-se compreender como a memória é entendida como meio de compreensão da realidade e, em especial, como se faz presente e é acionada no ambiente digital. Em seguida, detemo-nos na reflexão nas relações entre jornalismo e memória, tentando aí perceber a memória e seu uso no *jornalismo digital* para, enfim, concluirmos compreendendo como o memorialístico atravessa a prática jornalística por meio da reportagem como narrativa memorialística.

#### 3.1 A natureza social e coletiva da memória

Para tratar do tema reportagem multimídia como potente ativador da memória, é importante entender as questões intrínsecas aos estudos de memória, principalmente os da “memória coletiva” (HALBWACHS, 2006). Segundo Ricoeur (2007), a memória é a capacidade de remeter ou se fazer remeter ao passado por determinados dados que estão “arquivados” na mente humana. Dessa maneira, os estudos sobre memória abrangem diversas disciplinas como psicologia, sociologia, comunicação, entre outros e, por essa razão, o termo “memória coletiva” passou ser amplamente utilizado, principalmente quando atribuído ao *boom da memória*<sup>7</sup>. Em nosso estudo, a memória é entendida como um dos principais elementos no processo de composição e recuperação de informações sobre determinados acontecimentos.

Nos estudos sobre *jornalismo digital*, como vimos anteriormente, a memória é entendida como uma característica dos mídias no meio on-line que possuem a possibilidade de oferecer ao seus receptores arquivos e outras informações sobre determinado fato, além de possuir um caráter repositório de informações. Ela auxilia a audiência no aprofundamento do tema por meio de bancos de dados de informações (PALACIOS, 2002). De acordo com Huyssen (2000), não é possível "discutir a memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias de mídia como veículos para todas as formas de memória" (HUYSSSEN, 2000, p. 21).

Além disso, sabemos que, ao longo dos anos, esse recurso vem sendo explorado de diferentes formas pelos veículos de comunicação, principalmente pelos veículos on-line devido às possibilidades que o meio e seus avanços tecnológicos oferecem. A reportagem multimídia pode ser compreendida como uma dessas novas dinâmicas que o meio on-line oferece para a operação de

---

<sup>7</sup> O *boom da memória* ou *memory boom* aconteceu na metade do século XX, quando ocorreu diversas transformações sociais a partir do aperfeiçoamento das tecnologias da informação, que alteraram as sociedades na ordem tecnológica, política, cultural, além da forma como a sociedade lida com os seus modos de recordação e esquecimento (Winter, 2000).

recursos memorialísticos na narrativa e também em seus arquivos e ferramentas como fotografias, vídeos etc.

Faz-se necessário compreender então o conceito de memória antes de avançarmos para o entendimento da memória coletiva. Bergson (1999) estuda a memória como ponto para entendimento do mundo através das imagens e suas impressões. Para o autor, as lembranças e imagens são “todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam” (BERGSON, 1999, p. 62). Para ele, essas “imagens-lembranças” atribuem significado ao mundo por meio dos detalhes. Essa memória, no entendimento de Bergson (1999), não possui uma “segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática”, pois “armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural” (BERGSON, 1999, p.62). Entendendo a memória como um conceito interdisciplinar e complexo por transitar em diferentes áreas de conhecimento, temos Seixas (2001), que entende que:

Toda a memória é fundamentalmente 'criação do passado': Uma reconstrução engajada do passado (muitas vezes subversiva, resgatando a periferia e os marginalizados) e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstróem sua identidade, inserindo-se nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento. O que é aqui colocado em primeiríssimo plano é, portanto, a relação entre memória e (contra) poder, memória e política. A memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas e comemorações). Noção de que a memória torna poderoso(s) aquele(s) que a gere(m) e controla(m). (SEIXAS, 2001, p. 89).

Maurice Halbwachs (2006) não restringiu seus estudos somente à noção de memória em si, mas também em como ela altera e modifica diferentes contextos sociais. Segundo o autor, o homem, por se caracterizar um ser social e ter lembranças associadas a algum momento ou pessoas, possui uma memória coletiva, mesmo que ela seja individual. A memória para ele é social e determinada. Sendo assim, todas as memórias são construções e reconstruções do passado por meio de quadros sociais. As memórias, mesmo as individuais, dependem das memórias coletivas para existirem.

A noção de memória coletiva a partir de Halbwachs (2006) tem servido de base para os estudos que acionam a memória. Nesta pesquisa, entendemos que tal noção pode nos ser muito útil, na medida em que buscamos perceber o *jornalismo digital* a partir de sua construção social. As memórias coletivas são entendidas por Halbwachs como marcadas pelo processo de continuidade. Elas são sustentadas principalmente no passado vivido, que consente com a construção de narrativas sobre o passado de um determinado sujeito e não apenas um passado aprendido pela história escrita (HALBWACHS, 2006). De acordo com o autor, a memória coletiva é diferenciada da história, que é vista como distante das percepções individuais dos sujeitos. Para Halbwachs (2006):

O que justifica ao historiador estas pesquisas em detalhe, é o que o detalhe somado ao detalhe resultará num conjunto, esse conjunto se somará a outros conjuntos, e que no quadro total que resultará de todas essas sucessivas somas, nada está subordinado a nada, qualquer fato é tão interessante quanto o outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida. Ora, uma tal gênero de apreciação resulta de que não se considera o ponto de vista de nenhum dos grupos reais e vivos que existem, ou mesmo que existiram, para que, ao contrário, todos os acontecimentos, todos os lugares e todos os períodos estão longe de apresentar a mesma importância, uma vez que não foram por eles afetados da mesma maneira. (HALBWACHS, 2006, p. 89).

Para o autor, a memória está ligada a lembranças, se opondo à ideia de história. A história seria, para ele, uma coleção de acontecimentos importantes, enquanto a memória é um conjunto de percepções individuais que se tornam coletivas quando comparadas. A memória individual, que também pode ser encontrada na reportagem multimídia por meio de entrevistas e relatos, existe a partir da memória coletiva. As lembranças apenas podem ser concebidas dentro do grupo que vai se identificar por possuir a mesma assimilação e concepção sobre determinado acontecimento. Cada memória individual é uma perspectiva sobre memórias coletivas específicas (HALBWACHS, 2006).

Halbwachs (2006) entende a memória como construção social que se mantém a partir das relações estabelecidas entre indivíduos e seus grupos. O autor entende que um sujeito sozinho não é capaz de construir ou acessar lembranças, sendo necessário a ele se constituir como membro de um grupo para conseguir apoio de outros testemunhos e confirmar sua memória. Segundo ele, é necessário que recorramos "a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação" (HALBWACHS, 2006, p. 29).

A partir do conceito de Halbwachs (2006), entende-se que a memória possui um caráter relacional, pois é formada a partir da interação entre sujeitos. É necessário que um grupo possua lembranças em comum. Halbwachs (2006) afirma que as lembranças de eventos que foram vividos de forma individual são as mais difíceis de serem recuperadas, pois não contam com nenhuma colaboração para se manterem vivas e, por isso, tendem ao esquecimento. Por mais que a memória seja coletiva, somente o indivíduo sozinho é capaz de lembrar-se dela. Halbwachs (2006) reitera que no ato de rememoração há sempre uma "intuição sensível", que delimita a presença de quem se lembra na composição de sua lembrança. Porém, para o autor esse sujeito continua sendo apenas um meio para a constatação da memória do grupo.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30).

A memória individual faz parte de um coletivo maior da memória, sendo apenas uma pequena parte extraída de um todo que representa os fatos vivenciados por determinado grupo. Halbwachs (2006) informa que o sentido de individualidade e singularidade dos sujeitos é uma ilusão, pois os comportamentos individuais não são nada além de resultados de forças sociais externas sobre cada indivíduo. Esse conceito será retomado mais adiante para entendermos os usos da memória como recurso para a compreensão da realidade.

O entendimento de Pollak (1992) sobre memória coletiva se aproxima do de Halbwachs (2006), pois ambos acreditam que a memória é um fenômeno coletivo, resultado, portanto, de uma construção social. Entretanto, para Pollak (1992), apesar de assumir que a memória é coletiva e possui uma dimensão social sendo passada pelos sujeitos, o indivíduo tem suas próprias lembranças, sendo capaz de formar memórias e participar, dessa forma, da construção da memória coletiva de seu grupo. Essa ideia é contrária ao entendimento de Halbwachs (2006), que acredita que a memória individual está em oposição à social.

De acordo com Pollak (1992), as memórias individuais e coletivas possuem três elementos principais. O primeiro são os acontecimentos, que consistem em eventos onde o indivíduo pode ter tido uma atuação direta ou indireta, vivenciando a experiência por meio de sua ligação com o grupo. O segundo elemento mencionado por ele é o das pessoas ou personagens. Para o autor, as pessoas que fazem parte das lembranças de alguém podem ser pessoas com quem o indivíduo teve certo convívio, ou apenas serem personagens conhecidos por ele devido a sua importância para o grupo. O terceiro e último elemento são os lugares, que servem como alicerce para as memórias do sujeito. Os lugares podem ter sido frequentados diretamente pelos indivíduos ou de maneira indireta por meio das memórias do grupo. É possível afirmar então que, para o autor, as memórias podem não ser apenas experiências vividas pelos indivíduos, mas também experiências aprendidas que foram transmitidas pelo grupo.

Pollak (1992) acredita que a memória auxilia na geração do sentimento de identidade que os indivíduos têm no grupo. Para ele, a identidade é a forma como um indivíduo e o grupo se identificam tanto individual quanto coletivamente. A memória nesse caso possui o papel de criar um senso de igualdade entre os sujeitos de um coletivo e também de estabelecer os limites entre eles e outros. Pollak (1992), entende memória e identidade como construções sociais. A memória é compreendida como uma forma de restituir o passado a partir de interesses de indivíduos e grupos no presente. Por isso, ela é considerada circunstancial e mutável, pois está sempre em constante processo de mudança.

Como já visto, Halbwachs (2006) entende que a memória contribui na criação das identidades, fazendo com que os grupos formem “comunidades de sentimentos” (HALBWACHS, 2006, p. 27). Porém, para Pollak (1992), essa ideia não considera os processos de dominação e disputa de poder que estão relacionados à memória. Pollak (1992) compreende que a “homogeneidade” de um coletivo

deve ser compreendida como resultado da dominação de um grupo mais poderoso sobre o restante. Dessa forma, o autor percebe os conflitos e disputas ocasionados pela memória. Pollak (1992) afirma a importância do indivíduo para a formação da lembrança coletiva.

Gérard Namer (1987), apesar de concordar com o entendimento de Halbwachs (2006) sobre a ideia de a memória ser construída dentro dos grupos sociais, entende que todo processo de construção da memória deve considerar que suas dimensões se sobrepõem e se ajustam em função de permanentes e intermináveis processos de negociação e disputa – que acabam por fazer prevalecer o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Segundo Namer (1988), Halbwachs não dá a devida atenção à “dimensão afetiva da temporalidade da memória coletiva” (NAMER, 1988 apud BRUCK; VARGAS; MOREIRA; 2019, p. 6), o que, para ele, seria essencial para compreender como a memória coletiva é composta.

Como esquecer e continuar Halbwachs nessa busca pelo tempo da afetividade da memória coletiva? A morte cruel do campo de concentração interrompe o trabalho e não se pode, a partir do manuscrito completo e que deve ser remodelado, *A memória coletiva*, inventar a coerência completa do segundo sistema, em particular o que poderia ser a afetividade dessa memória coletiva. [...] Uma frase no final de *A Memória Coletiva* resume seu último pensamento: "Se as várias correntes do pensamento coletivo nunca se penetram realmente e não podem ser colocadas em contato e mantidas em contato, é muito difícil dizer que o tempo voa mais rápido para um do que para o outro". Temos, portanto, correntes de pensamento, de memórias que nunca se encontram, se necessário, que coexistem em feixes [...] Esquecer Halbwachs para continuar Halbwachs? Em nossa opinião, isso é possível desde que a afetividade do tempo seja movida para a afetividade do ritmo da memória, a afetividade da qualidade da memória (a afetividade da temporalidade gananciosa do comerciante, o ritmo da temporalidade religiosa). (NAMER, 1988, p. 9-14 apud BRUCK; VARGAS; MOREIRA, 2019, p. 7).

Namer dedicou grande parte de suas pesquisas ao trabalho de Halbwachs. Segundo o autor, Halbwachs apontou que a memória coletiva pode ser associada a correntes e também a grupos sociais. Dessa forma, os processos de interação se tornam mais complexos à medida em que resultam de processos de interação dos indivíduos com os grupos e nas interações entre o grupo e outros grupos. Mediação esta que se dá, também, por meio dos indivíduos (NAMER, 1997, p. 14). A memória coletiva passa então a ser constituída por grupos e, ao mesmo tempo, pode se dizer, assim os constitui.

Os estudos da memória cultural também podem auxiliar na compreensão do nosso objeto de estudo por se tratar de um campo com grande destaque para questões envolvendo a comunicação, armazenamento e propagação. Para Aleida Assmann (2011), as passagens da oralidade para a escrita, da escrita para o papel impresso e do impresso para o meio digital são importantes marcos para a compreensão das lembranças mediadas. Segundo a autora, essas mudanças dos meios determinam a maneira e a qualidade com que a memória cultural é apresentada.

Qualquer que seja a maneira como a memória é construída, é sempre perfilada pelos limites do esquecimento. A memória focada e concentrada inevitavelmente inclui o esquecimento ativo - uma situação perfeitamente capturada por Francis Bacon: “Quando você leva a luz para um canto, você escurece o resto”. (ASSMANN, 2011, p. 396).<sup>8</sup>

Ainda de acordo com Assmann (2011), esses limites do esquecimento não são considerados no conceito histórico de tempo, que marca a divisão entre passado e futuro. Segundo a autora, esse conceito é resultado da conjectura da sociedade moderna, onde o passado e o futuro estão cada vez mais desassociados. Entretanto, para Halbwachs (2006) a memória é um tipo de relação que é estabelecida entre o presente e o passado. Ela é capaz de congelar lembranças de um certo momento da vida, permitindo que ele seja rememorado. Para Halbwachs (2006), a memória coletiva cria uma padronização do tempo e do espaço, cumprindo um papel social de manutenção e coesão entre grupos, produzindo o sentimento de identificação entre cada membro. Para o autor, o compartilhamento dessa memória forma uma “comunidade de sentimentos”, pois vai ser por meio dela que o grupo de indivíduos é capaz de compreender suas origens.

Essa relação entre memória e identidade em Halbwachs (2006) interconecta as questões da memória junto com as questões da tradição<sup>9</sup>. Halbwachs (2006) afirma que a memória não representa apenas a lembrança de uma experiência, mas sim algo que permanece vivo e lembrado nas ações de determinados grupos. Quando a memória é esquecida, ou seja, deixa de existir, os laços sociais que a cultivavam já não existem mais, o que significa dizer que o grupo que mantinha essa lembrança talvez possa não mais existir (HALBWACHS, 2006, p.35).

Novamente, essa questão nos ajuda a distinguir o conceito de memória do conceito de história, pois a história corresponde ao registro escrito de acontecimentos que não estão mais vivos na memória de um grupo. Halbwachs (2006) entende que é possível entender a memória como uma visão que o grupo tem de si mesmo, além de possuir um caráter múltiplo, pois o grupo terá seu próprio conjunto de lembranças. É também através dessas lembranças e da tradição que cada grupo de indivíduos terá o seu próprio modo de compreender a realidade no mundo.

### 3.2 Memória e compreensão da realidade

A disputa pela memória se insere, sem dúvida, na disputa pelo poder. Lutar pela prevalência de percepções, valores e narrativas – substâncias memorialísticas – diz respeito à luta pelo poder

---

<sup>8</sup> Tradução nossa para: “Whatever memory is thus constructed is always profiled by the edges of forgetfulness. Focused, concentrated memory inevitably includes active forgetfulness – a situation perfectly captured by Francis Bacon: “When you carry the light into one corner, you darken the rest”.

<sup>9</sup> O conceito de *tradição* nesse caso é entendido por Luvizotto (2010) como um conjunto de símbolos e entendimentos que passam entrem gerações sempre em um caráter repetitivo, ou seja, é um processo dinâmico que orienta o passado de maneira a organizar as relações dentro de uma comunidade.

(BRUCK, 2019). Isso se explica pelo fato de que o “domínio” do memorável substancial é substanciado pelas estruturas de poder (LE GOFF, 1984). Paul Ricoeur (2000) entende que a memória possui dimensões que são associadas às relações de reconhecimento, individualidade e coletividade. Ricoeur (2000) afirma que a memória está relacionada com a linguagem e o conteúdo do conhecimento por meios dos seus aspectos coletivos de expressões sociais. Para ele, a memória coletiva se entrelaça com as memórias individuais sobre assuntos particulares e comuns entre os grupos que formam a sociedade como, por exemplo, as instituições, campos da cultura, religiões etc (RICOEUR, 2000, p. 24). Nesse sentido, a memória é entendida como um mecanismo de afirmação e reconhecimento identitário no campo cultural e político.

De acordo com Ricoeur (2000), a memória também pode ser entendida como um dispositivo de autorreconhecimento, pois propicia que elementos do passado atuem no presente. Isso significa dizer que a memória auxilia na formação de valores e tradições na representação social e cultural do grupo. Para Ricoeur (2000), a memória é também um mecanismo de autorreferência, permitindo que o passado de determinada cultura seja transmitido para a sociedade, possibilitando ao grupo entender a sociedade onde vive e o seu papel nela.

Nessa perspectiva, é importante entender a espacialização da memória. Pierre Nora (1993) define os *lugares de memória* como "lugares materiais onde a memória social é ancorada e pode ser apreendida pelos sentidos, são lugares funcionais que têm como objetivo alicerçar as memórias coletivas e lugares simbólicos onde permitem a revelação e expressão da memória" (NORA, 1993, p. 37). Segundo o autor:

Se a expressão lugar de memória deve ter uma definição oficial, deve ser a seguinte: um lugar de memória é qualquer entidade significativa, de natureza material ou não material, que por força de vontade humana ou pelo trabalho do tempo se tornou um elemento simbólico da herança memorial de dada comunidade. (NORA, 1993, p. 17 J. <sup>10</sup>

Os *lugares de memória* (NORA, 1993) criam uma necessidade de interpretação e reconstrução das memórias coletivas e suas continuidades, oferecendo a elas uma noção social e significativa em seu tempo. Dessa forma, a memória define identidades e constrói relações sociais e particulares, pois possibilita reconhecimento, oferecendo aos indivíduos a sensação de identificação e pertencimento (NORA, 1993). Sem a memória não há cultura, pois não é possível estabelecer identificações e nem o caráter coletivo de um grupo. Mais adiante vamos retornar ao conceito de *lugar de memória* para entendermos como o jornalismo se encaixa nessa definição.

---

<sup>10</sup> Tradução nossa para: “If the expression *Lieux de Mémoire* should have an official definition, it should be as follows: a place of memory is any significant entity, whether material or non-material in nature, which by virtue of human will or the work of time has become a symbolic element of memorial heritage of a given community” (Nora, 1993, p. 17)

Nas sociedades modernas, há uma grande necessidade de preservação dessas memórias coletivas como forma de manutenção dos grupos sociais a elas pertencentes e na maneira como esses lidam com a realidade. O indivíduo moderno é capaz de analisar racionalmente o passado, seu presente e as possibilidades de futuro, procurando minimizar os problemas do presente (LUVIZOTTO, 2010). De acordo com a autora, é necessário que o indivíduo moderno consiga preservar seus laços com as tradições do passado, mas atualizando-as de acordo com a necessidade ou até mesmo se afastando delas, quando não mais pertinentes as demandas dos grupos sociais existentes (LUVIZOTTO, 2010).

Segundo Hobsbawn e Ranger (1997), a tradição é uma concepção do passado que altera de alguma forma o futuro. Essas tradições sofrem constantemente com mudanças. De acordo com Hobsbawn e Ranger, “inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta” (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p.12). Isso significa dizer que as “transformações rápidas” reinventam os padrões sociais criando novos. Sendo assim, é possível afirmar que as tradições ditam a forma como os grupos percebem o mundo e são diversas as maneiras como esses conhecimentos podem ser transmitidos. Os avanços tecnológicos, principalmente o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação tornaram os meios de comunicação como o jornal impresso, o rádio, a televisão e a internet os principais na disseminação de tradições. Por essa razão, no próximo tópico vamos entender as relações existentes entre a memória e o jornalismo para, enfim, analisarmos a reportagem multimídia, seus aspectos editoriais e de enunciação, compreendendo como essa narrativa contemporânea se vale da memória para potencializar a compreensão acerca do fato e suas circunstâncias.

### **3.3 A memória no meio digital**

A noção de Nora (1993) sobre *lugares de memória* é ampla e não se restringe, como muitas vezes fica sugerido na apropriação do termo, a espacializações. Nora entendeu os lugares de memória como locais e estruturas em que se dá a preservação de arquivos e documentos do passado. Antes da internet, os locais onde era possível encontrar tais acervos eram os museus, as bibliotecas, livros, imprensa, arquivos etc. Atualmente, os avanços das tecnológicos permitiram que o meio digital se torne um dos principais recursos para manutenção e arquivamento da memória.

Para Monteiro (2007), o ambiente digital pode ser conceituado como uma “uma grande máquina abstrata, porque semiótica, mas também social”, onde se realizam diversos tipos de trocas como por exemplo simbólicas, “transações econômicas, comerciais novas práticas comunicacionais, relações sociais, afetivas e, sobretudo, novos agenciamentos cognitivos” (MONTEIRO, 2007, p. 1). O meio digital é para ele “um universo virtual, plástico, fluido, carregado de derives” (MONTEIRO,

2007, p.1). Os lugares de memória (NORA, 1997) são exemplos de um passado que é representado por uma perspectiva simbólica.

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (NORA, 1997, p. 22).

Porém, a memória contemporânea e seu arquivamento digital têm sido motivo de preocupação entre pesquisadores como, por exemplo, é o caso de Ferreira e Amaral (2004). Segundo eles, o arquivamento no meio digital não possui uma linearidade temporal das memórias anteriores. Os autores questionam se essas memórias, ao formarem uma narrativa “na qual a consciência pudesse operar um alinhamento do passado, do presente e do futuro, não estariam sendo lançadas no abismo com o arquivamento eletrônico da memória?” (FERREIRA; AMARAL, 2004, p. 163). Para eles, o arquivamento digital possui uma lógica descontínua, operada por saltos temporais e espaciais. Ferreira e Amaral (2004), afirmam que esse arquivamento é:

descontínuo, ele é o lugar e o não-lugar da confluência e do conflito. Não se trata aqui de nevar a força hegemônica deste processo de arquivamento. Pelo contrário, propomos apenas que essa técnica apenas se viabiliza abrindo-se à diversidade das técnicas.(FERREIRA e AMARAL, 2004, p. 163).

Battelle (2006) entende que para definir a contemporaneidade, é necessário definir o tempo e o espaço e, por essa razão, ele considera que o meio digital só possui uma memória digital cultural se conseguir com que o arquivo da internet conseguisse ser acumulado em tempo real, criando assim uma continuidade com a temporalidade. O autor aponta para quatro elementos importantes para o desenvolvimento dessa memória (BATELLE, 2006, p. 241). O primeiro é a ubiquidade, que foi vista anteriormente como uma das características do *jornalismo digital*. Para Battelle (2006), a ubiquidade é vista como uma forma de integração das informações na *web*, sendo necessária a união entre o conhecimento analógico já existente com o meio digital.

O segundo elemento pensando por Battelle (2006) é o da busca personalizada, em que é possível ter acesso a um domínio de busca mais pessoal e próximo aos interesses de quem o utiliza. O terceiro elemento é a ascendência da *web* semântica, em que as informações são etiquetadas de modo a facilitar as buscas. O quarto e último elemento citado por ele é o da busca por um domínio específico, tornando a busca mais direta e precisa. Dessa forma, ao pensar nas novas possibilidades que a *web* traz para a memória, Caygill *apud* Ferreira e Amaral (2004) entende que:

o conjunto de técnicas que constituem a world wide web (www) e sua base tecnológica nos computadores interligados da internet parecem prometer uma nova arte da memória, na qual o conhecimento pensado como invenção tecnológica substitui o conhecimento como recordação, e no qual o arquivo figura como um efeito das conexões possibilitadas pelo trabalho tecnológico de memória, ao invés de um dado (e cuidadosamente policiado) estoque de informação. (CAYGILL apud FERREIRA; AMARAL, 2004, p. 160).

Para Ferreira e Amaral (2004), a memória no digital é desterritorializada e não se apoia ao “eixo do tempo” em sua preservação. É possível identificar nosso objeto de estudo, a reportagem multimídia, como um instrumento que possibilita a união e preservação dessas informações e conhecimentos, permitindo que a memória seja consolidada. Outros mecanismos, como, por exemplo, os sites de busca, também podem ser vistos como importantes formas de preservação dessa memória, pois realizam “lembranças” dos conteúdos que estão disponibilizados.

Battelle (2006) também aponta para a desterritorialização dos itens, pois na *web* as páginas podem mudar, fazendo com que a versão original desapareça. Por essa razão, o autor afirma que a “*web* não tem memória” (BATTELLE, 2006, p. 239). Sendo assim, a memória no meio digital encontra-se muito dependente dos dispositivos automáticos, o que fez com que Lévy (1993) questionasse a noção de memória.

O enorme estoque de imagens e palavras ressoando ao longo das conexões, cintilando sobre as telas, repousando em massas compactas nos discos, esperando apenas um sinal para levantar-se, metamorfosear-se, combinar-se entre si e propagar-se pelo mundo em ondas inesgotáveis, esta profusão de signos, de programas, esta gigantesca biblioteca de modelos em vias de construção, toda esta imensa reserva não constitui ainda uma memória. Porque a operação da memória não pode ser concebida sem as aparições e supressões que a desagregam, que a moldam de seu interior [...] Ainda é necessária, portanto, uma memória humana singular para esquecer os dados dos bancos, as simulações, os discursos entrelaçados dos hipertextos [...] (LÉVY, 1993, p. 131 -132).

Em contraposição à ideia de Batelle, Cruz (2019) entende que embora a internet possua “ambientes que privilegiam o imediatismo, a atualização constante e a velocidade” ela também permite “espaço para manifestações memorialísticas” (CRUZ, 2019, p. 19). Segundo ela, a memória tanto individual quanto a coletiva é uma “técnica de ordenamento da vida”, o que a autora acredita que também acontece nas comunidades virtuais existentes nas redes sociais. Sendo assim, a experiência virtual amplifica valores que foram relacionados aos sentidos do mundo e compartilhados no social (MACHADO, 2017 apud CRUZ, 2019).

Huysen (2014) acredita ser importante entender a cultura da memória como coincidente ao “crescimento e a expansão do aparato tecnológico que envolve a comunicação”, pois, segundo o autor, foi a partir daí que as indústrias culturais do ocidente passaram a juntar “um número cada vez maior de passados num presente simultâneo e sempre mais atemporal: modas retrô, móveis retrô

autênticos, museologização da vida cotidiana através de câmeras filmadoras, Facebook e outras mídias sociais” (HUYSSSEN, 2014, p. 15).

Pode-se perceber em Turkle (2006) um contraponto à ideia de Battelle ao perceber a existência da memória no ambiente digital a partir do uso de arquivos e o entendimento de que na internet os documentos não se perdem. De acordo com ela, “a diferença entre todas as minhas caixas e o arquivo de e-mail tem a ver com o fato de que quando eu tenho o antigo e-mail na minha tela, está lá com a mesma presença na tela, a mesma forma de poder ser manipulado que as coisas do presente” (TURKLE, 2006, p. 298). A autora discute então o lado subjetivo da tecnologia na memória, sugerindo que “não é o que o computador faz por nós, mas o que ele faz para nós”, com um movimento de compreender a “importância da fantasia da comunicação quase instantânea” como sendo um “um tipo de cimento que dá as pessoas o sentido de pertencimento”, que é uma das características da memória (TURKLE, 2006, p. 294).

Por meio desse entendimento da memória na *web*, pretendemos analisar, nos próximos tópicos, como a memória se relaciona com o jornalismo, em especial o *jornalismo digital*. Segundo Nogueira (2002), “em relação aos *media* tradicionais, em que o arquivo não estava disponível em tempo real, a grande vantagem da internet é a capacidade de indexação, aliada ao poder de computação e de armazenamento da informação”, o que para ele significa tornar “toda a informação virtualmente imediata” (NOGUEIRA, 2002, p. 15). Palacios (2002) entende esse acesso instantâneo à informação como uma forma de “memória múltipla, instantânea e cumulativa” por seu caráter “arquivista”, que é resultado da acumulação de dados que ocorre no ambiente digital (PALACIOS, 2002, p. 7).

A memória digital se aproxima da ideia da memória oral, em que a transmissão dos conhecimentos entre os indivíduos acontece em tempo real. A principal diferença entre ambas é o ambiente onde elas acontecem. Dessa forma, o jornalismo entra nesse cenário como um meio de narrar o mundo e os fatos, possibilitando a transmissão dessas memórias, como veremos a seguir.

### **3.4 Relações entre memória e jornalismo**

O conceito de meios de memória pode ser empregado para todos dispositivos capazes de transmitir algo que remeta ao passado (ERLL, 2011). Dessa forma, é possível considerar a *web* como um espaço social, capaz de abrigar a representação de diversos grupos, além de possuir uma grande capacidade para transmitir ideias, comportamentos e tradições. Inúmeros dados são armazenados, coletados e disponibilizados na internet (ver tópico 2.3.4, p.15). E o jornalismo, assim como o *jornalismo digital*, é visto como um ator social que se institui por meio de práticas que representam e medeiam a sociedade em que estão inseridos.

De acordo com Palacios (2010), o jornalismo é “memória em ato, enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado, constantemente recuperado” (PALACIOS, 2010, p. 40). O autor entende que a memória no jornalismo possui diferentes formas como, por exemplo, a partir de um caráter comemorativo, indicando o fim de um tempo, como é o caso das retrospectivas no fim do ano. Para o autor, a memória também atua como um ponto de comparação entre passado e presente, além de poder ser um “convite à nostalgia” para algum conteúdo (PALACIOS, 2010, p. 42).

(...) o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado. Um passado relatado que, no início, renovava-se a cada dia, e com o advento do rádio, da televisão e da web, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24x7 (24 horas por dia, sete dias por semana). (PALACIOS, 2010, p. 40).

Quando o jornalismo trabalha em uma perspectiva contextualizadora, faz-se necessário, ao relatar um fato, compreender o que já aconteceu posteriormente. Dessa forma, esse contexto exige do jornalista um entendimento sobre esse passado para conseguir compreender os acontecimentos e construir assim uma narrativa aprofundada. Por essa razão, esse jornalismo ocupará o sentido de lugar de memória de maneira mais ampla (PALACIOS, 2010, p. 40). Esse conceito será retomado e aprofundado a frente.

A partir dos estudos de Halbwachs (2006) no tópico 3.1, entende-se que o indivíduo necessita das lembranças dos outros, ou seja, é através de uma rede de interação social que ele se torna capaz de construir suas memórias sobre determinados eventos. Além disso, o autor também destaca a necessidade de considerar os contextos sociais sob os quais a memória coletiva é construída, pois, "é difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações fossem apenas o reflexo dos objetos exteriores, no qual não misturávamos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodeavam" (HALBWACHS, 2006, p.38). O jornalismo compõe essa rede de interação social, permitindo a cada pessoa formas de interação com a sociedade. Por meio da mídia, é possível relembrar o passado, que também é capaz de trazer a tona lembranças secundárias, afetos e sensações sobre o fato narrado.

É possível compreender então o jornalismo como importante *lugar de memória* (NORA, 1997), responsável por uma realidade construída a partir dos acontecimentos verídicos e presente no arquivo e na produção da memória contemporânea (RIBEIRO, 1995; BARBOSA, 1996; ENNE, 2004). Através do jornalismo é possível registrar testemunhos e padrões que caracterizam populações e culturas em diferentes épocas. Esses aspectos são claros no jornalismo à medida que ele não participa apenas do registro dos fatos, mas também é capaz de oferecer significação ao que é

veiculado, contribuindo ativamente para o processo de construção da memória coletiva da sociedade ou de determinado grupo social. Segundo Lopes (2002), “acredita-se que a televisão, os jornais e as revistas socialmente visíveis são fundamentais no mundo presente na representação de determinados aspectos retrospectivos da vida brasileira” (LOPES, 2002, p. 1). Entretanto, os avanços tecnológicos permitem ao jornalismo novas potencialidades enquanto lugar de memória, como é o caso do nosso objeto de estudo, as reportagens multimídias. Esse tema será aprofundado mais adiante.

O jornalismo, por meio da narrativa, promove memórias pessoais, coletivas ou históricas. De acordo com Benetti e Freitas (2015), a narrativa é uma forma de acessar acontecimentos passados e por essa razão o jornalismo se torna um “lugar diferenciado, entre todos os discursos, devido ao seu estatuto de compromisso com a verdade” (BENETTI; FREITAS, 2015, p. 170). Para as autores, a memória possui com o jornalismo um compromisso responsável primeiro com a “noção de real”, que “apontará à verossimilhança a partir do entendimento mimético apoiado no discurso realista” e segundo com o “conhecimento histórico”, que “guiará as questões da memória coletiva, que estão atrasadas às heranças e às formas de conferir sentidos ao que ocorre na atualidade” (BENETTI; FREITAS, 2015, p. 170). As autores também reafirmam a noção de que o jornalismo é entendido como um “lugar de memória”:

O jornalismo, preso à temporalidade, necessita imprimir datas, mostrar a urgência do agora, revisitar o passado e fornecer a sensação de que é possível ordenar o caos do futuro. Em meio ao desafio de compreender a realidade e a dinâmica dos acontecimentos, a narrativa jornalística é um lugar de memória. (BENETTI; FREITAS, 2015, p. 172-173)

Sendo assim, é possível afirmar que o jornalismo consegue desempenhar um papel de “sujeito capaz de construir memórias” (BENETTI; FREITAS, 2015, p. 177), pois através da narrativa jornalística ele é capaz de produzir e compor uma história. As autoras também atentam-se para o fato de o jornalismo ser capaz de construir novas compreensões sobre a temporalidade por meio do conceito da “tríade do presente absoluto” como forma de identificar como o passado é posto nas matérias jornalísticas. O primeiro ponto é o “tempo presente das coisas passadas”, em que o jornalismo retoma o passado a partir de uma compreensão histórica. O segundo é o “presente das coisas presentes”, em que “o fato é desvelado e inscrito como acontecimento em processo, aquilo que acontece agora e pode acontecer a todo momento” (BENETTI; FREITAS, 2015, p. 180). O terceiro ponto da tríade é o “presente das coisas futuras”, que “visa antecipar acontecimentos, o que permite fazer previsões e delinear prováveis cenários” (BENETTI; FREITAS, 2015, p.180).

Le Goff (1924), além de atentar para a importância do passado e da memória coletiva na construção do presente e do futuro, destacou que é por meio do jornalismo, ao lidar com a história, ser possível refletir sobre questões do passado e do presente. De acordo com o autor, a “memória

jornalística e diplomática” é “a entrada em cena da opinião pública, nacional e internacional, que constrói também a sua própria memória” (LE GOFF, 1924, p. 397). O autor constata que a mídia tem um papel importante na narração da história ao considerar que ela revolucionou a memória ocidental. Além disso, o autor também trata do papel jornalistas no trato com a memória. Os jornalistas possuem um papel de *agentes da memória*, pois cabe a eles lidar com a memória, narrando-a em textos que relatem fatos do passado.

A relevância do trabalho dos jornalistas para a compreensão do passado, no entanto, não é necessariamente admitida pelos jornalistas, que nem explicitamente falam do passado, nem consideram o passado como parte de seu alcance óbvio. Como fornecedores do presente, eles tendem a mostrar tanto inconsciência quanto desconsideração do que, de fato, é seu papel não declarado como agentes da memória. (ZELIZER, 2008, p. 80).<sup>11</sup>

Zelizer (2008) tenta mostrar como a forma jornalística de apresentar o passado oferece pontos de comparação, oportunidades de realizar analogias, convite à nostalgia e nova abordagem a eventos anteriores. A inclusão do passado nas narrativas apresenta de forma clara a centralidade que o passado possui na produção de sentido do presente. Dessa maneira, a autora entende que os jornalistas se tornaram importantes agentes de memória.

O tratamento do presente no jornalismo geralmente inclui um tratamento do passado (...) o tratamento do passado no jornalismo tende a ser tão variável, maleável e dinâmico quanto outros tipos de memória funcionam. Jornalismo e jornalistas são um local de memória não óbvio, mas fértil, e seus status como agentes de memória precisa ser melhor compreendido. (ZELIZER, 2008, p.81).<sup>12</sup>

Os jornalistas utilizam o passado para explicar os acontecimentos, materializando os fatos através da combinação de conteúdos e formas organizadas de hierarquização daquele material (ZELIZER, 2008, p.81). De acordo com a autora, e com a característica da interatividade que vimos no tópico 2.4.1, é possível afirmar que os usuários também contribuem com a elaboração do conteúdo através de sua participação e interação (ZELIZER, 2008, p. 82).

Entende-se que o jornalismo é um conjunto de narrativas compartilhadas diariamente por indivíduos que possuem o papel de contar histórias, narrando para seu público os fatos de determinado acontecimento (MATHEUS, 2009, p.6). O cenário atual da internet permite que o jornalismo

---

<sup>11</sup> Tradução nossa para: “The relevance of journalists' work to understanding the past, however, is not necessarily admitted by journalists, who neither explicitly speak of the past nor consider the past as part of their obvious purview. As purveyors of the present, they tend instead to display both obliviousness and disregard for what is in effect their unstated role as agents of memory (ZELIZER, 2008, p. 80).

<sup>12</sup> Tradução nossa para: "Journalism's treatment of the present often includes a treatment of the past (...) journalism's treatment of the past tends to be as variable, malleable and dynamic as other kinds of memory work. Journalism and journalists are an unobvious but fertile site of memory, and their status as memory agents needs to be better understood (ZELIZER, 2008, p.81).

aprofunde os diálogos entre grupos e também auxilia na construção de percepções positivas e negativas sobre diversos temas. Os canais de comunicação na *web* oferecem oportunidades de amplificação de vozes e ganham mais potência para produzir e publicar conteúdos, conquistando a atenção de mais pessoas.

### 3.4.1 *Jornalismo digital e memória*

O jornalismo possui na sociedade contemporânea o papel de transmissor, mediador e também oferece a interpretação de histórias, levando em consideração a temporalidade dos acontecimentos. Com o advento da internet e com os avanços tecnológicos, o jornalismo precisou se adaptar às exigências que esse novo meio requer. Dessa forma, Palacios e Mielniczuk (2002) entendem que a internet passou a ser relevante no contexto jornalístico ao mesmo tempo em que se tornou comercial também. A internet é entendida pelos autores como sendo um meio multimídia e, por isso, demandam determinados elementos no texto jornalístico, para que se adapte às exigências dos leitores específicos da rede.

Na internet, a convergência entre texto, imagem e som tem sido a marca do *jornalismo online* que surge no início do século 21. Por reunir e explorar todas as potencialidades dos demais meios, o *jornalismo online* representa uma revolução no modelo de produção e distribuição de notícias vivenciado pelo jornalismo impresso (SBARTELOTTO, 2006, p. 56).

No *jornalismo digital*, as tecnologias desempenham um papel fundamental no processo de produção e disseminação das informações e assim tornando-se primordial no conjunto da prática jornalísticas na atualidade. Para Lévy (1999), a prática do *jornalismo digital* é um conjunto de técnicas tanto intelectuais quanto materiais de práticas, valores e modos de entendimento que se desenvolveram em conjunto com o "ciberespaço" (LÉVY, 1999, p. 17). Segundo Lévy (1998), o ciberespaço é o "universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural" (LÉVY, 1998, p. 104). O autor completa entendendo que o ciberespaço se conecta com diversas formas de tecnologia que são capazes de criar, comunicar, gravar e simular (LÉVY, 1998).

Portanto, é nesse ambiente que a prática jornalística se desenvolve, a partir também de estratégias criadas para alcançar as distintas necessidades que o meio exige. Principalmente por meio do armazenamento de informações que agora é disponibilizado aos veículos de comunicação e que pressupõe a construção da memória coletiva. Lévy (1999) afirma que com a digitalização das informações, o ciberespaço se tornaria o principal suporte de armazenamento e de memória na humanidade.

O espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (LÉVY, 1999, p. 92).

Como já mencionado, o *jornalismo digital* passou por diversas fases, mas é na quarta geração que se consolida a utilização de bancos de dados complexos por meio de ferramentas específicas utilizadas também na apuração, edição e distribuição das informações pelas empresas jornalísticas (SCHWINGEL, 2005, p. 10). Na quarta geração, os jornalistas passaram a ter acesso a sistemas e tecnologias e, como entendido por Canavilhas (2013), os celulares e *tablets* passam a fazer parte da lógica de produção e recepção do conteúdo jornalístico.

Com a atualização dos sistemas, as notícias passam a ter um maior alcance e outras formas de se disseminar, se configurando agora a partir de diferentes aspectos e abordagens que são proporcionados pelo ciberespaço em que se localizam. Critérios como a produção, emissão e recepção das informações são alterados pelo novo cenário. O caráter armazenador de dados sobre fatos se modifica assim como o caráter ativo do jornalismo na construção da memória social ganha, nessa nova geração, novos aspectos (PALACIOS, 2003, p. 15).

A memória na internet é coletiva e, com isso, o armazenamento e busca por informações se torna mais fácil a partir das ferramentas de *hiperlinks* disponibilizadas ao fim dos textos da rede. A partir dessas informações disponibilizadas por banco de dados na memória da *web*, é possível levar ao leitor uma contextualização sobre os fatos passados e suas relações com os fatos atuais. Isso é possível devido ao fato de a internet ser um meio baseado no sistema de hipertexto (PALACIOS, 2003).

Da mesma forma que a “quebra dos limites físicos” na *web* possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização de material noticioso, sob os mais variados formatos (multi) mediáticos, abre-se a possibilidade de disponibilização online de toda informação anteriormente produzida e armazenada, através da criação de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação de informações (PALACIOS, 2003, p.25).

A memória então deve ser percebida como um elemento importante na prática do jornalismo no meio digital, pois nesse ambiente digital é possível armazenar dados e informações sem limitações de extensão para as diversas textualidades, incluindo-se as imagens. Além disso, a internet proporciona ao profissional de comunicação acesso a informações que o auxiliem na construção de sua matéria jornalística. Esse armazenamento de informações otimiza o trabalho jornalístico (PALACIOS e MIELNICZUK, 2002).

### 3.4.1.1 Memória no jornalismo digital: possibilidades e limitações

Palacios (2010) aponta para alguns efeitos da memória para o *jornalismo digital* e os avanços da digitalização das informações. Segundo o autor, existem quatro principais mudanças que ocorreram no tocante à memória. A primeira foi nas “rotinas produtivas” das redações jornalísticas. Agora é possível mais aprofundamento e contextualização na cobertura jornalística graças à “crescente facilidade de consultas e apropriação de informações em bases de dados internas e externas ao veículo” (PALACIOS, 2010, p. 46), pois aumentaram assim as possibilidades de agregar informações com valor memorialístico.

Dessa forma, ocorreu uma “potencialização do uso dos recursos de memória na estruturação do texto jornalístico e na sua edição” (PALACIOS, 2010, p. 46), tornando mais fácil para os jornalistas incorporarem os elementos de memória na produção das notícias e reportagens. Esses elementos podem ser “comparações, analogias, nostalgia, desconstrução etc” (PALACIOS, 2010, p. 46). Além disso, o autor destaca para a prática cada vez mais comum da introdução da memória na edição das matérias on-line por meio de textos com *hiperlinks* associados a base de dados dos veículos (PALACIOS, 2010).

A segunda mudança citada pelo autor foi nos “modelos de negócios”. Os jornais digitais permitem a inclusão da memória através, por exemplo, dos antigos modelos mais simples de “acesso seletivo e pago à informação pregressa”, à criação de produtos novos, em que é possível realizar um “plano de atração e fidelização de audiências” (PALACIOS, 2010, p. 46). A terceira diferença é na “produção de formas narrativas diferenciadas”, pois agora é possível incorporar a memória de diferentes modos e formatos como, por exemplo, por meio de áudios, vídeos, fotos, contraposições etc.

E por último temos as “formas de interação com o usuário”, que agora dispõe de formas de buscar, na própria página do jornal digital, os “aspectos históricos em torno do material de Atualidades que lhe é oferecido”, além de conseguir “personalizar sua memória em espaços do próprio site jornalismo que utiliza” (PALACIOS, 2008 apud PALACIOS, 2010, p. 46). De acordo com o autor, essa personalização é realizada por meio de “clipagens, criação de arquivos temáticos personalizados ou utilização de ferramentas de indexação on-line (Digg, Delicious, Flickr, etc)” (PALACIOS, 2010, p. 46).

Salientamos, igualmente, a importância das novas formas de interação entre o jornalismo e seus usuários. No limite mínimo, comentários de leitores às notícias (potencializando enormemente as antigas Cartas do Leitor), bem como opiniões deixadas em fóruns ou seções criada para abrigar contribuições de jornalistas cidadãos passam a funcionar como uma espécie de Marginalia ao texto jornalístico, como outrora anotavam nas margens suas opiniões e observações os copistas dos antigos manuscritos (Jackson, 2001, esp. 81-100) e mais recentemente os leitores de livros em suas cópias impressas. Uma nova área de interesse para o historiador deve abrir-se, portanto, a partir de tais inscrições, que somam vozes de usuários e registram suas reações aos textos originalmente produzidos pelos jornalistas. (PALACIOS, 2010, p. 47).

A clipagem digital mencionada pelo autor é, segundo ele, um outro “aspecto emergente” que pode ser considerado ao pensar nos usos e potencialidades da memória do meio digital. A clipagem permite que os “arquivos pessoais de material jornalístico” possam ser “facilmente construídos e instantaneamente recuperáveis e socialmente compartilhados” nos portais que oferecem ferramentas que possibilitam a existência desse recurso (PALACIOS, 2010, p. 47).

O autor entende que reportagens e especiais memorialísticos estão se tornando cada vez mais comuns no *jornalismo digital*, principalmente no tocante a datas comemorativas ou eventos históricos, que acabam por produzir “uma espécie de presentificação dos fatos, algumas vezes, inclusive narrando-os como se estivessem acontecendo na atualidade” (PALACIOS, 2010, p. 47). Dessa forma, o *jornalismo digital* tem apresentado diversos experimentos de hibridização entre os textos jornalísticos e relatos de memórias não só de usuários, mas também ao longo da reportagem em forma de entrevistas. A memória dos leitores é realizada através de uma seção de registros especiais, que possibilitam não só a aproximação entre jornalismo e público, mas também essa “hibridização de linguagens e presentificação do passado” (PALACIOS, 2010, p.47).

Dessa forma, é possível compreender a reportagem multimídia como um tipo mais avançado de reportagem para a *web*, se apresentando como narrativa. A reportagem multimídia recorre ao *design*, à informação visual para aproximar o público, submergir o usuário no acontecimento e estabelecer relações entre os conteúdos em diversos formatos integrados. Os conteúdos fazem parte de um todo, em um discurso que segue uma lógica multilinear, de relações claras entre as partes. A narrativa é centrada em áudios, imagens e outros meios. Além disso, apresenta um hipertexto modular, com multimidialidade por integração. A memória é ativada como potente contextualizador, na medida em que oferece elementos relativos ao passado e às origens dos acontecimentos, jogando luz sobre suas causalidades e processos que os constituíram.

#### 3.4.2 A reportagem como narrativa memorialística

No jornalismo, os fatos podem ser narrados pelos jornalistas por meio de diferentes gêneros que são utilizados para transmitir as informações ao público. Dessa forma, existem diversas classificações em relação aos gêneros jornalísticos. Nesse estudo, utilizaremos a classificação realizada por Beltrão (1980), pois ela atende aos parâmetros operacionais que os textos devem desempenhar. O autor define três categorias: a primeira é o jornalismo informativo, que abrange as notícias e reportagens. A segunda é a do jornalismo interpretativo, que é a reportagem em profundidade e a terceira que é o chamado jornalismo opinativo, que abrange os formatos de editorial, opinião do leitor, artigo, crônica etc. Em nosso estudo, vamos nos deter ao jornalismo interpretativo, por entender que é onde a reportagem multimídia, objeto do nosso estudo, se encaixa.

O jornalismo interpretativo é um gênero que permite ao jornalista um aprofundamento no tema, pois permite a ele “aquirir sobre as causas e origens dos fatos, busca também a ligação entre elas e oferece a explicação da sua ocorrência” (DINES, 2009, p. 110). Segundo Noblat (2004), a “notícia é o relato mais curto de um fato”, enquanto a “reportagem é o relato mais circunstanciado” (NOBLAT, 2004, p. 4). De acordo com Sodré e Ferrari (1986), as principais características de uma reportagem são a objetividade dos fatos, o texto de natureza impressionista, o texto predominantemente narrativo e a humanização dos relatos. Essas características serão explicadas melhor no próximo capítulo. Para os autores essas características podem aparecer com mais ou menos destaque, dependendo do tema da reportagem, mas são sempre apoiadas pela forma narrativa da escrita. Para Beltrão (1980), o jornalismo interpretativo é um jornalismo em profundidade, à base da investigação, que começa a representar a nova posição da imemorial atividade social da informação de atualidade. “Um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade, a fim de que a massa, ela própria, a interprete.” (BELTRÃO, 1980, p. 42).

Sendo assim, é possível afirmar que a reportagem permite ao jornalista mais experimentações e aprofundamentos do que a notícia fatural. A reportagem é um gênero jornalístico que não possui uma forma única, mas que tem como objetivo principal a comunicação efetiva das informações assim como a troca emocional com seu leitor (SODRÉ; FERRARI, 1986).

Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa - com personagens, ação dramática e descrições de ambiente - separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 9).

Bergamo (2011) acredita que a reportagem “é a narrativa de um indivíduo em particular, o repórter, cuja narração se baseia, em grande medida, em sua própria história ou, muitas vezes, naquilo que é transmitido por seus ‘contatos’” (BERGAMO, 2011, p. 246), fazendo com que a reportagem tenha uma relação direta com a memória individual e coletiva. Para o autor, a reportagem é escrita na maior parte das vezes a partir de um testemunho, pois depende do repórter para contar o acontecimento. Mas ela também vai além do próprio indivíduo ao se referir muitas vezes a eventos considerados “coletivos” e “sociais”. Segundo ele, “a reportagem faz da história pessoal uma história coletiva, ou vice-versa” (BERGAMO, 2011, p. 246).

A reportagem é realizada e tem sua significação entre o individual e o coletivo, e “fora dessa posição, talvez não pudéssemos falar de ‘reportagens’” (BERGAMO, 2011, p. 246). O autor também atenta que a reportagem é sempre produzida em grande escala, possuindo “valor de ‘documento’ não apenas pessoal, mas também histórico, coletivo” (BERGAMO, 2011, p. 247). Ribeiro e Brasiliense (2006), acreditam na reportagem como documento de controle da memória social.

Mas a grande questão é saber: a quem cabe ser guardião da memória de uma coletividade? Que detém autoridade para realizar o trabalho de seleção e enquadramento do passado de um grupo? [...]. Os meios de comunicação não são os únicos, mas são, hoje, um dos principais atores na realização do trabalho de enquadramento sobre o passado das coletividades. É através deles que se realiza a operação da memória sob os acontecimentos e as interpretações do passado que se ser salvaguardar. O controle da memória social parte de “testemunhas autorizadas” e o jornalista, mediador entre o fato e o leitor, interfere nesse processo, não só enquadrando os fatos, mas reconstruindo valores e identidades no controle da realidade. (RIBEIRO; BRASILIENSE, 2006, p. 4).

Alquéres (2005), reafirma a ideia de Bergamo sobre memória individual na reportagem ao acreditar que na escrita ou narração dos fatos existe a “presença” do jornalista nos acontecimentos. De acordo com ele, “o jornalista é, antes de tudo, um repórter”, por isso cabe a ele “a árdua tarefa de sair em busca da notícia fresca, da entrevista inédita, do acidente que acabou de ocorrer, da pesquisa que ainda será divulgada” (ALQUÉRES, 2005, p. 11). Dessa forma, o jornalista se torna responsável por reconstruir os acontecimentos e registrar as opiniões e testemunhos mais importantes, escrevendo a “história imediata” e “mantendo os leitores atualizados e legando aos autores da historiografia de longo prazo fontes informativas de valor inquestionável” (ALQUÉRES, 2005, p. 11). Assim, o jornalista e o jornal, ao noticiarem um importante acontecimento histórico, fazem coincidir a “importância histórica” do “registro” com sua “presença” na história (BERGAMO, 2011, p. 247).

Bergamo (2011) entende que a escrita jornalística é a principal característica que possibilita a junção da “memória” e sua “prova documental”. Segundo ele, “lembrar-se — no caso do jornalismo e diante do fato de que as reportagens são 'documentos' que ocupam essa posição singular e ambígua — é encontrar não um acontecimento no passado, mas a narrativa desse acontecimento no passado” (BERGAMO, 2011, p. 247). O autor acredita que ocorre uma relação de dependência entre o acontecido e o que é narrado e por isso a profissão do jornalista se apoia principalmente no trabalho da escrita (BERGAMO, 2011). Para Sodré (2008), o jornalista é o “guardião da língua, da escrita e da credibilidade histórica” (SODRÉ, 2008, p. 54).

Essa dupla memória, individual e coletiva, compreende não só o acontecimento histórico (verídico, fidedigno), mas também a língua e a escrita. A importância “documental” do jornalismo oscila, com isso, ora em direção ao trabalho de reportagem, ora em direção à escrita (ou, por vezes, em direção a outras formas de registro, como a fotografia ou o documentário, por exemplo). (BERGAMO, 2011, p. 248).

É possível encontrar também na reportagem um repertório de imagens que são importantes para a linguagem jornalística. Para Kossoy (2005), “dentre as diferentes formas de informação transmitidas pela mídia, as imagens, em geral, se constituem num dos sustentáculos da memória” (KOSSOY, 2005, p. 50). Lima (2012) afirma que ao trabalhar a memória é necessário considerar as “pessoas, representações sociais, tempos, espaços, significados, valores culturais, sentimentos

individuais e coletivos” (LIMA, 2012, p. 145) que estão envolvidos. Segundo ele, as memórias tanto individuais quanto as coletivas “constituem e organizam a história juntamente com as práticas culturais de um determinado local, construindo suas identificações conforme as relações com o outro” (LIMA, 2012, p. 145).

Apesar de na teoria ser possível entender a reportagem possuindo valor como “documento histórico”, como vimos anteriormente, na prática nem todas elas possuem esse valor. Bergamo (2011) chama a atenção para o fato que algumas reportagens serem escolhidas a partir de escolhas que alteram sua relevância na história. Segundo o autor, “a notícia diária, assim como a conhecemos e vemos todos os dias, é feita com a preocupação de ser lida ou vista ‘naquele dia’” (BERGAMO, 2011, p. 249), mas algumas dessas notícias se tornam importantes. Muitas têm potencial de, no futuro, serem percebidas como fatos históricos. O autor acredita haver uma tensão “entre o lido (ou visto) e o relido (ou revisto), entre a notícia e seu valor histórico-documental, entre o que não precisa e o que deve ser — sempre ou oportunamente lembrado” (BERGAMO, 2011, p. 249).

A desigualdade que pode ser observada nos critérios de escolha entre o que não precisa e o que deve — ou merece — ser revisto lembrado é homóloga à desigualdade entre as matérias ordinárias e as extraordinárias, assim como à desigualdade de usos da linguagem na transmissão dessas diferentes notícias, mas principalmente é homóloga à desigualdade observada entre as posições mais autônomas e as mais dependentes no interior do jornalismo. É a mesma desigualdade observada na diferença entre as matérias e as notícias assinadas e as não assinadas, entre aquelas cujo autor tem um nome próprio e as demais, cuja autoria é ‘da redação’”. (BERGAMO, 2011, p. 250).

É necessário compreender que existe essa “homologia entre a memória e as notícias quentes” (BERGAMO, 2011, p. 250), pois trata-se de uma memória que possui influência no “agir sobre o passado” e que influencia os jornalistas de forma desigual em “seus critérios de hierarquização ao reproduzir as linguagens de suas posições dominantes ou mais autônomas” (BERGAMO, 2011, p. 50), como é o caso da reportagem investigativa.

Entretanto, a reportagem multimídia, por possuir mais aprofundamento devido aos diversos recursos que utiliza (texto, fotografia, vídeos, gráficos etc), se diferencia das notícias diárias já em sua produção e articulação, por ter como principal aspecto a multimídia (PALACIOS, 2003, p.3). As reportagens escolhidas como *corpus* desse estudo têm em seus relatos abordagens de fatos do passado, fazendo com os testemunhos nos quais elas se baseiam constituam, muitas vezes, novos significados no presente para o leitor. No próximo capítulo serão trabalhados os elementos que compõem a reportagem multimídia em seus distintos aspectos.

## 4 ELEMENTOS DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA

Neste capítulo, aborda-se o tema da reportagem, mais especificamente a reportagem multimídia, objeto desse estudo. Busca-se inicialmente distinguir os conceitos de multimídia e transmídia, por meio de estudos de diferentes autores. Em seguida, busca-se compreender cronologicamente os avanços da reportagem e os diferentes gêneros jornalísticos aos quais ela foi atribuída até chegarmos na grande reportagem multimídia. Faz-se importante entender o que é convergência e como ela transformou os conteúdos do *jornalismo digital*. Em seguida, realizamos um estudo sobre a evolução da narrativa multimídia ao longo dos anos, para em seguida abordarmos os principais aspectos existentes em uma reportagem multimídia.

### 4.1 Transmidiático e o multimidiático

Em função da complexidade do transmidiático, faz-se necessário diferenciar o termo da narrativa multimídia. A narrativa transmídia ocorre quando determinado assunto ganha abordagem em diferentes plataformas, atingindo o público de cada uma delas (JENKINS, 2008, p 130). Já a narrativa multimídia conta com os elementos dessas plataformas para formar uma única narrativa que se complementa (LONGHI, 2014, p 2). De acordo com Longhi (2008), o conceito geral da narrativa transmídia é definido como sendo uma história capaz de se desenrolar através de múltiplos suportes midiáticos, levando em consideração a peculiaridade de cada um na hora de elaborar a narrativa.

Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do game, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo (JENKINS, 2008, p. 135).

Para Jenkins (2008), a narrativa transmidiática acontece em diversos suportes midiáticos, onde os textos adicionados contribuem “de maneira distinta e valiosa para o todo” (JENKINS, 2008, p. 135). O autor entende que no transmídia a narrativa se adapta de acordo com o meio no qual se encontra de forma distinta, mas complementar. Recentemente ele adotou o termo “lógica transmídia” (JENKINS, 2017) para nomear a relação entre o público, os produtores de conteúdo transmídia e o conteúdo em torno de um planejamento transmidiático. A “lógica transmídia” acontece a partir dos princípios que constituem a narrativa transmídia que são a profundidade, a coerência, a imersão x extração, a construção de universo, a serialidade, subjetividade e a *performance* (JENKINS, 2008). O primeiro princípio da profundidade explana sobre a produção do conteúdo transmídia, que é segmentado em diferentes suportes e se complementando, para que cada meio apresente uma nova referência a narrativa final.

Além disso, Jenkins (2003) pontua a importância dos produtores de conteúdo compreenderem que cada um dos meios deve possuir uma informação única e bem trabalhada pelas possibilidades que o meio proporciona. No segundo princípio, a coerência, Jenkins (2008) se refere à construção linear e contínua nas produções transmídias. O princípio da imersão x extração entende a imersão quando o receptor é colocado como membro ativo da narrativa, sendo possível interagir com o conteúdo, além de ter mais liberdade para escolher quais informações e o caminho percorrido por ele dentro do conteúdo. A extração, por outro lado, é quando os produtores pensam nos conteúdos para o cotidiano como, por exemplo, a venda de produtos relacionados a uma série televisiva. Dessa forma, é possível entender a extração como parte do marketing do produto, não fazendo parte do produto midiático em si. (JENKINS, 2008).

O quarto princípio é a construção de universos (JENKINS, 2008), que se refere ao entendimento e planejamento do contexto de um produto midiático a partir de uma lógica inteligível. O quinto princípio é o da serialidade, que explica sobre a fragmentação da narrativa, com divisões do conteúdo em diferentes plataformas, com o objetivo de diversificar o público e aprofundar a experiência na narrativa contada (JENKINS, 2008). O princípio da subjetividade, é entendido por Jenkins (2008) por estar conectado ao princípio da coerência e ao da multiplicidade na construção da história. Dessa forma, esse princípio permite que o conhecimento em torno do conteúdo seja aprofundado. O sétimo e último princípio é o da *performance*, que se refere à relação entre o público e a mídia, compreendendo como a informação foi entendida e assimilada pelos receptores (JENKINS, 2008). Esse princípio está diretamente associado a apoderar-se do tema, modificando seus significados em outros conteúdos.

O que um dia foi admitido como verdade absoluta precisa agora ser articulado. O resultado pode ser chamado de economia moral de informação: ou seja, uma noção de obrigações recíprocas e expectativas compartilhadas sobre o que constitui boa cidadania dentro da comunidade de conhecimento. Podemos pensar em comunidades de fan fiction como o equivalente literário da Wikipédia: em torno de qualquer propriedade midiática, escritores estão construindo uma série de interpretações diferentes, expressas por meio de histórias. O compartilhamento dessas histórias abre novas possibilidades de texto. (JENKINS, 2008, p. 339).

Gosciola (2012), em seu estudo, aponta que o termo transmídia foi usado pela primeira vez pela pesquisadora Marsha Kinder (1991), mas o conceito da narrativa transmidiática surge em 2013, no artigo de Henry Jenkins intitulado *Transmedia Storytelling*, sendo consolidado de fato no ano de 2006 com o livro *Cultura da Convergência*, de Jenkins.

Dessa forma, apesar de se tratar de um conceito contemporâneo, já era um fenômeno observado antes mesmo dos avanços tecnológicos atuais (MOLONEY, 2011, p. 16). De acordo com o autor, as narrativas transmídias não são “um fenômeno novo, e talvez seja a técnica mais antiga que

temos para espalhar a informação”, pois segundo ele, temos "sagas memorizadas transferidas oralmente de um contador de histórias para outro, para pinturas rupestres e arte, os contos contados ao longo da história humana encontraram múltiplos canais para seus públicos" (MOLONEY, 2011, p. 16, tradução nossa).<sup>13</sup>

Outro aspecto do transmidiático é destacado por Canavilhas (2018), que compreende a participação do público como essencial para que um conteúdo seja considerado transmidiático. Para ele, é por meio da participação do público que o conteúdo pode ser enriquecido, pois é a ele acrescentadas opiniões diversas e outros pontos de vista. Para ele, “a massificação dos smartphones com conectividade à internet, assim como o crescimento exponencial das redes sociais, criaram as condições para a mudança de um sistema de um-para-muitos para um sistema de muitos-para-muitos (...)” (CANAVILHAS, 2018, p. 4, tradução nossa<sup>14</sup>)

Alzamora e Tárzia (2012) entendem que a perspectiva transmidiática “pressupõe, nessa perspectiva, não apenas complementaridade midiática, embora esta seja uma característica relevante do processo, mas principalmente deslocamento das características tradicionalmente marcadas pelos ambientes midiáticos” (ALZAMORA e TÁRCIA; 2012, p. 31). Para as autoras, o transmidiático se constitui a partir de “zonas reticulares de miscigenação de gêneros e formatos entre conexões de mídias digitais” (ALZAMORA e TÁRCIA; 2012, p. 31). Autores como Scolari, Bertetti e Freeman (2014), apontam que o fenômeno transmídia não deve ser visto como inerente aos avanços tecnológicos, mas sim tendo sido intensificado por estes.

(...) transmídia não é um simples fenômeno que surgiu nos últimos anos por conta da convergência tecnológica, mas sim um fenômeno que pode ser rastreado quase até as origens da indústria cultural moderna entre o final dos anos 1800 e 1900. Poderíamos dizer que as formas mais antigas de franquias transmídia foram construídas sobre o compartilhamento de personagens, e não sobre a lógica de um mundo particular. (SCOLARI, BERTETTI e FREEMAN; 2014, p. 17, tradução nossa).<sup>15</sup>

Para Mittermayer (2017), “a narrativa transmídia comporta-se com tamanha profundidade e imensidão que o investigador tem à sua frente um labirinto caótico para aventurar-se” (MITTERMAYER, 2017, s/p). Para o autor, a narrativa transmídia pode ocorrer em um único suporte

<sup>13</sup> Tradução nossa para: "Transmedia storytelling is not a new phenomenon, and is perhaps the oldest technique we have for spreading information. From memorized sagas transferred orally from one storyteller to another, to cave paintings and art, the tales told through human history have found multiple channels to their publics" (MOLONEY, 2011, p. 16).

<sup>14</sup> Tradução nossa para: the massification of smartphones with Internet connectivity, as well as the exponential growth of social networks, have created the conditions for the shift from a one-to-many system to a many-to-many system[...]" (CANAVILHAS, 2018, p. 4).

<sup>15</sup> Tradução nossa para: "(...) transmedia is not simply a phenomenon that has emerged in recent years on account of technological convergence but rather one that can be traced back almost to the origins of the modern cultural industry between the end of the 1800s and 1900s. We could say that older forms of transmedia franchises were constructed on character sharing rather than on the logics of a particular world" (SCOLARI, BERTETTI e FREEMAN; 2014, p. 17).

e seu diferencial é o de poder levar a narrativa para “diferentes sistemas de linguagem e significação”. Segundo ele, “a principal condição que estipulo para um objeto ser classificado como narrativa transmídia é a verificação de uma montagem qualitativa da narrativa ficcional dentro das diversas formas de se contar histórias”. Apesar disso, o autor entende que “o método para esta verificação qualitativa ainda precisa ser desenvolvido. A chave de ouro está em focar na qualidade da narrativa e na busca das melhores formas de se contar esta narrativa” (MITTERMAYER, 2017, s/p).

Pratten (2015) também ressalta sobre a importância de uma produção de qualidade do produto transmidiático, pois “a diferença crucial entre a narrativa transmídia e a narrativa multiplataforma é a tentativa de criar sinergia entre o conteúdo e o foco em uma experiência emocional e participativa para o público” (PRATTEN, 2015, p.2-3, tradução nossa<sup>16</sup>). Fechine e Rêgo (2018) pontuam que a “estratégia transmídia é alcançada quando o público assume a gestão do conteúdo, realizando as ações necessárias à construção do texto (acessando e correlacionando esses textos ou produzindo novos em resposta às convocações e instruções dos produtores)” (FECHINE, RÊGO; 2018, p. 253, tradução nossa<sup>17</sup>).

Por outro lado, Scolari (2009) conceitua a narrativa multimídia como uma configuração que se difunde tanto para diferentes linguagens quanto para diferentes meios midiáticos. Para Scolari (2011), a narrativa transmídia é definida como a essência do jornalismo atual, pois possibilita que as narrativas jornalísticas sejam convertidas para diferentes plataformas. Para o autor, a principal característica da narrativa transmídia é a diversidade de mídias utilizadas para fazer a narrativa do fato. Nesse caso, a história não é contada apenas por meio de texto em um jornal impresso, mas também pelo texto digitalizado da internet, por vídeos, por fotos e áudios. O receptor passa a possuir acesso a várias mídias, o que o permite criar sua própria percepção da história a partir de todo o conteúdo que ele absorveu. Outra característica descrita por Scolari (2011) é que agora o receptor passa a fornecer informações, ajudando na criação do conteúdo. Ele detém informação importante para a criação da pauta e também para o jornalista.

Podemos dizer que o jornalismo cumpre as condições que caracterizam as narrativas crossmídia: estamos em presença de uma história contada através de vários meios (*web*, RSS, blog, rádio, televisão, jornal impresso, etc.) que dessa vez estão enriquecidos com as contribuições dos usuários (blogs, comentários, tweets, telefonemas, cartas ao leitor, etc.) (SCOLARI, 2011, p. 153, tradução nossa).<sup>18</sup>

<sup>16</sup> Tradução nossa para: “The crucial difference between transmedia storytelling and multiplatform storytelling is the attempt to create synergy between the content and a focus on an emotional, participatory experience for the audience” ((PRATTEN, 2015, p.2-3)

<sup>17</sup> Tradução nossa para: “transmedia strategy is achieved when viewers assume the management of content, i.e. by performing necessary actions to the text construction (accessing and correlating these texts or producing new ones in response to the summons and instructions of the producers)” (FECHINE, RÊGO; 2018, p. 253)

<sup>18</sup> Tradução nossa para: “Podría decirse que el periodismo cumple las dos condiciones que caracterizan a las narrativas crossmedia: estamos en presencia de una historia que se cuenta a través de varios medios” (SCOLARI, 2011, p. 153).

É dessa forma que Scolari (2011) exemplifica as mudanças que acontecem no jornalismo atual, não só no contexto digital, mas também na necessidade de uma narrativa jornalística escrita de diferentes formas. Outro pesquisador, que também abordou o tema e principalmente o papel do jornalista na relação transmídia foi Aayush Iyer (2005). Para ele, é importante que o jornalista e a empresa jornalística sejam capazes de dar conta da singularidade de cada um dos meios e plataformas diferentes, além de suas vantagens para a comunicação (AAYUSH IYER, 2005, p. 32). Portanto, o papel do jornalista, nesse caso, é o de entender como funciona cada uma das mídias disponíveis nos dias atuais, estando ciente das especificações de cada uma das plataformas disponíveis para, dessa forma, potencializar a sua informação e a forma como ela chega até a sua fonte de interesse.

Segundo Renó e Flores (2018), a narrativa transmídia permite que o jornalismo integre novas possibilidades de comunicação na nossa sociedade atual, onde a interatividade se torna essencial por possuir o “objetivo de involucrar e atrair o receptor para a interpretação participativa da mensagem” (RENÓ e FLORES, 2018, p. 3, tradução nossa<sup>19</sup>). Pernisa Júnior (2010) explana sobre a cooperação entre meios que deve existir entre o jornalismo transmidiático e o multimidiático, entendendo que “o jornalismo transmidiático ou multimídia indicaria verdadeiramente uma conexão de meios e menos uma disputa pela sobrevivência entre eles, o que traz uma nova visão principalmente dos veículos impressos” (PERNISA JÚNIOR, 2010, p.4).

Para Renó (2011), o termo multimídia pode ser compreendido como uma “somatória de muitos meios, não representando, necessariamente, a intersecção de diferentes linguagens na construção de uma narrativa complexa”, pois, segundo ele, “os processos comunicacionais multimidiáticos têm resultado em redundância de informação; a mensagem passa pelos diferentes meios, porém não se explora o que há de melhor em cada um deles” (RENÓ, 2011, p.208).

Para Salaverría (2014), “a comunicação humana é multimédia. Sempre foi” (SALAVERRÍA, 2014, p. 25). De acordo com o autor, é inerente a forma como o ser humano se relaciona com o mundo. A utilização de sentidos sensoriais diversos como o olfato, paladar, visão, entre outros, altera a sua maneira de se comunicar. Sendo assim, o autor entende o conceito de multimídia como maior e mais complexo do que apenas a combinação de diferentes recursos como vídeos, fotos, textos, etc. O autor atribui ao conceito de multimídia os entendimentos de também se tratar de produtos polivalentes em que há a multiplataforma e combinação de linguagens.

Para ele, “texto, fotografia, iconografia e ilustração, gráficos, vídeos, animação digital, discurso oral, música e efeitos sonoros, vibração - compõem o conjunto de formatos através dos quais é possível produzir conteúdos multimédia” (SALAVERRÍA, 2014, p.38). Ele acredita que, para a

---

<sup>19</sup> Tradução nossa para: “con el objetivo de involucrar y atraer el receptor para la interpretación participativa Del mensaje” (RENÓ e FLORES, 2018, p. 3).

construção da linguagem multimídia, é necessária a utilização de critérios de composição dos elementos, como já estudado no tópico 2.3.4. De acordo com ele, como as informações são transmitidas por mais de uma mídia, é necessário estar atento a uma integração entre os recursos:

Podemos estabelecer uma analogia entre a língua e a comunicação multimídia: tal como na língua, onde os tipos de palavras (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios...) são unidades de significado que se organizam em orações conforme regras sintáticas, na comunicação multimídia os elementos seriam unidades de informação que se organizam mediante aquilo que poderíamos batizar como sintaxe multimídia (SALAVERRÍA, 2014, p.45).

A narrativa multimídia se difere em muitos aspectos da narrativa transmídia. Uma de suas principais características se dá no contexto do *jornalismo digital*, por exemplo, que permite que sejam agregados valores de diferentes meios (áudio, vídeo, texto, foto etc.), e que, juntos, permitem a criação de um conteúdo completo e dinâmico em um mesmo espaço. “A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade” (PALACIOS, 2002, p. 3). Apesar de entendermos a força do transmídia no *jornalismo digital* atual, nesse estudo fazemos a opção por analisar apenas as narrativas multimidiáticas, em função de nosso objeto empírico que analisaremos mais à frente, como já mencionado, as reportagens multimídias memorialísticas.

#### **4.2 Multimídia: transformações da reportagem**

De acordo com Lage (2005), o jornalismo deve interpretar a realidade ao redor através do recolhimento de dados sobre os acontecimentos, proporcionando ao público a informação do que é significativo e importante sobre o fato. Esses dados podem ser na forma de áudios, sons, textos, fotos, vídeos e outros ou a combinação de todos esses recursos. A reportagem como gênero jornalístico se firmou na descendência do jornalismo de uma tradição advinda da proximidade das origens do jornalismo com o discurso literário (SODRÉ e FERRARI, 1986). Entretanto, a reportagem possui sua própria estilística “que marca a definição [dela] como gênero e do repórter como escritor de/em jornal” (SOUZA, 2010, p. 15). Esse texto investigativo constitui-se a partir de elementos da técnica jornalística, que apura os fatos e prima pela realidade, e da tradição literária realista, que conta com investimento narrativo, usando técnicas como descrição de ambientes, dos objetos e a construção de personagens (SODRÉ e FERRARI, 1986).

Lima (1993) acredita que o jornalismo absorve elementos do fazer literário e os transforma, direcionando-o a fins diferentes. A literatura está basicamente interessada na escrita, não representando necessariamente o real, a factualidade concreta e a efetiva de acontecimentos e personagens que tiveram existência de fato no mundo empírico ou um espaço verdadeiro. Já na

reportagem esses itens são primordiais. Segundo Lima (1969), “o jornalismo possui quatro caracteres de especificação crescente: uma arte verbal; uma arte em prosa; uma prosa de apreciação; e uma apreciação dos acontecimentos” (LIMA, 1969, p. 41). Para ele, o jornalismo está inserido “no conjunto das diferenciações específicas da literatura, em sentido lato ou corrente” (LIMA, 1969, p. 41). O autor afirma que “o jornalismo como gênero literário deve ser antes de tudo arte, isto é, uma atividade livre do nosso espírito no sentido de fazer bem alguma obra” (LIMA, 1969, p. 42).

De acordo com Souza (2010), o termo reportagem pode ser conceituado como um tipo de literatura “impressionista documentada” (SOUZA, 2010, p. 14). Ele acredita que o surgimento do formato da reportagem, que alterou o conteúdo dos jornais, possibilitou que o veículo se aproximasse dos seus leitores, pois “é o gênero que acompanha e possibilita a popularização dos jornais, decididamente um fenômeno de massa nesses novos tempos” (SOUZA, 2010, p. 15). Segundo o autor, “a reportagem estabelece a diferenciação do jornalismo como linguagem e estilo e pode ser invocada como um marco da autonomização do jornalista no campo das outras profissões intelectuais” (SOUZA, 2010, p. 26).

Guirado (2004) conceitua a reportagem como um dos tipos de texto mais complexos no dia a dia do jornalista. Para a autora, as pautas das reportagens são mais exigentes quando comparadas com as pautas noticiosas, cujo objetivo é apenas responder as perguntas “o que?” “como?” “onde?” “por quê?” “quem?” e “quando?” (GUIRADO, 2004, p. 20). A reportagem, por outro lado, tem como meta o esgotamento de determinado assunto. Guirado (2004), afirma que a reportagem são matérias longas, cujo conteúdo é investigado até o seu esgotamento. Segundo o autor, esse processo se aproxima do fazer literário, pois “enquanto a literatura cria um mundo fictício, com esse elemento básico da linguagem verbal, a reportagem ideal tenta recriar o mundo numa suposta relação de proximidade com a realidade” (GUIRADO, 2004, p. 103).

Apesar da divergência entre os autores, a maioria entende a reportagem como gênero do jornalismo informativo. Melo (2009), percebe que os gêneros jornalísticos são processos conjuntos da comunicação e que podem ser classificados a partir de modalidades significativas. Para Assis (2012) e Seixas (2009), os gêneros jornalísticos são entendidos como construções sócio-históricas, que se relacionam diretamente com a linguagem, possuindo uma ligação com as composições do discurso jornalístico. Assim, “esses gêneros não são tipos de textos que se determinam apenas pela estrutura composicional das palavras ou pelos traços de estilo; eles são, acima de tudo, reflexos e resultados de uma atividade profissional” (ASSIS, 2012, p. 84).

Melo (2003) também acredita que os gêneros são artifícios utilizados para orientar os profissionais na prática jornalística. A partir desse levantamento sobre os gêneros, pode-se concluir que a reportagem é classificada em três tipos principais, que são eles: gênero interpretativo, gênero informativo e gênero opinativo.

Lage (2005) aponta a intensidade, a profundidade e a autonomia como características fundamentais para o jornalista ao construir uma reportagem. Para ele, a reportagem escrita com qualidade possui uma investigação e uma apuração mais cuidadosa, não sendo possível ser realizada de forma imediata. Sodré e Ferrari (1986) também ratificam que a reportagem não possui o caráter imediatista da notícia e por isso é capaz de oferecer uma maior contextualização e detalhamento ao seu receptor.

Como já mencionado no tópico 3.4.2, em obra referencial sobre o estudo da narrativa da reportagem, Ferrari e Sodré (1986) apontam os elementos essenciais deste gênero. São elas: a predominância da forma narrativa; a humanização do relato; o texto de natureza impressionista; a objetividade dos fatos narrados. De acordo com os autores, todas são essenciais para a construção do texto, mas, conforme o tema e seu modo de abordagem, algumas dessas características poderão aparecer com maior ou menor frequência e intensidade (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 15). Os autores também apontam para características consideradas importantes para a construção da reportagem, que são: força, clareza, tensão, condensação e novidade. Além disso, eles entendem que a reportagem pode existir de diferentes formas: a reportagem conto, a reportagem-crônica e o livro-reportagem.

Irene Machado (2001) define gêneros digitais como narrativas comunicacionais realizadas de forma digital ou on-line. Para a autora, estes gêneros são entendidos como “formas arquitetônicas cujas estruturas são modelizadas por linguagens artificiais”. Eles foram criados por meio da engenharia digital para realizar a “combinação e reprocessamento de sistemas de escrita e de gêneros literários, discursivos; de gêneros informativos da mídia impressa; da linguagem visual e do design gráfico; dos gêneros audiovisuais do cinema, do rádio e da televisão” (MACHADO, 2001, p. 30). Machado (2002) considera que para pensar nos gêneros no contexto da cultura digital é necessário estar atento não só a como as mensagens se organizam e se articulam a partir de sua produção, mas também no processo de troca no processo de recodificação dos dispositivos a partir da mediação nos programas digitais. De acordo com Machado (2002), o gênero não se refere apenas à linguagem utilizada, mas também ao meio digital que altera a forma como são realizados os enunciados jornalísticos. (MACHADO, 2002, p. 29).

Para Machado (2001), o gênero no contexto digital pode ser definido a partir de suas características digitais e de seus objetivos tecnológicos, se articulando e interagindo com o meio. Para Irene Machado (2001), só é possível entender o modelo dos gêneros digitais a partir do *design*. Com isso, é possível compreender melhor como o formato, além do conteúdo, caracteriza o modelo da reportagem multimídia através da maneira como ela é projetada na internet. As reflexões de Irene Machado (2001) nos permitem evidenciar que, na narrativa digital, a reportagem multimídia tem um ponto de vista arquitetônico para o *design*. Machado (2001) afirma que assim como um arquiteto que organiza o espaço, o gênero da reportagem multimídia é considerado de acordo com um projeto, com

características específicas. O *design* cria uma forma própria para a reportagem, tornando evidente o objetivo com a qual ela foi projetada (MACHADO, 2001).

A característica *predominância de uma forma narrativa* é necessária, principalmente na construção de uma reportagem. É a partir dela que o jornalista deve contextualizar os fatos, interpretar e “contar a história” de forma que desperte interesse no leitor. Os detalhes são imprescindíveis, mas a *objetividade dos fatos narrados* também é outra característica para a construção de um bom texto jornalístico (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 15). A característica da *humanização do relato* permite criar uma identificação do leitor com os personagens na narrativa. Essa identificação acontece a partir da descrição do indivíduo feita pelo repórter. Conforme as pessoas se identificam com a reportagem, ocorre a aproximação entre o leitor e acontecimento (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 15)

Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato é feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele “que está presente”, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo em 1ª pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 15).

Além dos conceitos que caracterizam uma reportagem, faz-se necessário compreender quais os “tipos” de reportagem existentes. Flosi (2012) percebe que existem três tipos. O primeiro é a reportagem comum, que faz parte da rotina comum do jornalista e que raramente ultrapassa quatro páginas. O segundo tipo é o furo de reportagem, que se caracteriza pela exclusividade do jornalista e/ou veículo ao vincular a notícia, não importando o número de páginas e, por último, temos a grande reportagem, que “é sempre longa, muitas vezes de página inteira, exigindo texto cuidadosamente trabalhado” (FLOSI, 2012, p. 10).

Ainda segundo o autor, a reportagem comum é tratada como sendo essencialmente fatural e escrita no dia do acontecimento. O furo de reportagem depende da sorte do repórter e suas fontes de informação, sendo necessário um trabalho investigativo para a construção do conteúdo. Essa informação, normalmente, chega ao repórter por um informante, que tem interesse que a história seja divulgada. O trabalho de uma grande reportagem deve ser acompanhado de conteúdos textuais, gráficos e imagéticos como ilustrações, fotografias e desenhos.

Kotscho (1989) já havia cunhado o conceito da grande reportagem, entendendo essa como sendo constituída de matérias mais extensas, que exploram de maneira profunda determinado assunto. De acordo com o autor, o nome de grande reportagem é dado devido à extensão da reportagem. De acordo com ele, “a grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia - e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício” (KOTSCHO, 1989, p. 71).

Essas características, trazidas por Kotschko (1989), são entendidas por Larrondo Ureta (2004) como componentes do gênero interpretativo, que buscam aprofundamentos e consequências sobre o fato narrado. Segundo o autor, esse formato não se limita a apenas à informação sobre os dados de um determinado evento, mas sim a realizar uma investigação com a finalidade de descrever e explicar os fatos. Hunter (2013) conceitua o gênero compreendendo que ele "envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem o entendimento", valendo-se "tanto de fontes e documentos secretos quanto divulgados" (HUNTER, 2013, p 8).

A partir do que foi estudado anteriormente, é possível classificar a reportagem multimídia como sendo uma “grande reportagem” (FLOSI, 2012, p. 10) escrita no contexto da *web*. Os estudos de Santana (2008), Irene Machado (2002) e Larrondo Ureta (2004) são os principais para a compreensão de como funcionam os gêneros jornalísticos na internet. Para Santana (2008), a *web* possibilita aos gêneros jornalísticos recursos que permitem que eles sejam modificados, enriquecidos e também transformados. Segundo Irene Machado (2002), os gêneros digitais são compreendidos como processos comunicativos afirmados pela conexão e estrutura possibilitadas pela rede de computadores. Dessa forma, a autora acredita que o gênero é determinado principalmente por meio do suporte ao qual está vinculado.

Ureta (2004), ao refletir sobre a reportagem nos meios digitais, percebe que esse gênero foi reinventado no *jornalismo digital* principalmente devido à hipermídia. De acordo com o autor, o hipertexto reconfigurou os gêneros jornalísticos. Após terem sido discutidos os diferentes conceitos de reportagem e de ser abordado o tema sobre convergência multimídia, é necessário entender que os termos “multimídia” e “transmídia”, usados no contexto da cultura digital, não possuem os mesmos significados, por isso a importância em diferenciá-los.

#### 4.2.1 Transformações jornalísticas: convergência e multimídia

O termo “convergência” vem se tornando cada vez mais comum quando relacionado ao contexto do *jornalismo digital*. Isso acontece principalmente a partir da expansão das possibilidades de comunicação e das tecnologias digitais. Com as novas redes e meios de acesso à informação, os formatos jornalísticos tradicionais se adaptam a um contexto fluido e heterogêneo, a fim de conseguir atingir o seu público-alvo nas redes. Essa adaptação do meio jornalístico é necessária, principalmente, para sua sobrevivência nos meios on-line. Ainda assim, existem poucas abordagens do tema da narrativa multimídia no campo do jornalismo.

Santaella (2007), acredita que o computador é um local onde os meios se unem e técnicas e estéticas combinam. Segundo a autora, “quando uma mídia é simulada no computador, propriedades

e métodos de trabalho lhe são adicionadas até o ponto de transformar a identidade dessa mídia”. Isso acontece porque o “software, como espécies em uma tecnologia comum - nesse caso o ambiente computacional compartilhado, uma vez liberados, começam a interagir, mudar e gerar híbridos” (SANTAELLA, 2007, p. 265) Entretanto, o termo “jornalismo convergente”, apesar de possuir mais publicações, ainda causa confusão na sua interpretação. Para Pernisa Júnior (2010), a convergência é nada mais do que uma junção de linguagens em meios digitais. Por outro lado, ele acredita que a narrativa transmídia é:

um modelo de narrativa em que várias plataformas são utilizadas ao mesmo tempo para contar uma história. No entanto, as plataformas são utilizadas de ‘forma inteligente’, sincronizadas, sem cair na redundância de conteúdo e com alto índice de participação das pessoas (DÓRIA apud PERNISA JÚNIOR, 2010; p.3).

Longhi (2010), ao analisar a convergência no multimídia, a divide em dois aspectos diferentes, pensados por Salaverría (2009): a convergência por justaposição e a convergência por integração. A justaposição é quando as mídias utilizadas – áudio, texto, vídeo e outras – são apenas colocadas no conteúdo da reportagem, sem uma ligação linear ou comunicativa entre elas. Por outro lado, o processo por integração acontece quando os elementos são reunidos no mesmo conteúdo, mas com uma unidade comunicativa entre cada uma delas. O discurso é único e busca levar o leitor, durante a sua leitura, para diversas mídias dentro de uma única narrativa.

Para Jenkins (2008), o conceito da convergência ainda é um processo em andamento, e que não é possível a ideia de que apenas um meio seja responsável pela transmissão de todo o conteúdo de notícias. Para o autor, a convergência é compreendida como fluxos de conteúdos que são disseminados em suportes midiáticos diversos, atuando diretamente no comportamento migratório do receptor e também nos mercados midiáticos. Segundo Jenkins (2009), a convergência é uma transformação da cultura de consumo dos produtos midiáticos, pois incentiva o público a buscar novas formas de informação e conexão através dos conteúdos e plataformas diversos. Portanto, a convergência, para ele, diz respeito a fluidez com que o conteúdo é disseminado em diferentes suportes.

Nunca haverá uma caixa preta para controlar todos os meios. Ao invés disso, graças à proliferação dos canais e à natureza cada vez mais ubíqua da computação e das comunicações, nós estamos entrando numa era onde a mídia estará em toda parte, e nós usaremos todos os tipos de meios de comunicação relacionando-os uns aos outros. Nós desenvolveremos novas habilidades para controlar a informação, novas estruturas para a transmissão por meio desses canais, e novos gêneros criativos para explorar os potenciais dessas estruturas emergentes (JENKINS, 2008, p. 93).

Nos termos de Jenkins (2008), podemos entender a narrativa multimídia no jornalismo como uma estrutura que se expande tanto em termos de mídias e formatos, agregando todos eles, quanto na

sua linguagem. Além de explorar diferentes plataformas ao mesmo tempo, como a fotografia, o vídeo e o áudio, criando um conteúdo diferente para cada uma delas, a narrativa multimídia conta com as características do texto para se desenvolver. O texto, no entanto, ficará a critério da linha editorial de cada veículo, ou de acordo com o tipo de abordagem que o profissional dará à sua narrativa (JENKINS, 2008). O autor afirma que a característica principal da convergência de meios é a não repetição ou a simples adaptação entre as diferentes mídias.

O termo convergência é um conceito importante no entendimento das transformações que a internet trouxe para o jornalismo. Longhi e Silveira (2010) o entendem como o principal definidor dos formatos jornalísticos hipermediáticos. Segundo os autores, existem três aspectos que devem ser considerados na convergência. O primeiro é a combinação de linguagens, que é a junção de diferentes recursos como texto, imagens, vídeos, som, entre outros elementos que o ambiente on-line permite ao jornalismo explorar. O segundo é a remodelação dos meios, através da hibridação. Ou seja, é quando os meios tidos como tradicionais, como televisão, jornal impresso, revistas e outros, encontram no ambiente da *web* a possibilidade de disseminar seus conteúdos. De acordo com Longhi (2009), dessa forma é possível o surgimento de um novo meio, que será o responsável por mudanças que podem ocorrer nos meios tradicionais, “fazendo uma sistemática de contaminação recíproca entre os diversos meios” (LONGHI, 2009, p. 191).

O terceiro aspecto é a convergência entre as ferramentas próprias da *web*, que significa dizer que a internet possui ferramentas que permitem essa convergência entre linguagens e formatos (LONGHI; SILVEIRA, 2010). Manovich (2013) entende esse aspecto a partir do conceito de “softwarização”. De acordo com o autor, a convergência não aconteceu a partir da softwarização dos meios tradicionais, mas sim dos formatos como esses são apresentados, a partir de novas possibilidades de técnicas para criação de interfaces quando são realizadas para um *software*. Dessa forma, os elementos passam a produzir novos híbridos.

Barbosa, Normande e Almeida (2014) classificam o cenário atual como sendo o de ação conjunta entre os meios jornalísticos, formando a união entre diferentes processos e produtos, criando um novo fluxo de produção, edição e distribuição dos conteúdos. Esse processo recebeu o nome de *continuum multimídia*, termo usado para classificar esse processo de convergência jornalística que garante uma distribuição em múltiplas plataformas (*crossmedia*) (BARBOSA; NORMANDE; ALMEIDA, 2014). Esse processo aliado ao *jornalismo digital* em base de dados fazem parte da quinta geração do *jornalismo digital*, que estudamos anteriormente. Por meio das bases de dados disponíveis, é possível:

[...] integrar distintas plataformas, gerenciar o fluxo de informação e o conhecimento das redações, garantir a flexibilidade combinatória e o relacionamento entre os conteúdos, agilizar a produção de conteúdos, em particular os do tipo multimídia;

transmitir e gerar informação para dispositivos móveis. (BARBOSA; NORMANDE; ALMEIDA, 2014, p. 7)

Barbosa (2013), percebe o *continuum* multimídia a partir de uma lógica multiplataforma, que possibilita a criação de padrões inovadores de narrativas decorrentes da convergência. De acordo com a autora, “o cenário atual é de atuação conjunta, integrada, entre os meios, conformando processos e produtos, marcado pela horizontalidade nos fluxos de produção, edição e distribuição de conteúdos, o que resulta num *continuum* multimídia de cariz dinâmico” (BARBOSA, 2013, p. 33). Dessa forma, a autora entende o *continuum* multimídia como uma forma de compreender o processo da convergência, esclarecendo a “norma vigente para assegurar a distribuição multiplataforma/*crossmedia*” (BARBOSA, 2013, p. 37), que compõe a ideia para a quinta geração do *jornalismo digital*, como já estudamos anteriormente. Para Barbosa, Normande e Almeida (2014), essa nova geração é definida por cinco elementos principais. O primeiro é a base de dados, o segundo a midialidade, o terceiro o *continuum multimídia*, o quarto a horizontalidade e o quinto as mídias móveis.

Outro termo importante para o compreendermos a convergência é o *mediamorfosis*, que foi elaborado por Roger Fidler. Segundo Longhi e Silveira, com esse conceito, Fidler “definia o processo de complementaridade e coevolução dos meios” (LONGHI; SILVEIRA, 2010, p. 162). Dessa forma, Fidler conceitua a combinação de estratégias que configuram a linguagem própria que os meios online possuem.

#### 4.2.2 Mudanças da narrativa multimídia

Antes de compreendermos os elementos e propriedades que compõem a reportagem multimídia, é necessário entender as transformações que ocorreram até o momento, intitulado por Longhi (2014), como o “*turning point*” da reportagem multimídia. De acordo com a autora, “produtos noticiosos hipermediáticos, isto é, que utilizam as características da multimídia e do ambiente digital da *web*, surgiram em meados do ano 2000” (LONGHI, 2014, p. 900).

Nessa época surgiram os especiais multimídia que utilizavam os avanços tecnológicos e também ferramentas como o Adobe Flash<sup>20</sup> para criar seus conteúdos. Segundo Longhi (2014), “desde então, o avanço das ferramentas e tecnologias de acesso à *web*, assim como plataformas como PCs, *tablets* e celulares, tornaram mais fácil o acesso ao jornalismo, que se tornou onipresente no cotidiano” (LONGHI, 2014, p. 900). Para Longhi (2014), atualmente é possível verificar “um momento no qual características específicas relativas a *design*, estratégias narrativas e de navegação

---

<sup>20</sup> Adobe Flash é um software utilizado geralmente para a criação de animações interativas que podem ser adaptadas para sites na *web* e também para diversos suportes como desktops, celulares, smartphones, tablets e televisores.

parecem ser reforçadas em novos ‘modos de fazer’, resultando em formatos noticiosos renovados” (LONGHI, 2014, p. 898).

A autora estabelece, cronologicamente, como ocorreu a evolução dos recursos hipermediáticos<sup>21</sup> no *jornalismo digital*. Longhi (2014) destaca quatro momentos de mudança dos recursos multimídias utilizados pelos produtos jornalísticos na *web*. Segundo ela, o primeiro momento foi do período de 1995 a 1998, em que houve pouca exploração dos recursos multimídias. Esse período é chamado por Longhi (2014) de “fase zero”. A “fase um” ocorreu no início dos anos 2000, quando houve a introdução dos “primeiros produtos multimídia, que, apesar de não serem totalmente produzidos em *Flash*, utilizam a linguagem HTML na exploração mais efetiva dos links” (LONGHI, 2014, p. 908) e também são criados os primeiros slideshows com *Flash*, oferecendo a notícia de forma diferente dos produtos jornalísticos tradicionais.

A “fase dois” surgiu no período dos anos 2002 a 2011, quando surgiram os primeiros especiais multimídia. Durante esse período, temos a utilização de infografia e as primeiras *pictures stories* e, de 2012 em diante, tem-se a “fase três” com a criação das grandes reportagens multimídia. Segundo Longhi (2014), essa fase é definida por técnicas narrativas imersas e textos *longform*, além de outras características de *design* e navegação. É nesse momento que temos o chamado “*turning point*”. Para a autora, é com os textos *longform* para a *web* que ocorre a renovação da grande reportagem. Portanto, a grande reportagem multimídia é entendida por diversos autores como García (2003), Larrondo Ureta (2009; 2004), Longhi (2014) e Santana (2008) como um dos principais gêneros do *jornalismo digital* contemporâneo.

Para Longhi (2014), a reportagem multimídia é um produto jornalístico em que o *jornalismo digital* tem a possibilidade de explorar melhor a convergência de linguagens. Salaverría (2005) explica que nos meios digitais é dada à reportagem a opção de utilizar vários recursos que não são possíveis no meio impresso, por exemplo. Para Salaverría (2005), isso acontece principalmente por causa das características do *jornalismo digital*, que foram estudadas no item 2.3 do capítulo 2, em especial o hipertexto, que tornam o ambiente da *web* em um espaço ilimitado para criação.

Para Santana (2008), a reportagem multimídia é o resultado da união entre a internet e o jornalismo, criando-se um produto em que foram agrupadas as características do *jornalismo digital* como, por exemplo, a multimídia, a hipertextualidade e a interatividade. Segundo a autora, é possível para a reportagem na *web* manter o formato dos meios tradicionais. Entretanto, é possibilitado a ela a introdução de elementos que permitem mais interação com o leitor. Longhi (2009) entende que há uma hibridação nesse produto, criando-se uma fusão entre diversos elementos. Essa ocorrência é chamada de intermídia (LONGHI, 2009).

---

<sup>21</sup> Longhi (2014) chama de hipermediáticos todos os produtos noticiosos que foram produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação.

### 4.2.3 *Multimídia x Intermídia*

O conceito de multimídia também remete à união de diferentes formatos midiáticos, como compreende Salaverría (2008) ao citar que “os conteúdos multimídia que hoje caracterizam as formas mais vanguardistas do jornalismo são, no fundo, uma junção das linguagens exploradas durante o século XX pelos meios impressos e visuais” (SALAVERRÍA, 2008, p. 32)<sup>22</sup>. Se uma notícia possui mais de um elemento como, por exemplo, texto, foto e vídeo, ela pode ser considerada um produto multimídia. Plaza (2001) elabora uma importante diferenciação entre os conceitos de multimídia e intermídia.

Tanto multimídia como intermídia são categorias interdisciplinares que, como colagem ou síntese - qualitativa, colocam em questão as formas de produção - criação individual e sobretudo a noção de autor. Os meios tecnológicos absorvem e incorporam os mais diferentes sistemas sógnicos, traduzindo as diferentes linguagens históricas para o novo suporte. Essas linguagens transcódificadas efetivam a colaboração entre os diversos sentidos, possibilitando o trânsito intersemiótica e criativo entre o visual, o verbal, o acústico e o tátil. (PLAZA, 2001, p. 66).

Para Plaza (2001), a linguagem multimídia é a sobreposição de tecnologias diversas. Por outro lado, a intermídia refere-se ao resultado da união de um ou mais produtos, que formam um produto híbrido. Segundo Longhi e Silveira (2010), “a noção de intermídia, que hoje aparece na concepção de convergência, para Plaza (2001), está bastante ligada a tais movimentos por diferentes suportes, como um aspecto que os diferencia de tudo o que vem antes” (LONGHI; SILVEIRA, 2010, p. 163).

Longhi (2009) compreende que a intermídia contribui positivamente para a linguagem multimídia, que pode ser muitas vezes insuficiente, auxiliando na compreensão da convergência para as linguagens. Segundo a autora, “a concepção de intermídia vem colaborar para o entendimento das estratégias de convergência, que vão além da simples colagem, para efetivar-se numa fusão que opera conceitualmente, no nível do seu significado” (LONGHI, 2010, p. 203). Para a autora, o conceito de intermídia consegue dar conta de explicar melhor os processos de fusão dos meios e recursos que ocorre no *jornalismo digital*. Santaella (2013) entende o conceito da hipermídia como sendo a junção entre o multimídia e o hipertexto, pois “é justamente a linguagem com a qual lidamos quando navegamos pelas informações nas redes” (SANTAELLA, 2013, p. 231).

De acordo com Longhi (2009), “a hipermídia atua para a criação de narrativas nas quais o acompanhamento de informações adicionais ao texto significa, por si só, um elemento fundamental da informação online” (LONGHI, 2009, p. 192). De acordo com a autora, a hipermídia reúne

---

<sup>22</sup> Tradução nossa para: “Los contenidos multimedia que hoy caracterizan a las formas más vanguardistas Del periodismo son, en el fondo, una amalgama de los lenguajes explorados durante el siglo XX por los medios impresos y audiovisuales” (SALAVERRÍA, 2008, p. 32).

elementos do multimídia, criando um novo formato (LONGHI, 2010, p. 200). Segundo ela, ao utilizar os recursos possibilitados pela hipermídia, e uma “fusão conceitual, que resulta na intermídia” que “é um dos conceitos fundamentais dos novos meios, pois significa ir além da mera disposição de diferentes formas expressivas em um mesmo ambiente” (LONGHI, 2009, p. 195) torna-se possível para o *jornalismo digital* se desprender de conceitos advindos da cultura do jornalismo impresso ou outros meios considerados tradicionais.

Alzamora e Tárzia (2012) entendem que a “perspectiva intermediária” se refere “a formas de produção e circulação de informações que se estabelecem no cruzamento e complementaridade de ambientes midiáticos variados, não havendo, neste caso, deslocamento ou alteração no referencial midiático” (ALZAMORA e TÁRCIA; 2012, p. 31). Para as autoras, “o conteúdo informacional é apresentado de forma complementar, por exemplo, no âmbito da televisão, do rádio e do jornal impresso, em um processo integrado no qual cada meio contribui com suas especificidades para a produção conjugada de informação” (ALZAMORA e TÁRCIA; 2012, p. 31).

O conceito da intermídia tem sido cada vez mais usado em estudos da área, por definir a combinação dos elementos multimídias, formando novos formatos (LONGHI, 2009), como é o caso do *newsgame*<sup>23</sup>. Apesar disso, as grandes reportagens, objetos deste estudo, são consideradas multimídias e não intermídias, pois são uma adaptação da grande reportagem advinda do jornal impresso. A *web* possibilitou que esse gênero ganhasse mais elementos como fotos, infográficos, vídeos, etc. A grande reportagem multimídia é um gênero jornalístico que, a partir dos conceitos trabalhados acima, pode ser considerada parte da hipermídia.

#### 4.3 Propriedades da reportagem multimídia

A reportagem multimídia é entendida por Canavilhas (2007) como um gênero que possui em seu conteúdo diversos aspectos como o linguístico, o sonoro, o estilístico ou icônico. Eles se reúnem na estrutura da reportagem se complementando. Edo (2009) chama de linguagem múltipla essa conexão de diversos elementos que compõem as técnicas de hipertexto aplicadas ao multimídia. De acordo com Larrondo Ureta (2009), o dinamismo e interatividade do multimídia vêm de fatores como o desenho, a contribuição documental, o texto informativo, e os recursos que possibilitam a participação dos leitores, possibilitando assim uma nova forma de consumo dessa informação.

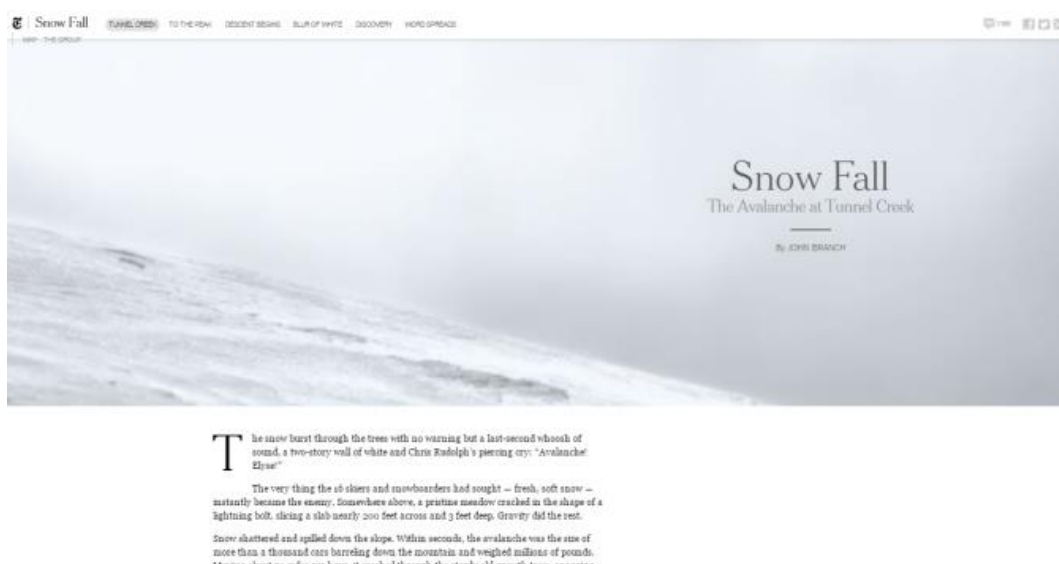
---

<sup>23</sup> Os *newsgames* são jogos eletrônicos criados a partir de acontecimentos reais baseadas em notícias e informações jornalísticas. Esses jogos, que também podem oferecer experiências fictícias para o usuário, são baseados em acontecimentos e/ou fontes reais. O uruguaio Gonzalo Frasca é inventor dos primeiros jogos interativos que mistura jornalismo com videogames. Seu blog chamado [ludology.org](http://ludology.org) tem sido utilizado como fonte para pesquisas acadêmicas sobre comunicação digital. Esse novo produto possibilita aos leitores um ambiente interativo e com diversos recursos como vídeos, fotos, etc. Para o pesquisador Welliton Carlos, o *newsgame* se configura como um formato jornalístico, possuindo um processo semelhante ao da *mediamorfose*, proposta por Roger Fidler. De acordo com o autor, o *newsgame* faz parte do contexto do *jornalismo digital*.

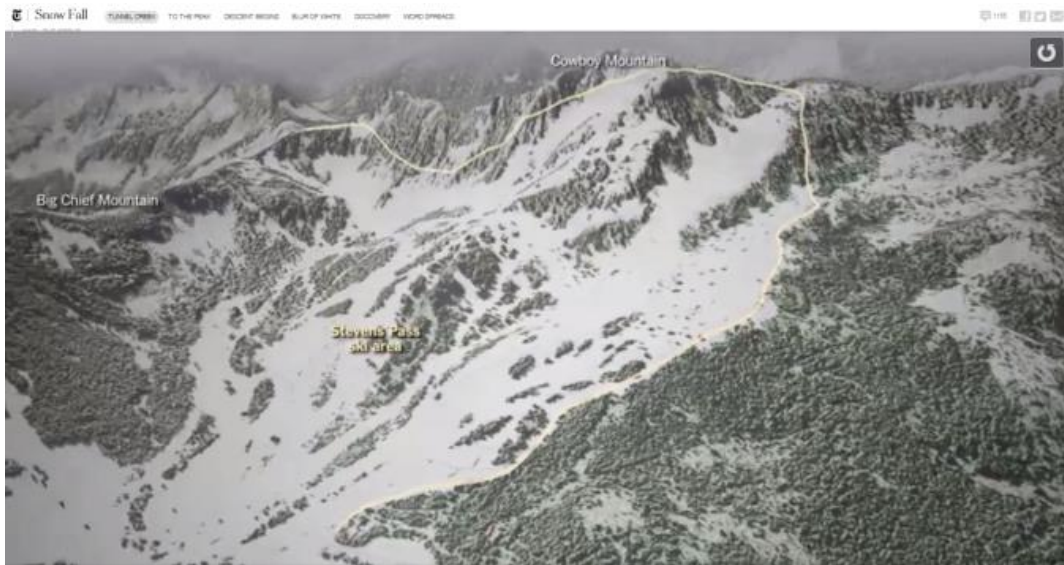
Segundo o autor, a reportagem multimídia tem se mostrado um dos principais gêneros do jornalismo on-line, pois permite que sejam explorados recursos diversos do ambiente on-line. Dessa forma, a reportagem permite mais aprofundamento sobre o fato, trazendo mais informações (URETA, 2004). Além disso, a internet como meio possibilita ferramentas para que a grande reportagem seja estruturada de forma a possibilitar mais conhecimento sobre o fato narrado.

Longhi (2010) defende a ideia de que a reportagem multimídia nada mais é do que uma "transformação ou reinvenção", nas palavras de Larrondo, do gênero no formato tradicional para o on-line. (URETA apud LONGHI, 2010, p. 151). No estudo de Raquel Longhi - *O turningpoint* da grande reportagem multimídia (2014) é citada uma reportagem inovadora produzida pelo jornal The New York Times, em 2012, a publicação "Snow Fall - The avalanche at Tunnel Creek", que articula todos os elementos acima. A reportagem retrata a história de uma avalanche de neve em Washington, no ano de 2012, que vitimou três esquiadores americanos. A narrativa explorou o conteúdo em seis capítulos, com diversos elementos multimídias. As mídias e o design da plataforma que hospeda o conteúdo chamam muita atenção e têm a pretensão de levar o leitor até o local do acidente. A memória permeia alguns aspectos desta reportagem, se fazendo presente no testemunho dos personagens por vídeos e por se tratar de uma narrativa memorialística sobre um determinado acontecimento.

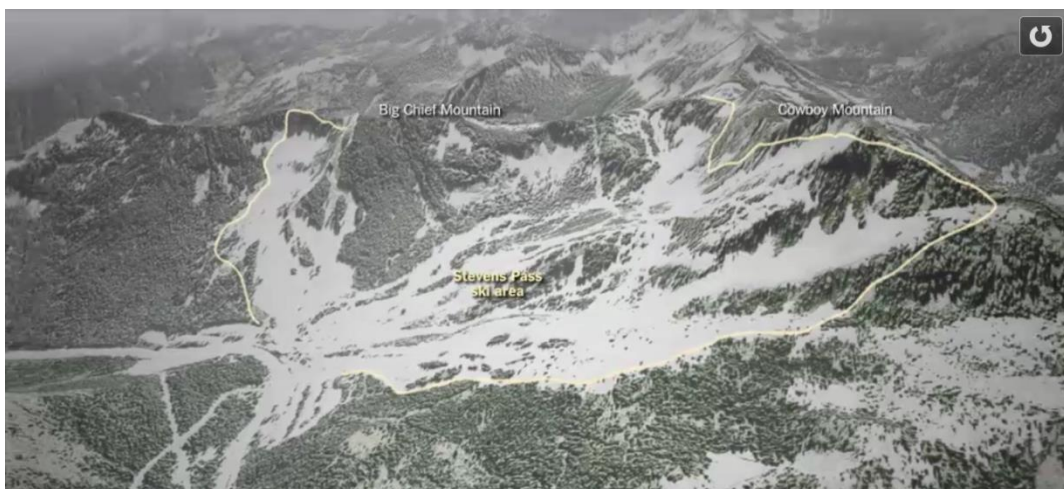
### Imagem 1 – Exemplo de reportagem multimídia: "Snow Fall – The Avalanche at Tunnel Creek"



Fonte: site do jornal The New York Times, 2016.

**Imagem 2 - Exemplo de reportagem multimídia: "Snow Fall – The Avalanche at Tunnel Creek"**

Fonte: site do jornal The New York Times, 2016.

**Imagem 3 - Exemplo de reportagem multimídia: "Snow Fall - The Avalanche at Tunnel Creek"**

Fonte: site do jornal The New York Times, 2016.

Longhi (2010) define assim a reportagem multimídia como:

Grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear (LONGHI, 2010, p. 153).

Dentre os estudos realizados por Salaverría e Cores (2005) em relação à evolução dos gêneros textuais para os meios on-line, quatro categorias foram identificadas. Apenas duas delas (“renovação” e “inovação”) são reais indicadores de evolução. A primeira categoria é a chamada *repetição*, que ocorre quando o gênero é copiado no novo meio, sem mudanças nos formatos em relação às mídias anteriores. A segunda é o *enriquecimento* e “corresponde ao nível que alcançaram aqueles gêneros que, mesmo respeitando o cânone do seu gênero correspondente, incorpora as possibilidades hipertextuais, multimídia e/ou interativas” (BARBOSA; LARRONDO; MIELNICZUK; 2008, p. 9). A terceira é a *renovação*, que permite que novos gêneros sejam criados a partir de uma reestruturação total desses formatos textuais. No entanto, tal transformação só é possível no meio on-line. E a última é a *inovação*, que consiste na construção de um gênero “sem partir de referências prévias dos meios impressos e audiovisuais” (BARBOSA; LARRONDO; MIELNICZUK; 2008, p. 9).

A partir da apresentação das categorias, questiona-se, então, qual ou quais delas melhor definiriam a reportagem multimídia, uma vez que esta já foi estabelecida como uma reinvenção do gênero tradicional. Para poder responder com mais certeza, é necessário avaliar quais as principais características da narrativa multimídia para compreender quais as transformações que ocorreram na evolução do gênero da mídia tradicional para o meio digital, considerando as características já estudadas da reportagem. Os principais conceitos da reportagem multimídia apontados por Longhi (2010) são: a interatividade, a multimídia e a hipertextualidade. Todos esses aspectos já foram discutidos nesse estudo, mas serão agora aprofundados a partir do ponto de vista do objeto de pesquisa.

O conceito da interatividade, no âmbito da internet, permite a interação do leitor através das várias plataformas disponibilizadas. De acordo com Bordoel e Deuze (2000), citados por Barbosa, Mielniczuk, Palacios e Ribas (2002), “a notícia online possui a capacidade de fazer com que o leitor/usuário sinta-se parte do processo” (BARDOEL; DEUZE, 2000 apud BARBOSA; MIELNICZUK; PALACIOS; RIBAS, 2002, p. 5). Isso porque a interação do leitor se dará, não somente com o jornalista, mas com a matéria que está sendo lida, com o meio em que essa se encontra e com outros leitores.

Conclui-se que, neste contexto, não se pode falar simplesmente em interatividade e sim em uma série de processos interativos. Adota-se o termo multi-interativo para designar o conjunto de processos que envolvem a situação do leitor de um jornal da Web. (MIELNICZUK, 2001, p. 3 e 4).

O usuário se desloca de sua posição de receptor e passa a ser emissor de informações ao enviar comentários em uma reportagem multimídia, seja em *chats*, mensagens e fóruns, ou outros espaços disponíveis na *web*. Os comentários interagem com os jornalistas, assim como com outros leitores (MIELNICZUK, 2001, p. 7). Estes também podem interferir até na própria matéria, por exemplo, caso um leitor publique uma informação inédita sobre o tema tratado na reportagem. A interatividade ocorre, ainda, combinada à hipertextualidade e permite que cada usuário tenha uma experiência de leitura ao navegar em um jornal na *web* (PALACIOS apud MIELNICZUK; PALACIOS, 2001, p. 2). Selecionando o próprio conteúdo, o leitor se torna editor do jornal.

[...] pode-se considerar que o fato do usuário percorrer seus próprios caminhos, optando entre os links disponíveis e construindo uma linearidade narrativa particular, também caracteriza uma forma de personalização. [...] E a partir dessa ampliação, torna-se possível afirmar que as características de multimídia, de interatividade e de personalização são constitutivas da hipertextualidade. (PALACIOS apud MIELNICZUK; PALACIOS, 2001, p. 2 e 3).

Aspecto único da internet, a hipertextualidade permite a conexão entre plataformas através de *links*, que podem aparecer em textos, imagens, vídeos etc. A multimídia inclusive é uma característica inserida na hipertextualidade, uma vez que essa é simplesmente uma forma de organizar as mídias por *links* e conectá-las de forma linear. Como citado acima, não só a multimídia, como também a interatividade está inserida no hipertexto (PALACIOS apud MIELNICZUK; PALACIOS, 2001, p. 4).

Landow (1997) aponta algumas características da hipertextualidade para melhor defini-la. A primeira delas é o intertexto, que nada mais é do que um texto dentro de outro conectado através dos *links*. A hipertextualidade é “um sistema intertextual”, no qual “as referências feitas a outros textos é potencializada no hipertexto através do recurso do *link*, que realiza a conexão entre os blocos de textos” (MIELNICZUK; PALACIOS, 2001, p. 4). O segundo aspecto é a multivocalidade, ou seja, a pluralidade de vozes impulsionada e derivada da reportagem multimídia. Isso se deve pela fragmentação da informação em mídias e também pela produção da reportagem em colaboração (LONGHI, 2010).

A descentralização é outra característica da hipertextualidade em função dos *links*, já que esses dispersam o leitor para outras plataformas além daquela que ele está no momento. Cabe a ele decidir e escolher os caminhos a seguir e, como dito, ser editor do próprio jornal (LANDOW, 1997). Dessa forma, Landow (1997) aponta que não existe uma hierarquia de informações em função do hipertexto, já que o leitor pode ir de um ponto ao outro. Conclui-se, então, que a narrativa multimídia, como citado acima, “incorpora as possibilidades hipertextuais, multimídia e interativas” (BARBOSA; LARRONDO; MIELNICZUK, 2008, p. 9) da reportagem tradicional.

García (2003) identifica que a reportagem criada para a *web*, um ambiente onde é permitido o hipertexto, deve apresentar-se a partir de uma estrutura aberta, podendo ser pensada em três partes. A primeira é ser uma estrutura que possibilita acesso a fontes externas ao meio, a fim de adicionar novas informações sobre o fato, tornando a navegação pelo meio diversa. A segunda é a falta de periodicidade da reportagem multimídia, pois pode ser atualizada a qualquer momento e pode estar a todo momento disponível para apreciação. O terceiro é o entendimento sobre a reportagem multimídia, por ser um gênero mais complexo, ser fruto de um coletivo de profissionais, não possuindo apenas uma autoria. García (2003) elenca em seu estudo seis características do meio online que podem auxiliar no entendimento da reportagem desenvolvida para a *web*. São elas: a) caráter multimídia; b) ruptura da sequencialidade; c) ruptura da periodicidade; d) interatividade; e) legibilidade; e f) código HTML<sup>24</sup> e programas de edição da *web*.

Longhi (2014) acredita que a grande reportagem se consolidou no jornalismo on-line, principalmente a partir do código HTML e do CSS3, que é um programa em que é possível definir o *design* de uma página da *web*. García (2003) entende que tanto o código HTML quanto as ferramentas de edição permitem mais qualidade ao produto jornalístico oferecido. Atualmente, o código HTML permite que os jornalistas articulem seus produtos em uma única janela, sendo possível utilizar a tela inteira. O material pode ser visualizado a partir do “scrolling”, que segundo Longhi (2014), é um “recurso que permite a leitura e navegação através da barra lateral da página”, possibilitando “uma leitura mais verticalizada” (LONGHI, 2014, p. 909). Esse é um recurso bastante utilizado nas reportagens multimídias produzidas atualmente, pois facilita a leitura desse material jornalístico mais extenso.

A autora também acredita que o código HTML atual possui como maior contribuição a padronização do conteúdo por meio de um *design* que se adapta aos diferentes suportes e tecnologias (LONGHI, 2014, p. 911). De acordo com Longhi (2014), essa característica “diz respeito àqueles sites nos quais o desenho e a informação se adaptam ao suporte que o usuário está usando, seja um telefone celular, um computador, tablet ou televisão digital” (LONGHI, 2014, p. 911). Outro recurso que também é utilizado em algumas reportagens multimídias é chamado de “parallax scrolling” (BARBOSA; NORMANDE; ALMEIDA, 2014, p. 12). Esse elemento permite que, ao rolar a página da reportagem, por exemplo, os elementos multimídias apareçam ou desapareçam, como um efeito de cortina.

A reportagem multimídia, por ser um conteúdo mais completo, muitas vezes utiliza textos longos em sua produção. De acordo com Longhi (2014), para ser considerado *longform*, o texto deve

---

<sup>24</sup> Atualmente temos o HTML5, que é a versão mais atual e evoluída do HTML. Ou seja, é uma nova versão da linguagem HTML, com novos elementos, atributos, e comportamentos, além de um conjunto maior de tecnologias que permite o desenvolvimento de aplicações e *web sites* mais diversos e poderosos.

possuir no caso de matérias mais de quatro mil palavras e as grandes reportagens entre dez e vinte mil palavras. Ou seja, esse termo é utilizado para definir reportagens que possuem uma quantidade grande de conteúdo. É importante citar que esse formato não é exclusivo do jornalismo na *web*, podendo ser encontrado em outros meios jornalísticos (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 5). Segundo as autoras, Fischer define o termo *longform* de duas formas: a primeira é sendo um “nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção jornalística” e a segunda forma é compreendendo que esse é um formato de “narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia” (FISCHER apud LONGHI; WINQUES, 2014, p 2).

Nas grandes reportagens multimídias, o jornalismo *longform* pode ser apresentado em um padrão de leitura vertical ou horizontal. Como já estudado anteriormente, a narrativa verticalizada é realizada por meio do *scrolling*. Já a narrativa horizontal é a reportagem dividida por capítulos ou seções (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 6). Para Larrondo Ureta (2009), a narrativa horizontal faz com que o leitor acesse diferentes *links*, atingindo diversos níveis da reportagem, que permitem que ele se aprofunde ainda mais no conteúdo a cada capítulo. Atualmente é comum encontrarmos reportagens das duas formas, apesar de o formato vertical ser encontrado com maior frequência em portais específicos de *longform*, como é o caso do UOL TAB, nosso objeto de estudo.

#### 4.3.2 Elementos da reportagem multimídia

Além dos modelos de leitura descritos anteriormente, faz-se necessário estudar os elementos que compõem a reportagem multimídia. Sabemos que o que torna uma reportagem multimídia é a variedade de elementos que a compõem. Quanto mais elementos, mais rica a reportagem multimídia. Esses elementos auxiliam no aprofundamento do conteúdo, tornando esse produto jornalístico mais atrativo. Salaverría (2014) elenca oito elementos que são usados com mais frequência nas narrativas jornalísticas na *web* nos dias de hoje, que são o texto, a fotografia, as ilustrações estáticas, os gráficos, os vídeos, a iconografia, a animação digital, a música e vibração.

Salaverría (2014) compreende o texto como principal agente na contextualização do conteúdo, conseguindo documentar e informar os principais aspectos do acontecimento narrado, além de ser a principal forma de apresentar dados complementares sobre o conteúdo. De acordo com o autor, o texto é o elemento responsável por estruturar todo o conteúdo da reportagem. É a partir do texto que são informados os elementos interpretativos do conteúdo, além das informações complementares.

Dessa forma, Salaverría (2014) acredita que esse elemento é responsável por tornar a reportagem multimídia racional e interpretativa. García (2003) entende que o texto, no caso do nosso objeto de estudo, possui, assim como nos jornais impressos, uma linguagem rica e variada. Apesar de estar unido a outros elementos, para Longhi (2014) o texto é complementar aos outros recursos, pois “o texto literalmente ‘entra’ na imagem, ou, dito de outra forma, caminha com a imagem, lado a

lado, fazendo a combinação em tempo real entre a imagem mostrada e o texto lido, o discurso discorrido de leitura” (LONGHI, 2014, p. 901).

O segundo elemento comumente encontrado nas reportagens multimídias são as imagens estáticas ou em movimento, que podem ser em formato de fotos, vídeos, desenhos animados etc. As fotografias podem ser colocadas em galerias que permitem muitas imagens. Além disso, Salaverría (2014) identifica que essas imagens podem aparecer de diversos tamanhos e formas, como por exemplo com *zoom*, em formato panorâmico etc. García (2003) entende que as imagens variam de acordo com o *software* utilizado pelas empresas jornalísticas, que vai determinar se a imagem será fixa ou não. O autor afirma que imagens estáticas são elementos quase que inerentes a reportagem, pois são utilizadas como complemento do texto escrito.

Salaverría (2014) analisa a fotografia na reportagem no meio on-line podendo assumir diversas configurações como, por exemplo, as fotografias panorâmicas 360 graus, as megafotografias, as fotografias de geolocalização etc. Além disso, todos esses formatos permitem *zoom* e efeitos de navegação. Outra forma como essas fotos se apresentam tem sido em formato de galeria de fotos (SANTANA, 2008, p. 16).

As ilustrações estáticas, os gráficos e a iconografia são entendidos por Salaverría (2014) como guias para os usuários, possibilitando diferentes ações de navegação pelo site. O vídeo, por outro lado, é entendido como um elemento de preferência do público, pois permite que a página se torne mais dinâmica e conseqüentemente mais atrativa. O vídeo também é um elemento que se adapta ao suporte. Um exemplo é que, em *tablets* ou *smartphones*, os vídeos são mais curtos para se adaptar à forma como os usuários navegam. De acordo com Salaverría (2014), “qualquer projeto de informação multimédia na internet está obrigado a destacar este elemento” (SALAVERRÍA, 2014, p. 36).

As animações possuem um outro tipo de importância para a reportagem. Elas podem vir com a função de explicar e exemplificar algum fato narrado ou até mesmo possuir apenas uma função decorativa para o *design* da reportagem. Entretanto, autores como García (2003) e Santana (2008) notaram, na época, que o uso dos vídeos era relativamente menor do que os outros recursos imagéticos e a causa seriam os cortes de gastos nas empresas jornalísticas. Entretanto, Salaverría (2014) afirma em seu estudo que um projeto multimídia na internet, se possuir vídeo, deve sempre destacá-lo como elemento principal. Ele permite mais interação com o leitor. O autor também afirma que, no meio on-line, os elementos iconográficos permitem que aconteça uma interação ativa entre o leitor e o conteúdo, auxiliando na compreensão do tema.

Para Embury e Minichello (2018), esses recursos visuais são importantes na construção de narrativas jornalísticas, não só no *jornalismo digital*, mas também em outros meios como o jornalismo impresso etc. Além disso, os autores acreditam que os usos desses recursos proporcionam aos leitores uma leitura mais completa e simultânea, pois os desenhos utilizados criam conexões e auxiliam no

entendimento de questões completas. Silva Jr e Antunes (2016) compreendem que o uso das ilustrações nas escolhas jornalísticas são importantes para determinar a posição do tema:

Parte-se, por fim, do entendimento de edição jornalística não apenas como prática responsável por definir espaços e dimensões das narrativas em diversos formatos [...], mas, também, como forma de mediação apta a explorar possibilidades de estímulo ao diálogo entre a ciência (“universo” composto por especialistas, instituições, etc.) e a sociedade (SILVA JR.; ANTUNES, 2016, p. 4).

O som é o próximo elemento a ser analisado. Ele pode ser encontrado de diferentes formas ao longo do conteúdo como, por exemplo, em uma locução *off*, músicas, efeitos sonoros etc. Salaverría (2014) acredita que o som permite intensificar o aspecto emotivo do conteúdo apresentado, porém o autor faz uma diferenciação dos dois tipos de som que podem ser encontrados. O primeiro é em forma de discurso oral, em que o som pode ser usado tanto como locução em *off* acompanhando as imagens ou quando o vídeo apresenta um narrador que conta algum relato. A segunda forma em que o som pode aparecer é como música ou efeitos sonoros, que são comuns nas reportagens multimídias por aflorarem o lado sentimental do acontecimento, além de imprimir mais veracidade ao relato. Dessa forma, esse elemento pode vir acompanhado das imagens estáticas ou não (GARCÍA, 2003, p. 43).

A música e os efeitos sonoros são capazes de acrescentar emoção, reafirmando a veracidade dos fatos. Também podem trazer narrações *off* de pessoas que vivenciaram o fato narrado pela reportagem. As vibrações, citadas pelo autor, são utilizadas principalmente nos dispositivos móveis para notificar sobre mensagens, alerta de horários ou erros do sistema (SALAVERRÍA, 2014, p. 38). Para Embury e Minichiello (2018), os recursos gráficos e visuais utilizados nas reportagens multimídia, permitem que essas reportagens sejam classificadas como visuais.

Uma reportagem baseia-se em eventos, ou seja, ela é uma arte aplicada a questões significativas que estejam acontecendo no mundo. O ilustrador age com um característico jornalista visual que registra, por meio da arte, a dinâmica dos eventos que transcorrem. O desenho de reportagem combina esboçar a aparência de uma cena com o esforço de entender e comunicar uma história por meio da linguagem visual (EMBURY; MINICHELLO, 2018, p. 1).

A infografia, um recurso animado e interativo, tem sido encontrado em cada vez mais reportagens multimídias (SANTANA, 2008, p. 9). A autora afirma que esse recurso é específico do *jornalismo digital*. De acordo com Longhi (2009), esse recurso pode ser usado de duas formas: a primeira são infográficos que utilizam os recursos audiovisuais de modo combinado e a segunda é o infográfico intermedia, que integra linguagens, possibilitando a criação de novos formatos específicos para a *web*. Sobre esse elemento, García (2003) entende que a reportagem multimídia pode utilizar o infográfico para a visualização de mapas, exposição de dados estatísticos; identificar características

de um objeto que se relaciona com o tema da reportagem e para indicar processos de diversos tipos associados a âmbitos especializados.

O *newsgame* como elemento tem como propósito ser um jogo informativo em um produto jornalístico, o que permite mais interatividade com o leitor, além de um entretenimento e uma forma de aproximar o leitor do conteúdo apresentado. Silva (2008) compreende que o jogo “seja pela capacidade de preenchimento dos sentidos, pela possibilidade de agir e produzir modificações na sequência da história ou pela viabilidade de transformação dos formatos e combinação das informações” (SILVA, 2008, p. 77), permite que diferentes experiências aconteçam.

O último elemento é a complementação das informações por meio de documentos externos (GARCÍA, 2003, p. 23). De acordo com o autor, essas informações podem ser encontradas em documentos oficiais, artigos de instituições públicas ou privadas, páginas na *web* especializadas e relacionadas ao tema ou até mesmo estudos acadêmicos. É válido lembrar que todos esses elementos que compõem a reportagem multimídia devem seguir os critérios de elaboração descritos por Salaverría (2014) que estudamos no capítulo 1.

A partir dessa apresentação dos elementos multimídias, será iniciado o quinto capítulo, em que primeiro serão apresentadas as reportagens multimídias escolhidas para em seguida ser realizada a análise, levando em conta todos os aspectos que foram estudados até o momento com o intuito de identificar quais estratégias e elementos narrativos as reportagens multimídia memorialísticas acionam e como elas oferecem ao destinatário formas de compreensão acerca dos temas que abordam em seus distintos vieses e enquadramentos por meio da memória como conteúdo e estratégia discursivos, possibilitado um jornalismo mais fundamentado e contextualizador e dando voz às memórias individuais e coletivas.

## 5 ANÁLISE DE REPORTAGENS MULTIMÍDIAS

Neste capítulo, analisamos cinco reportagens especiais multimídias produzidas pelo UOL Tab. O trabalho foi realizado a partir do método conceitual-analítico. A análise das reportagens escolhidas foi feita a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2004), pois entendemos que se adequava melhor à nossa proposta de investigação em termos de seu objetivo e nossa pergunta de pesquisa. As reportagens foram analisadas de acordo com a temática proposta e os resultados e respostas acerca das problematizações apresentadas neste trabalho.

### 5.1 Metodologia

Buscando respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho, foi realizada a análise de conteúdo das reportagens multimídias do portal UOL Tab através da pesquisa explicativa. Assim sendo, o estudo foi realizado a partir do método conceitual-analítico, visto que foram utilizados conceitos e ideias de outros autores para a construção de uma análise científica sobre os objetos empíricos. A análise foi realizada com o objetivo de compreendermos como essas narrativas multimídias potencializam aspectos da memória. Para realizar a análise profunda de como a memória é potencializada nesse contexto, foi realizada, a partir de uma pesquisa exploratória, um primeiro levantamento de reportagens multimídias que possuem um forte viés memorialístico.

Foram analisadas as edições *Fuga para o Brasil: A crise da Venezuela explicada por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima*<sup>25</sup>; *Viúvas da Guerra: A vida das iraquianas que carregam no nome a ligação com o Estado Islâmico*<sup>26</sup> e a trilogia sobre crianças refugiadas: *Refugiado e Prostituído: O testemunho de um adolescente de 16 anos cuja fome o levou à prostituição e às drogas*<sup>27</sup>; *Vergonha Européia: Como é ser criança e viver no maior campo de refugiados do Velho Continente*<sup>28</sup> e *Azziz: Um refugiado e seus sonhos*<sup>29</sup>.

A metodologia escolhida é baseada no estudo de Laurence Bardin em *Análise de Conteúdo* (2004), que afirma que “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Dessa forma, a autora pontua, como técnica, a divisão da análise de conteúdo em três partes. A primeira consiste na elaboração de um planejamento e organização do trabalho, determinando previamente o objeto que será analisado, possíveis hipóteses e objetivos que pretende realizar com o estudo. A segunda parte é a análise do material escolhido, identificando aspectos presentes em seu conteúdo e, por último, é necessário realizar uma interpretação sobre a análise realizada, buscando por resultados que comprovem ou não a hipótese levantada (BARDIN, 2004,

---

<sup>25</sup> <https://tab.uol.com.br/edicao/crise-venezuela/#cover>

<sup>26</sup> <https://tab.uol.com.br/edicao/mulheres-mossul/#cover>

<sup>27</sup> <https://tab.uol.com.br/edicao/menores-refugiados/#cover>

<sup>28</sup> <https://tab.uol.com.br/edicao/campo-de-moria/index.htm#cover>

<sup>29</sup> <https://tab.uol.com.br/reportagens-especiais/campo-de-moria.htm>

p.35). Fonseca Junior (2014), também determina três características existentes nesse método de análise, que são

a) a orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva; b) transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as ideias de mensagem, canal, comunicação e sistema; e c) metodologia própria, que permite ao investigador programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência dos resultados. (FONSECA JUNIOR, 2014, p. 286).

O procedimento realizado para a definição das reportagens analisadas partiu de uma leitura que consiste em “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2011, p.126). A leitura foi realizada em diversas reportagens multimídias a partir do ano de 2020 e, durante esse processo, foi possível perceber quais delas possuíam os elementos memorialísticos e seriam passíveis de serem analisadas de forma aprofundada, buscando entender os objetivos desta dissertação.

A metodologia utilizada na pesquisa é de caráter qualitativo. Isso significa que a natureza geral das questões levantadas vem de aspectos subjetivos e tem fins exploratórios e metodológicos. De acordo com Vergara (2007), as análises exploratórias visam recolher informações e pensamentos que foram elaborados sobre algum tema, objeto ou conceito e as metodologias estão associadas a caminhos, formas e procedimentos utilizados para atingir determinado fim. Para Fragoso, Recuero e Amaral (2015), “a pesquisa quantitativa é adequada para a apreensão de variações, padrões e tendências, mas é frágil na apreensão de detalhes e singularidades”. Por esse motivo, a “razão pela qual os problemas de pesquisa para os quais o aprofundamento é mais importante que a generalização dos resultados solicitam abordagens qualitativas” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2015, p. 67).

Busca-se compreender como a memória se transforma diante da cultura digital, não sendo possível quantificar esse entendimento. O processo quantitativo aconteceu apenas na escolha da quantidade de reportagens a serem analisadas, mas o processo de escolha foi baseado na pergunta de pesquisa, como será explicado mais a frente.

A princípio foi realizada uma revisão das referências que, “no conjunto da diversidade de papéis, poderá ser percebida como a prática que constrói necessárias contextualizações de caráter teórico e, em outros casos, de caráter histórico” (HISSA, 2012, s/p.). Partindo do nosso problema da pesquisa: “Que estratégias e elementos narrativos as reportagens multimídia memorialísticas acionam com o objetivo de oferecer ao destinatário formas de compreensão acerca dos temas que abordam em seus distintos vieses e enquadramentos?”, as referências foram analisadas com o intuito de compreender a aproximação dos trabalhos científicos já produzidos com a possível resposta para o nosso problema. A revisão das referências foi responsável pela construção da parte teórica da dissertação, buscando compreender os conceitos que atravessam nossos objetos de estudo, além de

demarcar obras relevantes que serviram como base para essa pesquisa. A partir dela, foi realizada a definição dos objetos empíricos, que será explicada de forma mais detalhada no próximo tópico.

Para este trabalho, adotamos uma análise roteirizada. O método levou em consideração em quais elementos de mídia ela se apoia para cumprir seu papel na rememoração de ocorridos: fotos, vídeo, texto, infográficos, assim como a disposição dessas ferramentas, investigando como o conteúdo se articula nesse meio, isto é, como o fato é moldado como história, através dessas possíveis pontes para melhorar compreensão, potencializando e cristalizando a memória contada.

O método de pesquisa escolhido favorece uma liberdade na análise dos objetos, possibilitando assumir várias posições no decorrer do percurso, não obrigando a atribuir uma resposta única ou a afirmar a hipótese proposta. As referências sobre os aspectos memorialísticos das reportagens analisadas, que serão apresentadas neste trabalho, não apresentam previsões irreversíveis. As possibilidades de análise são inúmeras quando se trata das capacidades que o jornalismo ganha no meio on-line, que ainda passa por constantes mudanças e alterações.

## **5.2 Reportagens multimídia memorialísticas: em busca de uma caracterização**

Em uma pesquisa, o processo de escolha dos objetos empíricos é fundamental, pois é a partir deles que a resposta da pergunta de pesquisa terá êxito ou não. No caso deste trabalho, partindo de nossa pressuposição, buscamos mapear reportagens multimídias que possuíssem características memorialísticas. Dessa forma, iniciou-se uma pesquisa exploratória que pode ser definida como um “planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações ao concreto empírico, a partir de várias angulações possíveis - angulações que interessam ao problema/ objeto em construção” (BONIN, 2008, p. 125). De acordo com o autor, “os procedimentos de pesquisa exploratória podem ser diversos, desde o recurso a dados secundários até a observação direta de fenômenos empíricos concernentes à problemática investigada” (BONIN, 2008, p. 125).

Como já estudado anteriormente, ao pesquisar sobre reportagens multimídias memorialísticas, encontramos alguns exemplos, como é o caso da reportagem *Snow Fall - The avalanche at Tunnel Creek*, produzida pelo jornal *The New York Times*, em 2012 e que é citada no estudo de Raquel Longhi, o artigo “O *turning point* da grande reportagem multimídia” (2004). A reportagem se destacou, pois a forma como ela foi construída, por meio dos testemunhos das personagens presentes na narrativa, leva o leitor até o local do acidente. São usadas imagens de geolocalização (ver imagens 2 e 3 da seção 4.3) por onde o leitor pode explorar o local do acidente, à medida que clica com o mouse. O leitor também tem acesso a vídeos com os testemunhos dos personagens, que descrevem o local do acidente, que pode ser visto pela imagem de geolocalização, além do contato com as memórias individuais dessas pessoas, que acabam por compor a memória coletiva do que foi o acidente em *Tunnel Creek*.

Outro especial que também se destacou por possuir aspectos memorialísticos foram as produções da Folha de S. Paulo sobre os 50 anos do golpe<sup>30</sup>. É importante mencionar que a Folha de S. Paulo é um dos jornais brasileiros de maior alcance no país desde antes do ano de 1964, quando a ditadura foi instaurada com seu apoio. O especial foi realizado por uma equipe de praticamente 30 pessoas e aborda os 21 anos de ditadura militar em oito seções. São elas: Introdução; A crise; A ditadura; A economia; A abertura; O acerto de contas; E se...; Artigos. A navegação é vertical. O leitor precisa passar por todas as seções na ordem para chegar até a última. No fim de cada página existe uma seta para que seja carregada a página seguinte. Ele também conta com uma página com o expediente e uma lista de fontes e referências com indicações de livros e *links* para os áudios das entrevistas que foram feitas. O texto é narrado de forma cronológica, não existindo ordem de importância como os textos jornalísticos tradicionais.

#### Imagem 4 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar”



Fonte: site do jornal Folha de S. Paulo, 2014.

#### Imagem 5 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar”

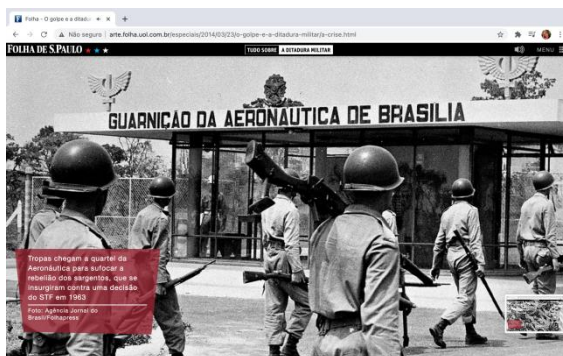
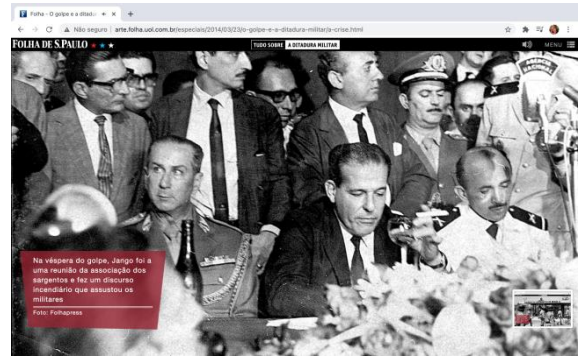
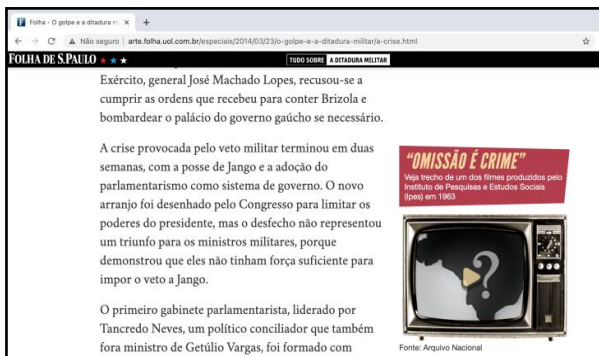


Fonte: site do jornal Folha de S. Paulo, 2014.

<sup>30</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/50anosdogolpede1964>

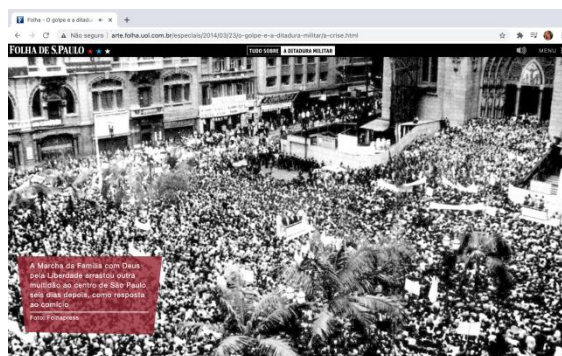
No especial, existem diversos recursos midiáticos, característicos das produções multimídias. As fotografias mostram momentos históricos como, por exemplo, o momento da posse dos presidentes militares e também imagens das torturas e mortes de militantes como Carlos Marighella e Carlos Lamarca. A reportagem também mostra imagens do carro-bomba no show no Riocentro e alguns movimentos como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade e a manifestação das Diretas Já. As fotos fazem parte dos acervos do Grupo Abril, Folha de S. Paulo e Globo. O leitor do especial também tem acesso a quatro áudios históricos, que mostram a campanha dos militares no rádio e os discursos dos políticos e militares em momentos específicos.

### Imagens 6, 7, 8 e 9 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar”



Fonte: site do jornal Folha de S. Paulo, 2014.

### Imagem 10 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar”



Fonte: site do jornal Folha de S. Paulo, 2014.

Na reportagem multimídia, é possível encontrar cerca de 50 vídeos, sendo 10 feitos na época pelo governo ou pelos militantes da oposição, além de uma reportagem da TV Cultura mostrando as Diretas Já. A maioria dos outros vídeos são testemunhos e depoimentos de especialistas ou personagens ligados ao fato narrado. Além disso, é possível perceber o uso abundante de infográficos, característico das iniciativas multimídias, com mais de 20 produções de diversos tipos, algumas mais simples e outras mais complexas e com recursos de interatividade. Os infográficos trabalharam temas como os Atos Institucionais 1, 2 e 5 e também questões sobre a economia e os crimes contra a humanidade que foram cometidos pelos militares durante a opressão.

### Imagem 11 - Exemplo de reportagem multimídia: “Especial Tudo sobre o Golpe Militar”



Fonte: site do jornal Folha de S. Paulo, 2014.

Além dos recursos multimídia, que aproximam o leitor desses momentos históricos, potencializando as memórias do período da ditadura no Brasil, é possível perceber uma guerra de

memórias no Especial. Nele, adota-se como narrativa principal a dos militantes, sendo praticamente inexistentes perspectivas favoráveis aos militares, que só aparecem nas memórias dos apoiadores da ditadura militar em produções da época, mas não são apoiadas pelo jornal. Esse conflito entre memórias acontece principalmente nas memórias individuais que são exibidas em testemunhos em formato de vídeo. Apesar dos mais de 30 vídeos-depoimentos com diferentes posicionamentos sobre o golpe militar, as narrativas a favor dos militares não é ratificada pelo texto principal, que não busca confirmar o que é dito por essas memórias pessoais. O contraponto do que é dito nos vídeos é feito através de documentos históricos e livros de pesquisas científicas sobre o período. Isso também é possível perceber quando trata-se dos crimes cometidos no período como a tortura, em que a produção busca equilibrar essas informações intercalando memórias individuais com arquivos históricos.

Dessa forma, ambas reportagens acionam fortemente a memória e é possível perceber que os recursos presentes na reportagem multimídia permitem que esses acionamentos sejam potencializados, pois são apresentados por diferentes recursos de mídia. Dentro do objetivo da pesquisa, compreende-se que algumas reportagens possuem a memória como elemento importante para a construção da narrativa. A pesquisa exploratória levou à percepção de um grupo de veículos jornalísticos brasileiros que trabalham com narrativas multimidiáticas como o UOL Tab, a Folha de S. Paulo com suas reportagens especiais, o jornal Zero Hora, o Intercept, a Agência Pública, entre outros. Esses veículos foram observados e filtrados até a definição de trabalhar apenas com reportagens do UOL Tab, por ser considerado um veículo especializado em reportagens multimídias, usando os recursos de forma criativa e possuindo um *design* que se destacava dos demais veículos, além de possuir uma gama maior de reportagens para que fossem escolhidas as que melhor pudessem responder a nossa pergunta de pesquisa.

Foi a partir da escolha do UOL Tab como *corpus* a ser analisado que iniciamos a filtragem das reportagens multimídias que seriam analisadas. Levando em conta o período de escrita da dissertação, foi definido que as reportagens analisadas seriam do ano de 2017 a 2020, para manter a atualidade do objeto da pesquisa. O primeiro processo de filtragem foi o de separar quais eram as reportagens que datavam o período escolhido. Iniciamos a pesquisa com 179 reportagens, com a primeira do dia 9 de janeiro de 2017 e a última do dia 9 de novembro de 2020. O segundo processo de filtragem foi avaliar quais dessas reportagens possuíam elementos suficientes para serem consideradas multimídias. Pensando nos objetivos da pesquisa, que prezam pela construção na narrativa, mesclando as características do jornalismo, memória e os elementos multimídias, esse corte foi feito a partir da quantidade de elementos presentes na reportagem. Por meio desse critério, foram selecionadas as edições que utilizassem pelo menos três elementos multimídias para a construção da narrativa. Após esse segundo filtro, chegamos a um total de 107 reportagens.

Ao partir de um universo quantitativo tão grande, foi preciso empregar alguns critérios para recortar esse total, visto que, durante a pré-análise do material, “convém escolher o universo de documentos suscetíveis de fornecer informações sobre o problema levantado” (BARDIN, 2011, p.126). Dessa forma, o terceiro filtro utilizado foi a leitura dessas reportagens buscando por aspectos memorialísticos como testemunhos, relatos de memórias individuais e coletivas, entre outros acionamentos feitos por meio de imagens, vídeos, infográficos, etc. Com isso, chegamos a um total de 12 reportagens, até chegarmos nas escolhidas para serem analisadas: são duas reportagens e mais uma trilogia sobre crianças sírias refugiadas na Europa, totalizando 5 reportagens. O método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) foi fundamental durante o processo de seleção do *corpus* empírico.

Para realizar a análise das reportagens, foram elencadas três categorias: 1) Elementos memorialísticos como essência narrativa. 2) A memória como reveladora da trama e tensionamentos da reportagem e 3) Uso da memória como ponte temporal entre passado e presente (temporalidade). Na primeira categoria, foram analisados elementos de acionamento da memória, como testemunhos e outros, para perceber como eles estão inseridos na narrativa jornalística a partir dos recursos multimídias, compreendendo se eles estão em primeiro plano na reportagem. O objetivo com a primeira categoria é identificar se nas reportagens analisadas existe uma centralidade memorialística. Na segunda categoria, a memória será analisada como elemento que guia o enredo da narrativa, podendo também ser responsável por conflitos entre memórias, como foi o caso no especial da Folha de S. Paulo, em que podemos ver um embate entre memórias sobre o período da ditadura. Já a terceira e última categoria servirá para compreender o que a memória presente na reportagem indica sobre o presente usado para fazer ponte com o passado.

Segundo Bardin, “os documentos retidos devem ser adequados, como fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2011, p.128). No caso específico desse estudo, como o objetivo é o de estudar a reportagem multimídia como potencializadora da memória, buscando compreender como esse gênero sinaliza novas práticas enunciativas no âmbito do trabalho jornalístico, foram pertinentes as referências utilizadas para a construção da parte teórica da pesquisa, pois elas servem para fundamentar a análise.

Assim, foi realizado um estudo sobre o que é a narrativa multimídia e sobre como esta aciona a memória como conteúdo e estratégia discursivos nessas construções narrativas, possibilitado um jornalismo mais fundamentado e contextualizador, dando voz às memórias individuais e coletivas. De acordo com Bardin, “se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas” (2011, p.131). É necessário primeiro compreender o funcionamento do UOL Tab para enfim nos dedicarmos à análise das edições escolhidas. Essa última etapa é a que prevê a

interpretação dos resultados obtidos na investigação, pois é nela que os "resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos" (BARDIN, 2011, p.131).

### 5.3 UOL Tab

O UOL Tab é um projeto inovador do Portal UOL, caracterizado pelo seu conteúdo majoritariamente multimídia e adaptado para um público mais contemporâneo. O portal possui grandes reportagens multimídias de diferentes temas, possibilitando ao leitor o acesso a um conteúdo mais aprofundado. O portal possui uma periodicidade semanal, sendo a segunda-feira o dia escolhido pelos idealizadores para a postagens dos conteúdos. Para determinar o dia, foi realizada uma pesquisa de audiência, para identificar qual dia da semana o site apresenta maior acesso. Segundo eles, nas segundas-feiras o portal recebe cerca de seis milhões de acessos, sendo um milhão e meio por meio de aparelhos celulares.

É possível perceber que a proposta do UOL ao criar o Tab é criar um produto multimídia, proporcionando aos leitores uma experiência interativa e criativa. As reportagens abordam diferentes temáticas, divididas entre tendência & inovação, que abordam matérias sobre tecnologia, internet, jogos, e-sports etc; comportamento, que aborda temas ligados as emoções humanas como felicidade, amor, depressão e também questões sobre maternidade, gênero, sexo, alimentação e comportamentos sociais no geral; arte & design, que possui reportagens sobre literatura, música, artes plásticas, design gráfico ou industrial etc e sociedade, que aborda temas relacionados a polícia, movimentos sociais, espaços públicos, religião etc. Atualmente o UOL Tab conta com uma equipe de 12 profissionais entre jornalistas e *designers*. A primeira grande reportagem multimídia realizada por eles foi publicada em outubro de 2014, intitulada "Compartilhe-se", sobre o crescimento da economia e como esse é compartilhado em todo o mundo.

A maioria das edições presentes no TAB está na aba Sociedade, que possui uma ampla gama de temas em suas reportagens. Um dos temas das reportagens que iremos analisar, o dos refugiados e imigrantes, foi abordado de diferentes formas nessa aba, desde pela questão política até questões culturais. Dessa forma, é possível compreender como o uso das diferentes editorias permitem ao UOL Tab mais fluidez entre os assuntos e suas abordagens. Temas como política, economia, cultura e comportamento são abordados de maneiras distintas, não seguindo um padrão estrito em relação aos assuntos.

O formato das reportagens multimídias criadas pelo UOL Tab apresentam como traço marcante as características do *webjornalismo*, que estudamos no tópico 2.3. Os elementos como multimidialidade, interatividade, memória, instantaneidade, customização de conteúdos e outros marcam uma integração o cenário atual de convergência midiática, fazendo com que tais produtos jornalísticos possuam mais experimentação dos recursos que a internet proporciona. De acordo com

Winques (2015), o futuro do *jornalismo digital* indica um aumento na produção de conteúdos mais completos e combinados com elementos multimídia. Dessa forma, as grandes reportagens multimídias produzida pelo UOL Tab se consolidam no meio por não possuírem uma história sequencial e pela forma como os recursos multimídia são trabalhados.

A denominação do site analisado, UOL Tab, tem como referência o dispositivo móvel *tablet*, que não chega a ser um computador completo, mas permite mais funções do que um *smartphone*, podendo ser considerado um híbrido entre esses dois dispositivos, possuindo as funcionalidades de ambos. Dessa forma, as interfaces utilizadas nos *tablets* pelo *jornalismo digital* permitem a convergência midiática das publicações através de conteúdos cada vez mais multimidiáticos (QUADROS; RASÊRA; MOSCHETTA, 2013, p. 154). Sendo assim, os *tablets* permitem a interatividade, a leitura multimídia e a facilidade nos diferentes recursos que as reportagens multimídias oferecem.

Pensando também em outras plataformas, como é o caso dos *smartphones*, o UOL Tab também pode ser adaptado para telas menores, apesar de suas grandes reportagens possuírem a leitura verticalizada (WINQUES, 2015, p. 14), o que pode tornar difícil a leitura do conteúdo pelo *smartphone*. Como já estudado anteriormente, esse recurso de leitura é oferecido através de uma barra na lateral da página ou *scrolling*. Os elementos que compõem a reportagem como as fotos, vídeos, áudios, e outros aparecem a medida em que a barra é movimentada pelo usuário (LONGHI e WINQUES, 2015, p. 43). De acordo com Barbosa, Normande e Almeida (2014), os elementos aparecerem por meio de um “efeito cortina”, que expõe ou esconde os elementos a partir da rolagem do conteúdo.

Além disso, ao analisar os elementos multimídias (SALAVERRÍA, 2014) presentes nas reportagens do UOL Tab, é importante compreender como eles são utilizados e readaptados nas reportagens da plataforma. Como já estudamos anteriormente, Salaverría (2014) elenca oito elementos multimídias: fotografia; vídeo; texto; discurso oral; animação digital; música e efeitos sonoros; vibração e gráficos, iconografia e ilustrações estáticas. Além desses, o UOL Tab se vale também de enquetes, testes, jogos e outros elementos que buscam por mais interação entre o conteúdo e seu leitor. O UOL Tab apresenta infográficos com dados gerais sobre o assunto abordado, tanto na forma numérica de fontes oficiais, quanto de autoria própria como forma de resumir o conteúdo apresentado. Esses gráficos se apresentam tanto na forma estática quando animada.

As enquetes realizadas no site buscam levar o leitor à reflexão sobre o conteúdo e os jogos que vão desde os mais simples, como marcar verdadeiro ou falso em perguntas sobre o tema apresentado, até jogos mais complexos, que vão exigir que o leitor tenha aprofundado mais no tema abordado. Também é possível encontrar testes nas reportagens, um recurso semelhante aos jogos e as enquetes, mas abordando o tema da edição de forma mais ampla. Outro recurso utilizado pela

plataforma para aumentar a sua interação com o público é quando, em dado momento do conteúdo, ele solicita ao seu leitor que envie textos ou fotos para que sejam utilizados na reportagem. Dessa forma, é possível concluir que a plataforma do UOL Tab se destaca nos dias atuais com produtos multimídias cada vez mais inovadores e interativos.

## 5.4 Análise do UOL Tab

### 5.4.1 Trilogia: Crianças refugiadas na Europa

As primeiras reportagens analisadas são as três que abordam em suas narrativas as histórias de crianças que estão refugiadas na Europa. O tema refugiados e imigrantes foi tratado com diferentes enfoques nas três reportagens escolhidas, mas se complementam. A primeira delas intitulada *Vergonha Europeia: Como é ser criança e viver no maior campo de refugiados do Velho Continente*, de 12 de outubro de 2020, tem como tema a questão dos refugiados na Europa, que completa cinco anos e mostrar como é a vida de milhares de crianças que estão em campos de refugiados em Moria, na ilha grega de Lesbos, considerado o “paraíso europeu”. De acordo com a reportagem de André Naddeo, o campo de refugiados em Lesbos foi projetado para receber 2.750 pessoas, mas chegou a reunir 20 mil imigrantes. A maioria vive na floresta, fora das instalações oficiais. Ainda assim, no campo projetado, a água e a luz não chegam para todos. Segundo a reportagem, 37% da população são crianças que estão vivendo sem perspectiva de futuro.

Além das precariedades do campo de refugiados, onde as crianças são criadas em meio ao lixo, próximas de esgotos a céu aberto, conseguindo comida após permanecerem por horas em filas, é um ambiente hostil onde ocorrem inúmeros estupros, incêndios e esfaqueamentos. A maioria das famílias não possui recursos para que as crianças estudem e com isso esses jovens acabam sofrendo grandes danos psicológicos. O psicólogo pediátrico Panaiotis Kosmopoulos, que atuava em Moria, disse para a equipe de reportagem que as crianças têm problemas como ansiedade e depressão, além de relatarem tendências ao suicídio e a automutilação. De acordo com ele, "nunca vi tamanho sofrimento. Algumas crianças não comem e não falam mais. Penso num paciente meu que reclama das brigas dentro do campo. Ele esconde a cabeça debaixo do travesseiro, esperando os barulhos terminarem." (UOL TAB, 2020).

Nessa edição somos levados, por meio de um *hiperlink*, a nossa segunda reportagem multimídia escolhida que retrata a questão das crianças refugiadas. Intitulada *Azziz, um refugiado e seus sonhos*, também publicada em 12 de outubro de 2020 e escrita por André Naddeo, essa reportagem é diferente, pois narra em primeira pessoa a história de uma criança refugiada chamada *Azzis*. Ele vivia em uma vila no Afeganistão, perto da capital Cabul, e não sabe qual a sua idade, pois a maioria das pessoas em seu país não possuem documentos. Na narrativa, *Azzis* conta, por meio de um relato e também desenhos, que o seu maior sonho era poder ir à escola, para um dia se tornar

veterinário. A criança conta como foi o trajeto da família do Afeganistão até a Grécia. De acordo com o jornalista André Naddeo, os desenhos presentes na história de *Azzis* foram feitos por crianças afegãs que estão refugiadas no campo de Moria.

A história de *Azzis* se assemelha a de várias outras crianças refugiadas. O estresse pós-traumático da fuga de seu país de origem, somado à incerteza de um longo processo de asilo, cria uma situação de limbo na qual a criança simplesmente "desliga da tomada". Em alguns meses, a criança não come mais, não bebe água, não fala. Só dorme. O estado de sono e coma profundos foi batizado de Síndrome da Resignação. Esta é a realidade de centenas de crianças que esperam, na ilha de Lesbos, a permissão para entrar para o continente. São milhares por toda a Europa. (UOL TAB, 2020).

Seguindo no tema, temos a edição TAB DOC 120, *Refugiado e Prostituto*, publicada em 26 de junho de 2017, que mostra a realidade dos meninos refugiados em Atenas, na Grécia, que passam a se prostituir como forma de conseguir dinheiro para comprar drogas. A reportagem tem início com a trajetória individual de um menino refugiado. Toda a história é narrada por ele, em primeira pessoa, e mostra como fundo os problemas pelos quais passam os refugiados ao chegar na Grécia. A reportagem abre com a seguinte descrição:

Crianças e adolescentes desacompanhados foram o grupo de refugiados mais vulnerável na Europa. Um deles, um jovem sírio que não pode ser identificado por motivos de segurança, conta sua trajetória pelas ruas de Atenas e revela o desespero que o levou a aceitar todo tipo de exploração para conseguir sobreviver. (UOL TAB, 2017).

Adolescentes desacompanhados compõem um dos maiores grupos de refugiados na Europa, sendo considerados também o grupo mais vulnerável. De acordo com a reportagem, esses jovens, em sua maioria, chegam no continente em busca de familiares, mas, quando se deparam com as dificuldades que enfrentam por estarem sozinhos, acabam sendo presas fáceis para o tráfico de pessoas e de exploração sexual. A equipe de reportagem entrevistou Lucíla Rodríguez-Alarcón, diretora geral da ONG de jornalismo investigativo PorCausa, que possui sede em Madri, que afirmou: "por alguns euros, esses rapazes aceitam se prostituir. Com isso, podem conseguir viver por mais alguns dias ou então, com sorte, pagar grupos mafiosos que podem ajudá-los a sair do país. Ilegalmente, claro" (UOL TAB, 2017).

### 5.4.1.1 Análise: Trilogia - Crianças refugiadas na Europa

#### 1) Elementos memorialísticos como essência narrativa

Em nossa primeira categoria de análise, vamos buscar por elementos que acionam a memória, podendo ser em formato de testemunhos, registros audiovisuais ou até mesmo documentos, que acabam sendo essenciais para contextualização da reportagem multimídia. Ao longo das três edições, é possível identificar elementos da convergência midiática. Além disso, as edições possuem a existência de diferentes mídias em uma única narrativa, o que é uma particularidade fundamental ao classificarmos um objeto enquanto multimídia. Ou seja, a multimídia, que é um elemento visto por pesquisadores como fundamental no cenário atual, onde temos a comunicação cada vez mais convergente, é identificada pela junção de diferentes códigos midiáticos e está presente em todas as três edições que iremos analisar nesse primeiro momento.

A edição *Vergonha Europeia: Como é ser criança e viver no maior campo de refugiados do Velho Continente* conta com recursos como texto, fotografias e infográficos para tratar do tema. Se formos considerar os conceitos de grande reportagem multimídia definidos por Longhi (2014), a edição não se enquadra, pois seu texto não apresenta entre 10 a 20 mil palavras. Entretanto, é possível identificar o formato *longform*, que diz respeito a publicações com mais de quatro mil palavras. Além disso, também é identificado como reportagem multimídia, de acordo com o entendimento de Vilas Boas (2010), que acredita que uma grande reportagem não precisa necessariamente possuir um texto longo, mas sim uma narrativa aprofundada, como é o caso da maioria das publicações do UOL Tab.

Além disso, em todas as edições escolhidas para serem analisadas por esse estudo, esta categoria analítica se encontrou presente. As reportagens multimídias escolhidas se valem do potencial memorialístico que os recursos como vídeos, fotos, infográficos, entrevistas e outros para a construção das narrativas. Abaixo vamos compreender melhor como esses elementos são utilizados na trilogia analisada, a fim de perceber como eles acionam as textualidades memorialísticas.

Em *Vergonha Europeia*, primeiro temos a imagem de um garoto correndo de um local em chamas. A imagem está com filtro, não sendo possível identificar se é uma imagem real que foi editada ou um desenho gráfico. O texto se inicia de forma literária.

Moria caiu. Era noite alta quando um incêndio tomou conta dos barracos, construídos em um território isolado da ilha de Lesbos. Um grupo de refugiados discutia as medidas restritivas implementadas após o primeiro caso de Covid-19 ter sido confirmado no campo. A discussão virou briga, e a briga virou incêndio. Seis afegãos estão em prisão preventiva. (UOL TAB, 2020).

Dessa forma, a imagem de abertura é usada para contextualizar a narrativa da reportagem. Assim como já estudado anteriormente, no tópico 3.4.1, Palacios (2014) acredita que a memória é potencializada no *jornalismo digital* a partir das adições de recursos multimídias à narrativa, como

imagens, vídeos, infográficos e outros, que permitem que o leitor tenha acesso a conteúdos do passado. No caso dessa imagem específica, ela possibilita que o leitor tenha mais compreensão sobre o momento do incêndio narrado e não apenas a leitura do fato. Além disso, o texto apresenta uma linguagem literária, que envolve o leitor e potencializa a memória dos acontecimentos narrados. Além dessa imagem de abertura, a reportagem também mostra outras fotografias de pessoas fugindo do incêndio que aconteceu em uma galeria de imagens.

### Imagem 12 - Imagem gráfica- abertura: “Vergonha Europeia”



Fonte: site do UOL TAB, 2020.

Após o texto, também temos acesso a uma imagem gráfica que intercala testemunhos de refugiados que vivem no campo e suas fotografias. Os testemunhos são mostrados com destaque, principalmente devido às cores fortes que foram escolhidas para o *design*. Esses relatos aparecem com o intuito de dar voz aos personagens da história e suas fotografias servem para potencializar esses relatos e dar um rosto para essas pessoas. Tanto as fotos quanto os relatos são importantes elementos memorialísticos, que auxiliam na contextualização dos fatos e também são relacionadas às potências que o *jornalismo digital* permite às reportagens multimídias. Ainda assim, é possível perceber que os testemunhos são curtos, o que não permite um aprofundamento nas histórias desses personagens.

### Imagem 13 - Imagem gráfica - testemunhos: "Vergonha Europeia"



Fonte: site do UOL TAB, 2020.

Outro recurso memorialístico utilizado pela reportagem são as fotografias do campo de refugiados, que estão localizadas no fim da reportagem. Apesar da utilização dessas imagens, fica evidente que o texto, em concordância com o que aponta Salaverría (2014), continua sendo base para a maioria das narrativas multimídias. Ao longo do texto existem diversos *hiperlinks* indicando matérias para se aprofundar melhor no assunto, mas um se destaca. É o *hiperlink* para a edição sobre *Azzis*, um das edições que iremos analisar também.

Em *Azzis, um refugiado e seus sonhos* não encontramos uma reportagem multimídia em si, mas sim um complemento da edição *Vergonha Europeia*. O que chama atenção é como os elementos memorialísticos são utilizados por André Naddeo, que apresenta ao leitor a memória individual de uma criança afegã, mas que também representa, como ele informa no fim do texto, a memória de outras crianças que também estão passando pela mesma situação. Assim como já estudamos anteriormente, Halbawachs (2006) entende que a memória individual, encontrada por meio do relato de *Azzis*, existe a partir da memória coletiva, pois as lembranças só existem por meio do grupo, em que irá ocorrer a assimilação sobre determinado fato. Ou seja, a memória individual nada mais é do que uma perspectiva sobre memórias que são coletivas (HALBWACHS, 2006). A memória de *Azzis*

sobre sua trajetória até a chegada no campo de refugiados é feita por meio de um texto na primeira pessoa, intercalado com explicações e contextualizações feitas pelo próprio jornalista em uma linguagem literária:

Azzis vivia em uma vila do Afeganistão,  
 perto da capital, Cabul.  
 Ele não sabia exatamente quantos anos tinha,  
 porque em seu país ainda é assim:  
 a maioria das pessoas não têm documento.  
 Não tem bolo, bexigas, presentes,  
 não tem 'parabéns pra você'.  
 O grande sonho de Azzis  
 era poder ir à escola,  
 para um dia...  
 ...ser veterinário.  
 Ele quer muito  
 aprender a cuidar de bichos.  
 Um dia, Azzis pensou:  
 "O Afeganistão seria o melhor país do mundo.  
 Só que tem tanta guerra que  
 nunca vou realizar meus sonhos aqui".  
 Cansado de tanta violência,  
 começou uma longa jornada  
 com sua família.  
 "O futuro está na Europa. Aí vamos nós!"  
 Primeiro eles atravessaram as montanhas  
 e foram caminhando até o país vizinho, o Irã.  
 "Lembro que minha irmã caiu do carrinho,  
 mas nem chorou. Acho que mesmo pequenininha  
 ela também entendia que não tinha outro jeito. A gente  
 tinha que deixar nossa casa, nossos amigos."  
 Eles chegaram à Turquia, sempre andando.  
 Foi quando Azzis se assustou  
 com uns caras armados,  
 que gritavam muito.  
 Eles colocaram a sua e outras famílias  
 em um pequeno ônibus.  
 "Papai e mamãe tinham caras tristes,  
 mas quando viam que eu olhava,  
 sorriam e me davam beijos."  
 "Os mesmos homens com rostos malvados  
 colocaram a gente dentro de um barco pequeno,  
 dias depois. Era a primeira vez que eu via o  
 mar, os peixinhos... No Afeganistão não tem mar.  
 Por isso, quase nenhum afegão sabe nadar."  
 Azzis finalmente chegou à Grécia. Ele e sua  
 família foram levados para algo que chamava  
 "campo de refugiados".  
 "Isso aqui é Europa?  
 Ué, me disseram que a Europa

era preciosa como um diamante..."

"... mas isso aqui parece uma floresta.  
 Não tem água nem luz. A gente vive  
 em barracas de camping por meses.  
 Chove e molha tudo. Venta e tudo voa.  
 Cadê a escola?"

"Vejo sempre a mamãe com cara de preocupada.  
 Quando começa a chover, molha o colchão,  
 nossas roupas, tudo outra vez."  
 A vida de Azzis em Moria, o maior campo  
 de refugiados da Europa, acabou se tornando uma  
 infinidade de rabiscos que lhe impedem de ver o futuro.

"No campo de Moria, você tem que fazer fila  
 para tudo. É fila para ir ao banheiro...  
 ... para conseguir um pouco de água e comida...  
 ... e nem sempre sobra água e comida para todo mundo.  
 Eu só queria tomar um sorvete. Faz tanto calor aqui."  
 "Às vezes eu queria ser um gatinho.  
 Acho que assim eu não teria que  
 me preocupar com mais nada na vida."  
 "Ou então entrar num avião, num ônibus,  
 escapar desse lugar. Aqui tem violência igual ao  
 Afeganistão, as pessoas brigam o tempo todo.  
 Poxa, foi justamente por isso que a gente fugiu."  
 O grande alívio de Azzis é quando ele dorme.  
 É o momento em que ele sonha com sua nova casa...  
 ... seu novo lar, com um jardim imenso na frente.  
 Dentro da casa de seus sonhos tem livros,  
 jogos para brincar, uma mesa de jantar.  
 É onde ele quer plantar e florescer os seus  
 mais bonitos sonhos. Ele só  
 quer acordar quando tudo estiver bem.<sup>31</sup>

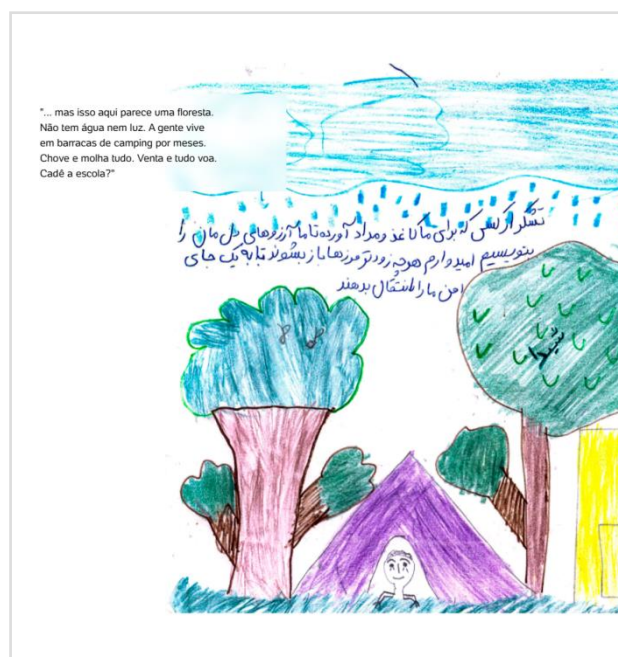
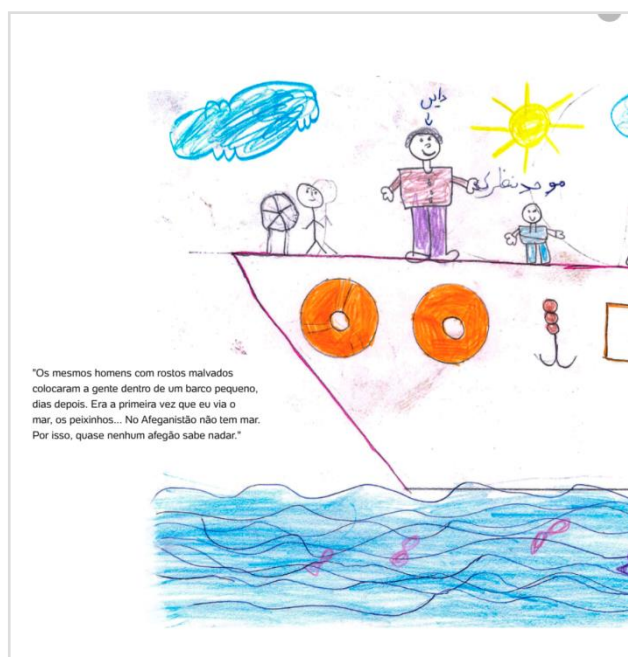
Nessa edição, a única fotografia utilizada é na abertura, em que se vê um menino de costas. Como recurso imagético, para ilustrar a reportagem, foram colocados atrás do testemunho desenhos feitos por crianças afegãs refugiadas no campo de Moria, na ilha de Lesbos, na Grécia, que foram feitos para o projeto Drawfugees, criado pelo próprio jornalista André Naddeo, que também trabalha como voluntário no campo. Ele oferece às crianças papel em branco e lápis de cor e, na sequência, pede para que eles resumam suas intenções naqueles desenhos. De maneira geral, o desenho é uma forma potente de comunicação, pois antecede a escrita. Além disso, o desenho infantil também é visto como uma importante técnica de avaliação psicológica (BANDEIRA, COSTA & ARTECHE, 2008; ARTECHE e BANDEIRA, 2006). Esses desenhos também podem ser considerados elementos

---

<sup>31</sup> Nesta transcrição, mantivemos o modo de diagramação de texto, como ele se apresenta na página da reportagem on line.

memorialísticos, pois representam o que a criança vive ou já viveu. Na edição, os desenhos contextualizam o relato de *Azzis*.

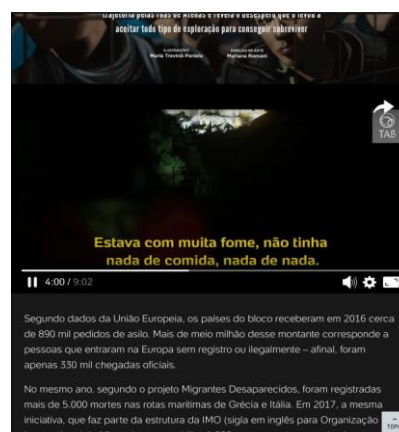
### Imagens 14 e 15 - Desenhos: "Azzis"



Fonte: site do UOL TAB, 2020.

Por último, temos a edição *Refugiado e Prostituído*, que mostra o testemunho de um adolescente de 16 anos que foi levado às drogas e à prostituição por conta das condições precárias da sua vida como refugiado na Grécia. Essa edição não possui fotografias, apenas imagens ilustrativas e um vídeo de 9 minutos com o relato do jovem sobre sua vida como refugiado. O texto é usado para contextualizar a situação dos imigrantes ilegais que chegam na Europa, especialmente na Grécia, onde os serviços essenciais e o governo estão sobrecarregados, sem conseguir prestar as devidas assistências a essas pessoas que chegam.

### Imagens 16 e 17 - Reportagem multimídia: "Refugiado e prostituído"



**Fonte: site do UOL TAB, 2017.**

O vídeo apresentado pela reportagem possui uma forte presença memorialística, pois, além de ser um testemunho de uma memória individual, também conta com imagens reais e desenhos para contextualizar o que é narrado pelo personagem. Dessa forma, o acionamento memorialístico dessas diferentes textualidades são contextualizadores do fato, agregando profundidade ao conteúdo oferecido e levando o leitor até a vivência desses jovens. Como vimos no terceiro capítulo, Pollak (1992) define que as memórias individuais e coletivas possuem três elementos. O primeiro é o acontecimento, ou seja, eventos em que o indivíduo pode ter tido uma atuação direta ou indireta. O segundo elemento é o das pessoas ou personagens que fazem parte das lembranças de alguém. E o terceiro trata dos lugares, que servem como base para as memórias do sujeito.

No vídeo exposto na edição, temos acesso a esses três elementos no relato do adolescente, pois ele narra em primeira pessoa acontecimentos que ele viveu e vive como refugiado. Também mostra, em forma de ilustrações, pessoas que estão envolvidas na história como o homem que o explorou sexualmente e as pessoas com quem ele compra e consome drogas. No vídeo, os lugares mostrados são imagens reais e não ilustrações, levando o leitor até o hotel onde o jovem foi prostituído e também o local onde compra e consome os entorpecentes.

## **2) A memória como reveladora da trama e tensionamentos da reportagem**

Nessa segunda categoria, a memória será analisada como elemento que guia o enredo da narrativa, podendo também ser responsável por conflitos entre memórias ou como base para o fato relatado. Na primeira reportagem analisada, *Vergonha Europeia*, o texto com caráter literário e na primeira pessoa aciona preceitos memorialísticos, ficando evidente o ponto de vista do autor sobre o assunto narrado. Ao longo do texto o autor faz perguntas como "Era essa a promessa de prosperidade do acolhimento europeu?", chamando o leitor para o diálogo junto do texto. Outro aspecto interessante é como o texto de André Naddeo parece mais um relato do que um texto jornalístico, não apresentando entrevistas com outros pontos de vista sobre a situação. Como já dito anteriormente, o jornalista atua como voluntário no campo de refugiados e se envolve pessoal e emocionalmente com as questões sociais existentes no local.

O texto de André pode ser considerado um texto-denúncia como, por exemplo, nos parágrafos: "Dinheiro não parecia ser o problema imediato. Mas onde foram parar esses euros? No fim de 2018, Andreas Iliopoulos, chefe do sistema de acolhimento de refugiados e imigrantes do então governo de Alexis Tsípras, reconheceu que não havia controle sobre os recursos e admitiu que o sistema era fraudulento. Nada aconteceu depois da denúncia" e "Cinco meses após a reportagem de TAB presenciar in loco a miséria e falência de Moria, cerca de 5.000 solicitantes de asilo foram autorizados a viajar para dentro da Grécia. A questão é: para onde vão essas 5 mil pessoas, se os campos

continentais seguem superlotados?”. Ao relatar os problemas existentes no campo de refugiados e trazer questionamentos e fontes que comprovam o que ele está dizendo, o jornalista aciona recursos memorialísticos para contextualização e aprofundamento a respeito da situação social e política do país e dos refugiados naquele momento. Apesar disso, o fato de ser apresentado no texto apenas um ponto de vista não considera os processos de dominação e disputa de poder que estão relacionados a memória (POLLAK, 1992, p. 23).

A edição de *Azzis*, por outro lado, e como já foi dito anteriormente, possui a memória individual como principal elemento contextualizado da narrativa. De acordo com Halbwachs (2006), a memória individual nunca está sozinha, sendo sempre parte de um coletivo maior da memória. É apenas uma pequena parte extraída de um todo que representa os fatos vivenciados por determinado grupo. No caso de *Azzis*, podemos considerar o conceito de Halbwachs (2006) de que a individualidade dos sujeitos não existe, sendo os comportamentos e memórias individuais diretamente ligados ao grupo social do qual o sujeito faz parte. O relato da criança sobre sua vida mostra como o contexto em que ele vive afeta sua existência e com isso suas memórias pessoais.

Na edição *Refugiado e Prostituído*, a memória individual do adolescente que narra sua história é a parte principal da reportagem. O vídeo está em destaque, no topo da página após o título e a retranca, em que fica evidente que essa história também acontece com outros jovens em situação parecida. Assim como em “*Azzis*”, temos um relato de memória individual, que faz parte de uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006). A situação dos adolescentes refugiados sem família e em situação vulnerável na Europa faz com que eles se unam a partir de uma mesma vivência, sendo essa memória coletiva um fator na criação das identidades desse grupo, formando as chamadas “comunidades de sentimentos” (HALBWACHS, 2006, p. 27), que estudamos anteriormente no tópico 3.1.

Porém, diferente da edição *Vergonha Europeia*, em *Refugiado e Prostituído*, ao relatar como foi abordado por um homem idoso europeu que ofereceu ao jovem faminto, comida e dinheiro em troca de sexo, identificamos a ideia de Pollak (1992), que entende que a “homogeneidade” acontece por meio dos processos de dominação e disputa de poder. Na Europa esses jovens vivem em situação de rua e estão à margem da sociedade. As memórias e vivências deles são silenciadas, pois seus abusos vêm de um grupo mais poderoso. Dessa forma, a reportagem dá voz a esses adolescentes, promovendo uma disputa e tensão de poder, que estão relacionados à memória.

### **3) Uso da memória como ponte temporal entre passado e presente (temporalidade).**

Nesta categoria, buscamos evidenciar como as reportagens analisadas utilizam da memória como recurso narrativo e contextualizador, conectando diferentes temporalidades. Diferente do

especial multimídia da Folha de S. Paulo que citamos no tópico 5.2, em que são utilizados diversos recursos multimidiáticos como áudios, vídeos e fotos da época da ditadura militar para retratar os fatos antigos, as três edições sobre as crianças refugiadas trata de um tema atual, não recorrendo a documentos ou outros recursos do passado para a contextualização dos fatos.

Em *Vergonha Europeia* e *Azzis*, temos uma narrativa com um forte apelo literário, além de uma carga descritiva aprofundada, permitindo ao leitor uma sensação de proximidade do fato narrado. Esse aprofundamento, no caso de *Vergonha Europeia*, vem também por meio dos *hiperlinks* que são disponibilizados ao longo do texto, que vão ao encontro da ideia de Franciscato (2007) a respeito das potencialidades das narrativas no *jornalismo digital*. De acordo com o autor, o *jornalismo digital* com suas potencialidades e múltiplas possibilidades narrativas permite não só incluir em um mesmo conteúdo documentos de diferentes épocas, mas também

há uma possibilidade de editar conteúdos e criar links estabelecendo uma não-linearidade do tempo: seja interligar conteúdos jornalísticos com temporalidade diversa (como no exemplo mais óbvio das relações entre o conteúdo mais recente e outros, oriundos dos arquivos de jornal e disponibilizados como forma de contextualizar um evento num tempo mais ampliado), mas também interligar conteúdos jornalísticos com sites de instituições relacionadas ao conteúdo da matéria (...). (FRANCISCATO, 2007, p. 47-48).

Dessa forma, é possível perceber que nas três edições analisadas nesse primeiro momento não é possível identificar a memória como recurso de ponte com relação ao passado. Em todas as reportagens é possível perceber um objetivo de se aprofundar nos temas propostos, expondo a situação das crianças refugiadas. Os textos trazem informações e dados atuais, que podem vir a ser úteis no futuro, visto que não é possível saber até quando essa situação irá perdurar.

#### 5.4.2 *Viúvas da Guerra: A vida das iraquianas que carregam no nome a ligação com o Estado Islâmico*

A reportagem *Viúvas da Guerra: A vida das iraquianas que carregam no nome a ligação com o Estado Islâmico*, realizada em 28 de maio de 2018 por Mirella Nascimento e Rodrigo Bertolotto, conta como é a vida de mulheres que possuem ligação familiar com homens ligados ao Estado Islâmico. Em 2014, o Estado Islâmico assumiu o controle de Mossul, declarando-a como capital de seu califado. Vários homens da cidade foram recrutados para trabalhar com o grupo extremista, incluindo Ahmed, marido de Noor, que relata sua história na reportagem. De acordo com ela, ao seu marido foi oferecida uma vaga para trabalhar como segurança do grupo e, em caso de guerra, deveria pegar em armas também. De acordo com Noor, a região possui um alto índice de desemprego e, além

disso, o casal tinha quatro filhos na época e as mulheres não trabalham, ficando a responsabilidade pelo sustento da família para Ahmed.

A guerra acabou em julho de 2017, quando as tropas dos Estados Unidos e o exército iraquiano derrotaram o grupo extremista após nove meses de batalha. Entretanto, vários homens que foram recrutados pelo Estado Islâmico estão desaparecidos até hoje, incluindo Ahmed. De acordo com a reportagem, nas cidades menores, o poder pertence a chefes tribais, que proibiram o retorno dessas viúvas e de seus filhos ou qualquer pessoa que tenha alguma conexão com um membro do grupo. De acordo com Lama Fakih, diretora da Organização Não Governamental Human Rights Watch no Oriente Médio, “essa decisão é apenas mais uma evidência da punição coletiva que todos que tiveram algum tipo de relacionamento com alguém suspeito de ter feito parte do Estado Islâmico estão sofrendo” (UOL TAB, 2018).

Além disso, o trauma da guerra e do regime de terror imposto pelos jihadistas também é grande para essas famílias. Apesar de não haver estatísticas oficiais, estima-se que entre 10 mil e 40 mil civis perderam a vida durante a batalha. As mulheres também tiveram que entrar no exército terrorista, “e integrantes de minorias no Iraque e na Síria foram vítimas de rapto de estupro em massa” (UOL TAB, 2018). Cerca de 60 mil casas foram destruídas em Mossul, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) e 1 milhão de pessoas deixaram a cidade para escapar dos horrores da guerra.

Segundo os repórteres, “a destruição causada pela guerra ainda é visível. Restam centenas de corpos sob os escombros e vários bairros ainda não contam com serviços de energia elétrica e abastecimento de água” (UOL TAB, 2018). De acordo com Lise Grande, coordenadora do programa de reconstrução da ONU no Iraque à época da libertação da cidade, “trata-se do pior conflito armado em zona urbana desde a Segunda Guerra Mundial”, e “as mulheres e crianças são as que mais sofrem, como em qualquer guerra, já que os homens vão lutar e as famílias sofrem as consequências” (UOL TAB, 2018).

Sendo assim, a reportagem narra a vivência de quatro mulheres e as consequências da guerra em suas vidas. A primeira delas é Noor Faith, de 28 anos, que era casada com um Ahmed, ex-soldado iraquiano que se juntou ao grupo Estado Islâmico e que está desaparecido desde o fim da guerra. A segunda é Nada Mudar, de 29 anos, cunhada de Noor. A terceira chama-se Noaf Manaf, de 32 anos, que também teve o marido envolvido com o grupo extremista e recebeu uma ligação informando que o marido estava preso em Bagdá<sup>32</sup> e, por último, temos Roa Ahmed, de 29 anos, que teve o marido morto em 2017 quando saiu de casa durante a guerra de expulsão dos terroristas para pegar leite com os vizinhos, pois os filhos estavam chorando de fome.

---

<sup>32</sup> De acordo com a reportagem, no sistema judicial iraquiano, “réus acusados de terrorismo podem ser presos sumariamente e correm o risco de aguardar o julgamento sem que a família seja comunicada de seu paradeiro. A pena pode variar de décadas de prisão à morte por enforcamento” (UOL TAB, 2018).

### 5.4.2.1 Análise: Viúvas da Guerra

#### 1) Elementos memorialísticos como essência narrativa

Na reportagem *Viúvas da Guerra: A vida das iraquianas que carregam no nome a ligação com o Estado Islâmico*, é possível identificar elementos multimidiáticos como o texto, fotografias e um infográfico contextualizando o tema da edição. A união desses recursos é o que classifica essa reportagem como multimidiática e, por isso, foi escolhida para integrar nosso *corpus*. Além disso, a reportagem também conta com diversos *hiperlinks* ao longo do texto, que permitem o aprofundamento do leitor no conteúdo. Os *hiperlinks* levam até matérias divulgadas pelo site UOL e são principalmente sobre o Estado Islâmico, as consequências da guerra para as cidades e também para as pessoas, principalmente mulheres que foram feitas escravas sexuais e sobre a derrota que o grupo extremista sofreu pelo exército iraquiano. Dessa forma, como visto no tópico 2.3.5 e 2.3.6 que abordam as características do *jornalismo digital* hipertextualidade e multimidialidade, vemos que a reportagem analisada está incluída nesse cenário contemporâneo.

A imagem da abertura é interativa e mostra fotografias rasgadas de mulheres com crianças e fotos em chamas da cidade. As imagens estão colocadas em meio a escombros, remetendo à guerra entre Estado Islâmico, Estados Unidos e o exército iraquiano que destruiu cidades do Oriente Médio. Essa imagem e sua referência à guerra possuem um tom memorialístico, pois remetem a acontecimentos presentes na narrativa da reportagem.

Ao longo da reportagem, as fotografias dessas mulheres com crianças são postas de maneira diferente. A edição é dividida em seis subtítulos, cada um com o relato de uma mulher e fotografias rasgadas e em meio a escombros de cada uma, antecedem cada um desses textos e também há uma fotografia ao final da reportagem. Dessa forma, é dado um rosto aos personagens, o que potencializa os relatos dessas mulheres.

#### **Imagem 18 - Abertura da reportagem multimídia: “Viúvas da Guerra”**



Fonte: site do UOL TAB, 2018.

## Imagens 19 e 20 - Fotografia e subtítulos da reportagem multimídia: “Viúvas da Guerra”



### ONDE ESTÁ AHMED?

Em 2014, quando o [Estado Islâmico assumiu o controle de Mossul e a declarou capital de seu autoproclamado califado](#), a vida de Noor e de outras famílias sofreu mais uma reviravolta. Ela conta que os jihadistas ofereceram US\$ 200 por mês a Ahmed para que ele trabalhasse como um dos seguranças do grupo e, em caso de guerra, pegasse em armas. Em uma região com alto índice de desemprego e a economia em queda, não faltava gente interessada nesse tipo de proposta. Ahmed aceitou. O casal tinha quatro filhos à época. “Aqui as mulheres não trabalham, então foi um jeito de sustentar a casa”, diz Noor.



### FORÇA DAS MULHERES

Outra viúva do Estado Islâmico mora a duas quadras de Noor. Não é preciso olhar para atravessar a rua. Há pouco movimento nesse bairro tranquilo, de casas de classe média baixa, bem diferente da maior parte da cidade, em que carros buzina sem parar, cafés e restaurantes voltam a atrair fregueses e a universidade organiza vários eventos como feiras de artesanato, festivais e rodas de leitura. “É uma vantagem não ter muita gente circulando aqui, assim não somos vistas”, diz Noaf Manaf, 32.

Fonte: site do UOL TAB, 2018.

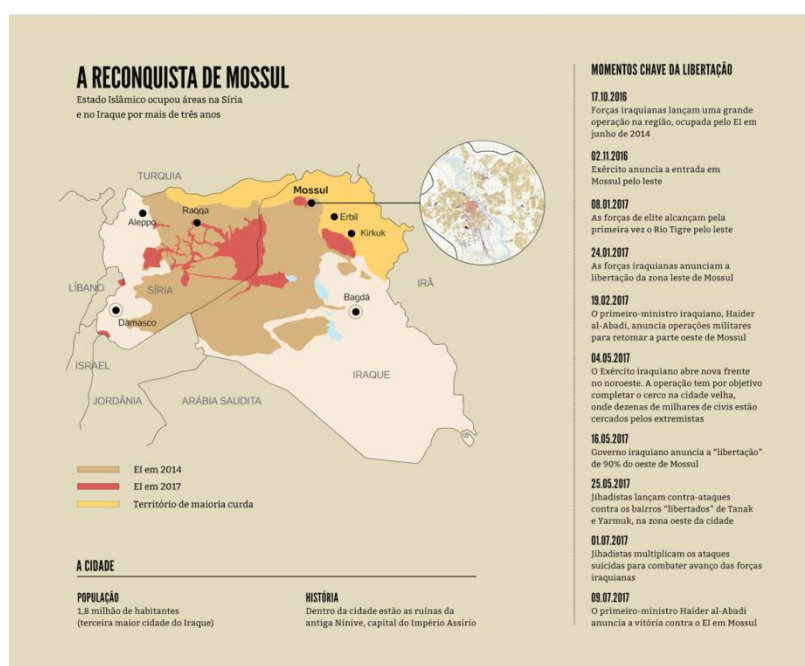
A edição apresenta o texto como elemento predominante e dentro dele são colocados os seis *hiperlinks* para outras matérias relacionadas ao tema. Assim como estudado no tópico 2.3.3, Bardoel e Deuze (2000) explicam que o *hiperlinks* permitem que o leitor possa desenvolver um senso crítico sobre o tema, pois o leva a ter acesso a outros textos de outros sites relacionados ao assunto. Dessa forma, Marchuschi (2001), no tópico 2.3.3, também afirma que esse recurso torna a leitura um processo não linear, diferente da forma como a reportagem multimídia é construída, de forma verticalizada. No sentido específico dessa característica de análise, a hipertextualidade presente pode ser entendida como um recurso memorialístico, pois levam os leitores a matérias da época em que os fatos ocorreram. Dentro dessas matérias há documentos históricos que explicam o contexto no qual as pessoas na região do Oriente Médio vivem e principalmente sobre as origens e causas da guerra. A reportagem traz relatos de mulheres que possuem alguma ligação familiar com homens que se envolveram com o Estado Islâmico.

A retomada de Mossul ocorreu há quase um ano, mas são muitas as mulheres que terão de carregar o fardo de ter maridos ligados ao terrorismo do Estado Islâmico - agora sozinhas, elas precisam superar a discriminação nas ruas e a burocracia do governo para construir uma nova vida para suas famílias. (UOL TAB, 2018).

Além disso, a reportagem conta com um infográfico que mostra a região do Iraque e da Síria que foram ocupadas pelo Estado Islâmico. No infográfico temos uma lista em ordem cronológica dos acontecimentos, desde o dia 17 de outubro de 2016, quando forças iraquianas lançaram uma grande

operação nas regiões que foram ocupadas pelo Estado Islâmico em junho de 2014, até o último acontecimento, no dia 9 de julho de 2017, quando o primeiro-ministro Haider al-Abadi anunciou a vitória contra o Estado Islâmico em Mossul. Desse modo, a presença desse infográfico pode ser entendida como um gesto memorialístico importante para a edição, pois permite ao leitor ter acesso à contextualização histórica da reportagem, permitindo a ele o aprofundamento sobre o contexto do tema em específico.

### Imagem 21 - Infográfico: “Viúvas da Guerra”



Fonte: site do UOL TAB, 2018.

## 2) A memória como reveladora da trama e tensionamentos da reportagem

Nessa segunda categoria, será necessário adentrar no conteúdo dos textos disponíveis na reportagem multimídia analisada para compreender como a memória se releva ao longo da narrativa. Como já dito anteriormente, a reportagem aborda a história de quatro mulheres e as consequências que a guerra causou em suas vidas. O primeiro relato na edição é o de Noor Faith, de 28 anos, cujo marido era um ex-soldado do exército iraquiano e com quem se casou em 2008. A narrativa tem início levando o leitor até o momento da entrevista com Noor e também apresentando a personagem,

Noor Fatih, 28, sorri quando começa a falar do marido, um ex-soldado do exército iraquiano com quem se casou em 2008. Uma das filhas do casal, Aya, 2, senta no colo da mãe para ouvir a história. Noor olha para ela com carinho. A filha mostra, feliz, seu coelhinho de pelúcia para as visitas. A conversa com o TAB acontece na

sala da casa que Noor e seus filhos dividem com outras duas famílias em Mossul, no Iraque, cidade que foi controlada pelo Estado Islâmico por quase três anos. (UOL TAB, 2018).

A forma como a reportagem é escrita pode ser entendida como um gesto memorialístico, pois transporta o leitor ao local da entrevista, narrando detalhes de como Noor olha sua filha ou de como age a criança diante daquela situação. Isso faz com que o leitor se sinta no local junto com os personagens. A narrativa continua contextualizando a situação do marido de Noor, que trabalhava para o Estado Islâmico em 2017 quando o exército iraquiano derrotou o grupo extremista. Em seguida temos o relato de Noor sobre o marido.

“Ele já tinha saído do exército quando o Estado Islâmico chegou”, conta Noor. “A Al Qaeda, que já estava no Iraque, começou a perseguir os militares e policiais, e meu marido achou melhor dar baixa do exército para não sofrer represálias”, completa. Em 2007, Ahmed tornou-se uma espécie de faz-tudo: consertava chuveiros quebrados e ajudava a carregar mercadorias na feira, por exemplo. “Era difícil, ele ganhava pouco, mas era um bom pai e marido”, diz Noor. (UOL TAB, 2018).

De acordo com Noor, em 2014, quando o Estado Islâmico assumiu o controle de Mossul, eles ofereceram à população dinheiro em troca de serviços prestados a eles e isso inclui precisar pegar em armas, caso fosse necessário. Ahmed aceitou trabalhar como segurança do grupo, pois a região é conhecida pelo alto índice de desemprego, que foi potencializado pela economia em queda por causa da guerra. Mesmo com o fim da guerra, Ahmed continua desaparecido. Na reportagem narra-se que o último contato que ele e Noor tiveram foi em 5 de junho de 2017, quando ele conseguiu ligar para ela.

E como foi a conversa? Noor olha para baixo e começa a chorar baixinho. Ela ouviu sons de tiros e muito barulho nos poucos minutos em que se falaram. Conseguiu entender apenas que Ahmed estava na Cidade Antiga, a parte histórica de Mossul, cheia de becos e vielas da Idade Média, mais atingida pelos confrontos. “Ele deve estar morto”, afirma. (UOL TAB, 2018).

A partir dessa narrativa literária, pode-se perceber como a memória se torna presente não só para a personagem em si, que relata uma memória individual, mas também para o leitor, que consegue projetar a imagem do que é narrado a partir da forma como relato foi escrito. De acordo com a reportagem, Noor é mãe de cinco filhos e mora com a cunhada, Nada, que também é viúva, com o sogro e com outra família em um bairro de Mossul. No testemunho de Nada, a repórter busca por sua memória individual, como contar que ela se casou aos 16 anos, mas antes recebeu cinco propostas de casamento por sua beleza. Dessa forma, a reportagem aprofunda na memória individual e coletiva

(HALBWACHS, 2006) cultural dos países do Oriente Médio, onde o namoro não existe e é oferecido um dote a noiva pelo casamento.

O terceiro testemunho é o de Noaf Manaf, de 32 anos, que se casou aos 15 anos de idade e teve oito filhos com o marido, que foi preso por trabalhar para o Estado Islâmico. Ela relata que não tem dinheiro para sustentar os filhos e, por isso, teve que se unir a outras duas viúvas com seus filhos para conseguirem sobreviver. "Elas se ajudam, Todas viveram histórias parecidas" (UOL TAB, 2018). O último testemunho é o de Roa Ahmed, de 29 anos, que tem quatro filhos e teve seu marido morto quando um morteiro acertou a rua no momento em que ele saiu de casa para pegar leite com os vizinhos, pois os filhos estavam chorando de fome. Roa, diferente das outras mulheres, não tinha o marido envolvido com o grupo extremista, mas também sofreu as consequências da guerra.

Dessa forma, é possível perceber novamente, em toda a reportagem, a forte presença das memórias individuais que também estão ligadas à memória coletiva (HALBWACHS, 2006) dos familiares de pessoas que trabalhavam para o Estado Islâmico. Como estudado anteriormente no tópico 3.1, Gérard Namer (1987), acredita que a "dimensão afetiva da temporalidade da memória coletiva" (NAMER, 1988 apud BRUCK; VARGAS; MOREIRA; 2019, p. 6), seria essencial para compreender como a memória coletiva é composta. A forma como os relatos foram escritos permite levar o leitor à emoção presente nos relatos das mulheres, permitindo potencializar o entendimento dessa memória partilhada por todo o grupo.

### **3) Uso da memória como ponte temporal entre passado e presente (temporalidade).**

Ao longo da narrativa da edição *Viúvas da Guerra*, é possível perceber como a memória é utilizada como ponte entre o passado e o presente. Durante a narrativa dos testemunhos das mulheres viúvas, a reportagem buscou contextualizar os relatos com informações de recuperação histórica do que aconteceu no Iraque e na Síria desde de 2014, quando o Estado Islâmico tomou o poder, principalmente da cidade de Mossul, que foi considerada capital do califado. Dessa forma, podemos perceber uma tentativa do UOL Tab de abordar os acontecimentos em detalhes, contextualizando, por exemplo, a questão sobre os casamentos citada na categoria anterior, que se torna mais evidente pelo aspecto descritivo do texto em questão.

Outra forma como o veículo utiliza a memória para promover uma recuperação histórica do contexto da guerra é por meio dos *hiperlinks* que levam o leitor a uma matéria do UOL da época em que ocorreu determinado feito como, por exemplo, quando o Estado Islâmico domina a cidade de Mossul. Nesse sentido, ocorre a "não-linearidade do tempo", descrita por Franciscato (2007), que significa buscar as informações do passado com o intuito de contextualizar acontecimentos do presente. O texto, que é predominante em toda a reportagem multimídia, tem forte teor literário,

possuindo uma carga descritiva e aprofundada, evidenciando a noção de articulação temporal entre o momento presente e o passado do fato narrado.

A utilização de um infográfico com informações cronológicas sobre os fatos narrados também permite compreender melhor o contexto onde as histórias narradas acontecem. Dessa forma, por meio desse recurso multimídia, a contextualização é potencializada, pois o infográfico por se tratar de uma peça colorida, ganha destaque em meio a reportagem analisada, que é predominantemente textual.

#### *5.4.3 Fuga para o Brasil: A crise da Venezuela explicada por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima*

A edição *Fuga para o Brasil: A crise da Venezuela explicada por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima*, de André Naddeo e publicada em 29 de janeiro de 2018, mostra os relatos capturados pelo repórter após ter ficado um mês na cidade de Boa Vista, que foi invadida por venezuelanos em busca de comida, trabalho e dinheiro. André Naddeo relata na primeira pessoa como foi a estadia na cidade, as vivências e também dá voz aos personagens venezuelanos por meio de testemunhos próprios.

Sabemos que a imigração venezuelana para o Brasil é resultado de um cenário de crise no país vizinho. Essa crise perpassa questões políticas, econômicas e sociais. A porta de entrada dos venezuelanos para o Brasil é o estado de Roraima, que faz fronteira com a Venezuela. Atualmente a Venezuela é governada pelo presidente Nicolás Maduro, que assumiu o governo do país com o propósito de dar continuidade às políticas, Hugo Chávez, seu antecessor.

Entretanto, quando ele tomou posse, em 2013, a inflação ultrapassava 800% ao ano, além de um aumento significativo nos barris de petróleo. Com o imenso colapso econômico pelo qual o país passava, faltavam insumos básicos para a sobrevivência, gerando assim uma crise humanitária. No país faltavam medicamentos e alimentos para a população. Dessa forma, muitos venezuelanos optaram por migrar para outros países à procura de melhores condições de vida e, por isso, o Brasil acabou se tornando um dos principais destinos.

Na reportagem de Naddeo, temos seis testemunhos de imigrantes venezuelanos que estão vivendo em Roraima. A primeira é Martina, cabeleireira e garota de programa. O segundo é Pedro Torres, de 33 anos, que trabalha como motorista. O terceiro é Richard Campos, de 33 anos, que também é motorista. O quarto é Guillermo Totti, de 58 anos, advogado criminalista. O quinto depoimento é o de Patrícia Claro, de 65 anos, tecnóloga e por último temos o depoimento de Carlos Orgaz, de 34 anos que é ativista político. Durante a nossa análise, iremos nos aprofundar em cada um desses depoimentos.

### 5.4.3.1 Análise: *Fuga para o Brasil*

#### 1) Elementos memorialísticos como essência narrativa

Em nossa terceira e última reportagem multimídia analisada, temos o maior número de recursos midiáticos utilizados. Em *Fuga para o Brasil*, de André Naddeo, é possível encontrar recursos como fotografias, texto, vídeo e um infográfico. Na abertura da reportagem, temos trechos de vídeos que mostram imagens de manifestações com confrontos entre a polícia e civis na Venezuela e também imagens de venezuelanos que estão vivendo em situação precária em Boa Vista, no Brasil. Dessa forma, temos um acionamento memorialístico com teor esclarecedor e descritivo por meio dessas imagens.

O texto, como foi o caso também das outras reportagens que analisamos, possui um papel de destaque na narrativa. Com uma narrativa em primeira pessoa, o jornalista conta sua experiência em campos de refugiados ao mesmo tempo que traz informações sobre a crise na Venezuela e a situação dos imigrantes, que vêm para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Iremos aprofundar nos aspectos da narrativa na próxima categoria. Por enquanto, é importante compreender que o texto de Naddeo possui um forte teor memorialístico, por ser praticamente um testemunho de sua memória individual como voluntário no campo. Além disso, sua narrativa textual é potencializada pela inserção das fotografias, vídeo e infográfico, que possibilitam contextualizar o acontecimento.

#### Imagem 22 - Imagem de abertura: “Fuga para o Brasil”



Fonte: site do UOL TAB, 2018.

A reportagem multimídia apresenta um infográfico que busca traçar o perfil dos venezuelanos não indígenas que chegam ao Brasil. Os dados coletados são do Conselho Nacional de Imigração, do Ministério do Trabalho, de setembro de 2017, e apresenta dados como a idade, sexo, formação acadêmica, se possuem carteira de trabalho ou algum documento de identificação. Dessa forma, o infográfico serve para auxiliar o leitor em uma compreensão mais detalhada sobre o tema, entendendo quem são os personagens da narrativa.

O vídeo é apresentado ao longo do texto, não ganhando um papel de destaque na narrativa. Nele é possível ver imagens de confrontos em manifestações na Venezuela entre policiais e civis. Também mostra imagens de supermercados e farmácias fechadas ou sem produtos, devido aos problemas econômicos pelos quais o país está passando. Além disso, temos também entrevistas com venezuelanos que estão no campo de refugiados no Brasil. Na reportagem, o vídeo é utilizado para contextualizar o ambiente de confrontos vivenciados na Venezuela. Aqui é importante assinalar o potencial memorialístico existente no *jornalismo digital*, como foi anteriormente discutido nesta pesquisa, permitido pelo uso do vídeo como material histórico. Assim como afirma Palacios (2014), a memória no *jornalismo digital* é potencializada pela possibilidade de novas inserções narrativas, que possibilitam que materiais e conteúdos de tempos passados possam ser acessados no presente.

### Imagem 23 - Vídeo: “Fuga para o Brasil”



Fonte: site do UOL TAB, 2018.

Outro indício da utilização de acionamentos memorialísticos com teor descritivo são os testemunhos que podem ser encontrados no fim da edição. Apesar de estarem no fim, eles possuem um destaque pela forma como foram adicionados na reportagem, por meio de uma arte gráfica, com cores chamativas e intercalados com fotografias. Ao todo são seis testemunhos de imigrantes venezuelanos que estão vivendo em Roraima. Como já informado anteriormente, o primeiro relato é



## 2) A memória como reveladora da trama e tensionamentos da reportagem

Nesta categoria, tenta-se evidenciar de que forma a reportagem analisada utiliza a memória como recurso narrativo e contextual, sendo responsável pelo desenvolvimento da trama presente na narrativa. Faz-se importante analisar o texto de André Naddeo, que apresenta em vários trechos, relatos da sua experiência pessoal como voluntário em diversos campos de refugiados ao redor do mundo: "Há quase dois anos como voluntário e jornalista, trabalhando em crises humanitárias principalmente na Grécia e na Itália, vi de perto o desespero de sírios e afegãos fugindo de guerras e traumas dos mais diversos" (UOL TAB, 2018). O jornalista trabalhou diretamente com os imigrantes venezuelanos em Boa Vista, auxiliando-os com aulas de português.

Por 30 dias, trabalhei como voluntário e jornalista independente no ginásio Tancredão, onde dei aulas de português de segunda a sexta-feira com o auxílio de uma igreja adventista local, que me emprestou telão, microfone e cadeiras para acomodar os novos estudantes. Afinal, se eles queriam inserção no mercado de trabalho, a primeira barreira a ser superada era a do idioma – foram muitas as correções de cartazes de quem pedia emprego, um trabalho, uma ajuda pelas ruas. (UOL TAB, 2018).

Além disso, o jornalista também descreve em vários trechos suas memórias individuais enquanto estava em Boa Vista como, por exemplo: "Vi crianças sujas, magras, comendo um prato de arroz como se fosse um banquete. Vi também em duas ocasiões a Defesa Civil armazenar pedaços de ossos de boi no único freezer da cozinha para os venezuelanos comerem" (UOL TAB, 2018). Em seu texto, Naddeo não esconde como se sente sobre a situação dos refugiados. A memória pessoal dele sobre os fatos potencializa seu questionamento às autoridades locais sobre a forma como a questão está sendo tratada. Dessa forma, o repórter busca trazer outros pontos de vista para a reportagem, além de confrontar o que dizem as autoridades com a realidade dos fatos. O acionamento memorialístico é feito por meio do teor esclarecedor e descritivo que Naddeo usa para retratar a questão.

Outro recurso importante que deve ser analisado como revelador da trama da reportagem está relacionado aos testemunhos dos venezuelanos. Todos os seis relatos estão em primeira pessoa e mostram "as palavras de quem vive na pele todos os efeitos de uma imigração que é baseada na fome e, segundo vários deles, na perseguição política" (UOL TAB, 2018). De acordo com o jornalista, os relatos são importantes para dar voz a esses imigrantes que são silenciados, permitindo que o leitor tenha acesso ao entendimento de como é a vida dessas pessoas. Dessa forma, cada um desses testemunhos representa o acionamento de uma memória individual que, em conjunto, representam a memória coletiva de venezuelanos que estão se refugiando em outros países para tentar sobreviver.

Esses testemunhos memorialísticos são potencializados pela reportagem multimídia pela forma como são apresentados, pois ganham destaque por suas cores e posicionamento na reportagem.

### **3) Uso da memória como ponte temporal entre passado e presente (temporalidade).**

Nessa categoria analítica, busca-se compreender de que forma a memória acionada pela narrativa permite uma ponte entre o passado e o presente. Assim como na trilogia analisada no tópico 5.4.1.1, em que analisamos as reportagens *Vergonha Europeia: Como é ser criança e viver no maior campo de refugiados do Velho Continente*, a reportagem *Azziz, um refugiado e seus sonhos* e a edição *Refugiado e Prostituto*, que mostra a realidade dos meninos refugiados em Atenas, na Grécia, a reportagem analisada trata de um tema atual, não recorrendo a documentos antigos como forma de contextualização.

Em *Fuga para o Brasil*, é possível perceber a importância da documentação do que vem acontecendo com os imigrantes venezuelanos. Todas as imagens e testemunhos utilizados na reportagem possuem um potencial documental, para retratar a situação dessas pessoas no futuro. Não há, nessa reportagem específica, o uso de *hiperlinks* para outras matérias que permitam que o leitor se aprofunde no tema. As pontes temporais realizadas ao longo do texto da reportagem são as de comparativos entre o fluxo de venezuelanos com outros fluxos migratórios como, por exemplo, o caso dos haitianos, que migraram para outros países após um terremoto destruir o país em 2010. Muitas dessas pessoas também vieram para o Brasil em busca de melhor qualidade de vida. É possível pensar que a memória realiza essa ponte entre temporalidades nas histórias dos personagens, que voltam ao passado, lembrando suas vidas na Venezuela, comparando suas condições de vida hoje em dia, no Brasil.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *jornalismo digital* permite a utilização de recursos diversos, tornando esse espaço bastante flexível, além de permitir a difusão do conteúdo por diversos dispositivos. Ao trabalharmos a memória neste contexto, entendemos que o meio digital permite a “potencialização do uso dos recursos de memória na estruturação do texto jornalístico e na sua edição” (PALACIOS, 2010, p. 46). Os elementos midiáticos presentes na reportagem multimídia como fotografias, vídeos, áudios, documentos históricos, infográficos, imagens de geolocalização, hiperlinks, entre outros, oportunizam que a memória efetivamente contribua para o aprofundamento no tema e sua melhor contextualização. Dessa forma, a reportagem multimídia se diferencia das notícias diárias já em sua produção e articulação, por ter como principal aspecto a multimídia (PALACIOS, 2003, p.3).

A reportagem multimídia utiliza a informação visual para aproximar o leitor do acontecimento e estabelecer relações entre os conteúdos em diferentes formatos. Esse foi o caso da utilização de acionamentos memorialísticos nos testemunhos dos imigrantes venezuelanos na reportagem *Fuga para o Brasil*, que recebe destaque ao ser apresentado por meio de uma arte gráfica, com cores chamativas e intercalados com fotografias.

É possível também concluir, a partir da análise dos objetos empíricos, que a memória é ativada como potente contextualizador, na medida em que oferece elementos relativos às origens dos acontecimentos, permitindo ao leitor uma maior compreensão sobre os processos que os constituíram. As reportagens escolhidas como *corpus* desse estudo tem em seus relatos uma forte presença de “prova documental” (BERGAMO, 2011, p. 247), que, segundo o próprio autor, é permitida através da escrita jornalística. Dessa forma, os testemunhos representam a memória individual e coletiva dos grupos retratados nas reportagens e servem para construir as identificações sociais e culturais de determinados grupos (LIMA, 2012, p. 145).

Podemos também perceber a relação desses relatos com o meio em que estão inseridos a partir do conceito dos lugares de memória (NORA, 1993). Os testemunhos e suas representações da memória ganham um novo sentido quando colocados na internet. O ciberespaço e seus recursos permitem que essas memórias circulem e ganhem novos significados, principalmente na reportagem multimídia. O leitor, mesmo que leigo sobre o assunto, é chamado a se aprofundar sobre o tema. Apesar disso, o relato em vídeo, como foi o caso da reportagem *Refugiado e Prostituído* e os demais relatos nas outras reportagens analisadas trazem apenas um referencial pequeno e estático de histórias que estão em movimento. A memória coletiva desses grupos é bem maior do que foi representado nas reportagens, mas ainda assim é acionada e potencializada por recursos como o audiovisual e as imagens gráficas.

Outra questão interessante a ser observada é sobre a terceira categoria analisada, que diz respeito ao uso da memória como ponte temporal entre passado e presente. Percebeu-se, tanto na

reportagem multimídia da Folha de S. Paulo quanto nas reportagens analisadas, que essa categoria não apresenta apenas uma possibilidade de ocorrência. Na reportagem do jornal Folha de S. Paulo, são utilizados documentos históricos como vídeos, fotos e áudios da época para contextualizar o assunto. Entretanto, isso não acontece em algumas das reportagens analisadas, como foi o caso de *Vergonha Europeia, Azzis, Refugiado e Prostituído e Fuga para o Brasil*, apesar de, a partir da análise, percebermos que essas reportagens possuem outras características que possibilitam que elas sejam consideradas memorialísticas. Isso acontece. Essas reportagens acionam a memória a partir dos testemunhos e memórias individuais e coletivas que trazem e não por conteúdos do passado para aprofundar, pois tratam de acontecimentos atuais.

À guisa de conclusão, outra consideração importante diz respeito à importância de como o jornalista se insere na escrita dos acontecimentos, como vimos principalmente nas reportagens escritas por André Naddeo, que não só escreveu a história dessas pessoas, mas também trouxe para a reportagem sua memória pessoal. Dessa forma, o jornalista se torna, nas reportagens em questão, responsável por reconstruir os acontecimentos e auxiliar o leitor ao pensamento crítico sobre os temas, além de promover um registro de importância histórica. A escrita jornalística dos autores das reportagens analisadas, aliada ao trabalho de *designers* gráficos responsáveis pelo *layout* das páginas, possibilitam a potencialização desses registros memorialísticos como provas documentais.

Nesse sentido, retomamos aqui nossa pergunta de pesquisa sobre quais as estratégias e elementos narrativos as reportagens multimídia memorialísticas acionam com o objetivo de oferecer ao destinatário formas de compreensão acerca dos temas que abordam em seus distintos vieses e enquadramentos. Concluímos a partir dos objetos analisados que, apesar de nos dias atuais, a instantaneidade das notícias e de como a história é registrada tornam a vivência do homem pós-moderno criativa e dinâmica. A multimídia e seus diferentes recursos vêm como meio possibilitador para a exploração e um entendimento aprofundado de diferentes acontecimentos.

O *jornalismo digital* permite, por meio dos recursos que disponibiliza, mais contextualização e aprofundamento da notícia, possibilitando um acesso a tais memórias, ao mesmo tempo que constrói uma história (PALACIOS, 2014, p. 90). A partir das narrativas multimídias analisadas, podemos concluir que as reportagens multimídias podem ser consideradas como uma das estratégias do *jornalismo digital* para conseguir aprofundar seus conteúdos e conseqüentemente potencializar as memórias relatadas. O uso de diferentes meios permite a criação de um conteúdo completo e dinâmico, possibilitando que o público tenha um entendimento aprofundado do tema tratado na reportagem. A memória é ativada como potente contextualizador da história narrada.

## REFERÊNCIAS

- ALQUÉRES, H. “Apresentação”. *In*: José Marques de Melo (org.), **Imprensa brasileira: personagens que fizeram história**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. v. 2, 2005.
- ALVES, Rosental Calmon. Jornalismo digital: dez anos de web... e a revolução contínua. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 9-10, p. 93-102. 2006. Disponível em: <<http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1157/1100>>.
- ALZAMORA, G. C. ; TARCIA, L. Convergência e Transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em Jornalismo. **Brazilian Journalism Research** (Impresso), v. 8, p. 22-34. 2012.
- AMADORI, R e MARQUES, M. Os critérios de noticiabilidade no jornalismo on line. *In* 3o SEMINÁRIO DE CIBERJORNALISMO, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Seminário**. 2001. Disponível em: <<http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor3/2011/08/17/os-criterios-de-noticiabilidade-no-jornalismo-on-line/>>
- ARTECHE, A. X., & BANDEIRA, D. R. . O desenho da figura humana: revisando mais de um século de controvérsias. **Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica**, 22(2), 2006.
- ASSIS, Francisco de. A dimensão técnica dos gêneros jornalísticos: definições e tipologias em manuais de redação. *In*: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de; LAURINDO, Roseméri (Orgs). **Gêneros jornalísticos teorias e práxis**. Blumenau: Edifurb, 2012.
- ASSMANN, Aleida. Canon and Archive. *In*: OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY- SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel. **The Collective Memory Reader**. Oxford University Press. 2011.
- BANDEIRA, D. R., Costa, A., & Artech, A. X. (2008). Estudo de validade do DFH como medida de desenvolvimento cognitivo infantil. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 21(2), 2008.
- BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. *In*: CANAVILHAS, João (Org.). **Notícias e mobilidade: jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã: Livros Labcom. 2013.
- BARBOSA, Suzana. Bases de dados e Webjornalismo: em busca de novos conceitos. *In*: Mesa Novas Tecnologias / Novas Linguagens do 4o Congresso da Sopcom, Santiago – PT. 2005. **Anais [...]** Santiago: Universidade de Aveiro, 2005 .
- BARBOSA, Suzana. Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração. *In*: Congreso internacional de periodismo en la red, 3. 2008, Madrid. **Anais [...]** Madrid, Espanha: Facultad de Periodismo da Universidad Complutense de Madrid. 2008.
- BARBOSA, Marialva. Imprensa, Poder e Público: Os diários do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação.(1880-1920)**. Niterói, v.20, n. 2, p. 1-16. 1996
- BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana; NARITA, Sandra; PALACIOS, Marcos; RIBAS, Beatriz. **Um mapeamento de características e tendências do jornalismo online brasileiro**. Bahia: UFBA. 2002.

- BARBOSA, Susana; NORMANDE, Naara; ALMEIDA, Yuri. Produção horizontal e narrativas verticais: novos padrões para as narrativas jornalísticas. *In: XXIII Encontro Anual da Compós, Belém. Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo*. 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. Network Journalism: converging competences of old and new media professionals. **Australian Journalism Review**. v. 23, n. 2, p. 91-103. 2000.
- BASTOS, Helder. A diluição do jornalismo no ciberjornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9, n. 2. 2012.
- BASTOS, Helder. **Jornalismo Electrónico: Internet e Reconfiguração de Práticas nas Recacções**. Coimbra. Minerva. 2000.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina. 1980.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina. 1976
- BERGAMO, Alexandre. Reportagem, Memória e História no Jornalismo Brasileiro. **Mana**. v. 17, n. 2, p. 233-269. 2011.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Rio de Janeiro: M. Fontes. 1999.
- BATTELLE, John. **A busca: como o Google e seus competidores reinventaram os negócios e estão transformando nossas vidas**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2006.
- BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, núm. 37, dezembro, pp. 121-127. 2008.
- BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. *In: CANAVILHAS, João Messias (Org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: LabCom. 2014.
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom. 2014.
- CANAVILHAS, João. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. *In: Informação e Comunicação. Jornalismo Online*. p. 63-73, ISBN: 972-8790-07-4. Covilhã: Livros Labcom, 2003.
- CANAVILHAS, João. Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web. *In: I Congresso Ibérico de Comunicação, 2001, Anais [...]* Covilhã, 2001.
- CANAVILHAS, João. **Webnotícia: proposta de modelo periodístico para la WWW**. Cavilhã: Labcom. 2007.
- CANAVILHAS, João. Jornalismo e convergência. **Digital Media Portugal : ERC 2015**. ERC - Entidade Reguladora para a Comunicação Social. p.26-34, 2015.

- CANAVILHAS, João. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. *In: Periodismo Transmedia: miradas múltiples*. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario. 2013.
- CANAVILHAS, João. Journalism in the Twenty-First Century: To be or not to be transmedia?. *In: Journalism and Ethics: Breakthroughs in Research and Practice*. p. 842-855, 2018.
- CORRÊA, Elizabeth. Linguagens da informação digital: reflexões conceituais e uma proposta de sistematização. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. 2005.
- DALMONTE, Edson. **Pensar o discurso do webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidade de experiências**. Salvador: EDUFBA. 2009
- DEUZE, Mark. O jornalismo e os novos meios de comunicação social. **Comunicação e Sociedade**. v. 9, p. 15-37. 2006.
- DINES, Alberto. **O Papel do Jornal e a Profissão de Jornalista**. 9 ed. São Paulo: Summus. 2009.
- EDO, Concha. **Periodismo informativo e interpretativo: El impacto de Internet em la noticia, las fuentes e los géneros**. México: Alfaomega Grupo Editor, S.A. de C.V. 2009.
- EMBURY, Garry.; MINICHIELLO, Mario. **Reportagem Ilustrada - Do desenho ao jornalismo: princípios básicos, técnicas e recursos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.
- ENNE, Ana Lucia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Unisinos: v.2, p. 101-116. 2004.
- ERLL, Astrid. **Memory in culture**. Palgrave MacMillan Memory Studies. 2011.
- FECHINE, Yvana. Transmídiação e cultura participativa: pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas brasileiras. **Revista Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 31, n.1. 2014
- FECHINE, Yvana., & RÊGO, Sofia Costa. Transmedia Television Journalism in Brazil: Jornal da Record News as Reference. *In: Exploring Transmedia Journalism in the Digital Age*, p. 253-265. 2018.
- FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**, v. 4. 2004.
- FIDALGO, Antônio. A resolução semântica no jornalismo online. *In: Barbosa, S. (Org.), Jornalismo Digital de Terceira Geração*. Covilhã: LabCom. 2007.
- FLOSI, Edson. **Por trás da notícia: O processo de criação das grandes reportagens**. São Paulo: Summus Editorial. 2012.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise do conteúdo. *In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2014.
- FONSECA, Virginia; LINDEMANN, Cristiane. Jornalismo Participativo na Internet: repensando algumas questões técnicas e teóricas. 2007. **Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho**. Estudos de Jornalismo. *In: XVI Encontro da Compós, UTP, Curitiba*. Anais [...] Curitiba: 2007.

FOLHA DE S. PAULO. **Especial 50 anos do golpe militar**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/50anosdogolpede1964>>. Acesso em 2 nov. 2020.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina. Janeiro, 2015.

FRANCISCATO, Eduardo. **Tecnologias digitais e Temporalidades múltiplas no ecos-sistema jornalístico**. Revista Contracampo. UFF. v. 38, n. 2. 2019.

FRANCISCATO, Carlos E. A participação dos leitores na construção de experiências temporais no jornalismo *online*. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da **Comunicação**. Santos: Intercom, 2007.

GARCÍA, Sandra. Géneros interpretativos: el reportage y la crónica. In: NOCI, Javier Díaz; SALAVERRÍA, Ramon. **Manual de Redacción Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel. p. 449-494. 2003.

GOSCIOLA, Vicente. Narrativa transmídia: conceituação e origens. In: Campalans, C., Renó, D., & Gosciola, V. **Narrativas Transmedia: Entre teorías y prácticas**, 7-14. 2012.

GUTIÉRREZ, Marco Antonio. **A retórica da verdade no relato jornalístico**. Revista Intertexto, v. 1, n 01. 2008.

GUIRADO, Maria Cecilia. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte & Ciência. 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro. 2006

HISSA, Cássio E. Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

HOBSBAWN, Eric.; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra. 1997.

HUNTER, Mark Lee. **Manual para jornalistas investigativos**. Uruguay: UNESCO. 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456POR.pdf>>.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas de memória**. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória. Arquitetura, monumento, mídia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora. 2000.

IYER, Aayush. **What I mean, when I say Transmedia**. Disponível em: <<http://commposite.uqam.ca/2003.1/articles/khardo.html>>. 2005.

JENKINS, Henry. Confronting the challenges of participatory culture: media education for the 21st Century. **MacArthur Foundation**. 2006. Disponível em: <<http://www.newmedialiteracies.org/wp-content/uploads/pdfs/NMLWhitePaper.pdf>>.

JENKINS, Henry. Transmedia storytelling. Moving characters from books to films to videogames can make them stronger and more compelling. [S.l]: **Technology Review**. 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph. 2008.

- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph. 2009.
- JORGE, Thais de Mendonça. **A notícia em mutação. Estudo sobre o relato noticioso no Jornalismo Digital**. 2007. Tese de Pós-Graduação. Universidade de Brasília, Brasília.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Editora Ática S.A. 1989.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2005.
- LANDOW, George. **Hypertext 2.0. Hypertext: the convergence of contemporary Critical Theory and technology**. Maryland: The John Hopkins University Press. 1997.
- LARRONDO URETA, Ainara. (2004). El reportaje se reinventa en la red: estructura del reportaje hipertextual. In: **Revista Latina de Comunicación Social**, Tenerife, n. 57. Disponível em: <<http://migre.me/obpA5>>.
- LARRONDO, Ainada; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana. Narrativa jornalística e base de dados: discussão preliminar sobre gêneros textuais no ciberjornalismo de quarta geração. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 6. 2008, São Bernardo do Campo: **Anais[...]** São Bernardo do Campo: Umesp, 2008. p. 1-13.
- LIMA, Edwaldo. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Editora Unicamp. 1993.
- LIMA, Venício. Repenando as teorias da comunicação. In: MELO, J. M. **Teoria e pesquisa em comunicação**. São Paulo: Intercom/Cortez. 1983.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp. v.4, n.2. 1996.
- LE GOFF, Jacques. **Memória - História**. Lisboa: Imprensa Oficial/ Casa da Moeda. 1984.
- LEMOS, André. **Anjos interativos e retribalização do mundo**. Sobre interatividade e interfaces digitais. 1997. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>>.
- LEMOS, André. **O Imaginário da Cibercultura: entre neo-ludismo, tecno-utopia, tecnorealismo e tecnosurrealismo**. 1999.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34. 1999.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola. 1998.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: 34 ed. 1993.
- LIMA, Soraia. Jornalismo de Dados no Brasil. Tendências e desafios. Soraia Lima. In. Silva, T.; Stabile, M. (Orgs.). **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão. 2016.
- LOPES, Luís Carlos. Artefatos de memória e representações nas mídias. **Revistado Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Univrsidade Federal Fluminense**. 2002.

LUVIZOTTO, Caroline. Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Ed. Unesp. 2010.

LONGHI, Raquel. Infografia online: narrativa intermídia. *In: Estudos em Jornalismo e Mídia*. Ano VI, n. 1. p. 187- 196. 2009. Disponível em: < <http://migre.me/pBnu7>>.

LONGHI, Raquel. O nome das coisas: em busca do especial multimídia. **Estudos em Comunicação**, v. 2. 7. ed. Santa Catarina, p.149-161. Maio. 2010. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/07/vol2/longhi.pdf>>.

LONGHI, Raquel. O turningpoint da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, 3.ed. 2014.

LONGHI, Raquel; SILVEIRA, Mauro César. (2010) **A convergência de linguagens nos especiais do Clarín.com**. *In: Revista Estudo e Comunicação*, Curitiba, v. 11, n. 25. Disponível em: <<http://migre.me/o7IQe>>.

LONGHI, Raquel; WINQUES, Kérley. O lugar do *longform* no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. *In: Estudos de Jornalismo do XXIV Encontro Anual da Compós*. Universidade de Brasília: Brasília, de 9 a 12 de junho de 2015.

MACHADO, Eliar. **La estructura de la noticia en las redes digitales**: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo. Facultad de Ciencias de la Comunicación/Universidad Autónoma de Barcelona. 2000.

MACHADO, Irene. Digitalização. Linguagem. Discurso. As Mediações Dialógicas Possíveis. **Lumina**. Juiz de Fora: Facom/UFJF, v.4, n.2. 2001.

MACHADO, Irene. Gêneros no contexto digital. *In: LEÃO, Lúcia (org.). Interlab. Labirintos do Pensamento Contemporâneo*. São Paulo: Iluminuras. 2002.

MACHADO, Irene; PEREIRA, Mirna. Design da Comunicação no Jornalismo de Guerra. Semiosfera, **Revista de Comunicação e Cultura**, Ano 4, n. 7, Dezembro. 2004.

MAIA, Kenia; AGNEZ, Luciane. A convergência na produção da notícia: dois modelos de integração entre meio impresso e digital. *In: ADGHIRNI, Zélia Leal; MOURA; Dione Oliveira; PEREIRA, Fábio Henrique. Mudanças e permanências do jornalismo*. Florianópolis: Insular.2015.

MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS, Fabio. **Jornalismo de Dados: conceito e categorias**. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 18, n. 1, p.69-82, abr. 2016. Quadrimestral. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2016.181.07/5300>>. Acesso em: 25 outubro. 2020.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2001.

MANOVICH, Lev. **El software toma el mando**. Barcelona: Editorial UOC. 2013.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes. 1985.

MATHEUS, Leticia. **Mediações jornalísticas do Tempo - Narrativas, periodicidade e produção de sentido histórico**. In: Encontro da Compós, XVIII Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.

MIELNICZUK, Luciana. A Pirâmide Invertida na época do Webjornalismo: tema para debate. In: INTERCOM, XXV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 2002, Salvador. **Anais [...]**Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador. 2003. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/6057>>.

MOHERDAUI, Luciana. Em busca de um modelo de composição para os jornais digitais. In: II Simpósio Nacional da ABCiber.2007, São Paulo. **Anais[...]** São Paulo. 2007.

MOLONEY, Kevin. **Porting Transmedia Storytelling to Journalism**. (Dissertação de Mestrado). University of Denver. (2011).

MONTEIRO, Silvia. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. Datagramazero - **Revista de Ciência da Informação**, v.8, n.3. 2007. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan. 2002.

MURAD, Angèle. Oportunidades e desafios para o Jornalismo na Internet. **Ciberlegenda**, n. 2. 1999. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/241>>.

MELO, José. Marques. **História Política das Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad. 2009.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador. 2003. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/6057>>.

MIELNICZUK, Luciana; PALACIOS, Marcos. **Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual**. In: Encontro Nacional da Compós, 10, Distrito Federal. **Anais[...]** Salvador: Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line, 2001. p.1-14.

MITTERMAYER, Thiago. **Narrativa Transmídia: uma releitura conceitual**. ISBN: 978-85-54863-02-9. Editora COD3S: São Paulo (*E-book*) 2017.

MOHERDAUI, Luciana. Em busca de um modelo de composição para os jornais digitais. Contemporânea: **Revista de Comunicação e Cultura**. 2008. Disponível em: <<https://portalseerufbabrindexphpcontemporaneaposcomarticleview>>.

MORETZSOHN, Sylvia. **A velocidade como fetiche – o discurso jornalístico na era do “temporeal”** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylviavelocidade-jornalismo-3.html>>.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto. 2004.

NOGUEIRA, L. Jornalismo na rede: arquivo, acesso, tempo, estatística e memória. *In: I Jornadas de Jornalismo On-line: Covilhã. 2002.*

NORA, Pierre. **Realms of Memory.** The Construction of the French Past. Columbia University Press. 1997.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História. A problemática dos lugares.** *In: Projeto História, São Paulo: PUC SP, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993.*

PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate. *In: Jornadas de Jornalismo On-line, Portugal. Anais[...]* Salvador: Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line, 2002. p. 1-12.

PERNISA, Carlos. Jornalismo Transmidiático ou Multimídia?. **Revista Interin.** Caxias do Sul, v. 10, n. 2. 2010. Disponível em: <<http://interin.utp.br/index.php/vol10/article/view/18>>.

PINHO, José Benedito. **Publicidade e vendas na internet: técnicas e estratégias.** São Paulo: Summus. 2000.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica.** São Paulo: Perspectiva. 2001.

PALACIOS, Marcos. **Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História.** Matrizes, USP, v. 4. 2010.

PALACIOS, Marcos. A memória como critério de aferição de qualidade no ciberjornalismo: alguns apontamentos para debate. *In: Workshop de Jornalismo On-line, Covilhã. Anais[...]* Covilhã, 2002.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. *In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (org). Modelos de Jornalismo Digital.* Salvador: Editora Calandra, 2003.

PAVLIK, John. **Journalism and new media.** Columbia University Press, Nova York. 2001.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. **Jornalismo Transmidiático ou Multimídia?.** *Interin*, 10(2). ISSN: 1980-5276, pp.1-10. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=5044/504450763010>. Acesso em: 05/10/2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10. 1992.

PORTELA, Cristiane. **Proximidade e distanciamento na prática de cobertura dos portais de notícias AZ e 180 graus,** Teresina–Piauí, Brasil. *In: Confederación Iberoamericana de Asociaciones.* Braga: Universidade do Minho. 2014.

PRATTEN, R. (2015). **Getting started with Transmedia Storytelling. A practical guide for beginners.** 2nd ed. ISBN-10:1515339165. CreateSpace Independent Publishing Platform: Seattle.

QUADROS, Cláudia; RASÊRA, Marcella; MOSCHETTA, Andressa. Jornalismo para tecnologias móveis: o consumo entre jovens in **Jornalismo e tecnologias móveis.** Covilhã, UBI, Labcom, in: Suzana Barbosa e Luciana Mielniczuk (org). 2013.

RENÓ, Denis, & FLORES, Jesús. **Periodismo transmedia.** Ria Editorial: Aveiro. 2018.

RENÓ, D. P., VERSUTI, A. C., GONÇALVES, E. M., & GOSCIOLA, V. (2011). **Narrativas transmídia: diversidade social, discursiva e comunicacional**. 2011. Disponível em: <https://palavraclave.unisabana.edu.co/index.php/palavraclave/article/view/1973/2531>. Acesso em: 19/10/2020

RIBAS, Beatriz. Características da notícia na web: considerações sobre modelos narrativos. *In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo– SBPJor2, 2004, Salvador. Anais [...]*Salvador: FACOM/UFBA. 2004.

RIBEIRO, Ana Paula. **A história do seu tempo. A imprensa e a produção do sentido histórico**. 1995. Dissertação (Mestrado)- ECO - UFRJ. 1995.

RIBEIRO, Ana Paula; BRASILIENSE, Daniele. A matança dos inocentes: questões de memória e narrativa jornalística. **UNirevista**, v.1, n., p. 1-12. 2006. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/12924907/a-matanca-dos-inocentes-questoes-de-memoria-e-unirevista>>. pdf. Acesso em: 02 maio. 2020.

RICOEUR, Paul **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: UNICAMP. 2007.

RODEMBUSCH Rodrigo; MENEZES, Jordana. Fake News e Jornalismo digital: Quais os Critérios de Noticiabilidade presentes na Construção de Notícias falsas? *Intercom*. 2019.

ROMERO-RODRÍGUEZ, Luís Miguel; Casas-Moreno, P.; Torres-Toukoumidis, A Dimensiones e indicadores de la calidad informativa en los medios digitales. *Revista Comunicar*, n. 24. 2016.

SALAVERRÍA, Ramón. **Cibermedios. El impacto de internet en los medios de comunicación en España. Comunicación Social Ediciones y Publicaciones**. Sevilla. 2005.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones. **Sol 90**. 2008. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/268810171\\_Periodismo\\_integrado\\_convergencia\\_de\\_medios\\_y\\_reorganizacion\\_de\\_redacciones](https://www.researchgate.net/publication/268810171_Periodismo_integrado_convergencia_de_medios_y_reorganizacion_de_redacciones)>. pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.

SANTI Vilso. O processo de apuração no Web- jornalismo de quarta geração. **ECO-Pós**, v.12, n.3. 2009.

SALAVERRÍA, Ramón; CORES, Rafael. **Géneros periodísticos en los cibermedios**. *In: SAL VERRIA, Ramon (coord.). Cibermedios – el impacto de internet en los medios de comunicación en España*. Sevilla: Comunicación Social. 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus. 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus. 2007.

SANTANA, Liliam. El reportaje multimedia como género del periodismo digital actual. Acercamiento a sus rasgos formales y de contenido. **Revista Latina de Comunicación Social**. Terenife. n. 63, p. 348-367. 2008. Disponível em: <http://migre.me/ocejw>>. pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

SCHWINGEL, Carla. *Jornalismo digital de quarta geração: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no jornalismo digital*. In: XIV Encontro Anual da Compós. **Anais** [...] 2005. Disponível em: [www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/estudos2005.htm](http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/estudos2005.htm).

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones**: elementos para uma teoria de la comunicación digital interactiva. Barcelona, España: Editorial Gedisa. 2008.

SCOLARI, Carlos. *Transmedia Storytelling: Implicit Consumers, Narrative Worlds, and Branding*. **International Journal of Communication**. v.3. 2009. Disponível em: <<http://ijoc.org>>.

SCOLARI, Carlos. **Entrevista de Maria Cristina Mungiolli**. A construção de mundos possíveis se tornou um processo coletivo. *Matrizes*. Ano 4, n. 2, p. 127-136. 2011.

SCOLARI, Carlos. **Ecología de los médios**: entornos, evoluciones e interpretaciones. Barcelona: Gedisa. 2014.

SCOLARI, Carlos., Bertetti, P., & Freeman, M. **Transmedia archaeology: storytelling in the borderlines of science fiction, comics and pulp magazines**. Palgrave Macmillan: UK. 2014.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: proposta de novos critérios de classificação. Cavilhã: Labcom. 2009.

SEIXAS, Jacy Alves. *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais*. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (orgs). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. São Paulo: Ed. Unicamp. 2000.

SILVA JÚNIOR, José. **A relação das interfaces enquanto mediadoras de conteúdo do jornalismo contemporânea**: agências de notícias como estudo de caso. Recife: Universidade de Pernambuco, 2001. Disponível em: < [www.bocc.ubi.pt/pag/junior-jose-afonso-interfaces-/mediadoras.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/junior-jose-afonso-interfaces-/mediadoras.pdf) >.

SILVA Jr., M. G.; ANTUNES, E. Do desejo de traduzir à transcrição: apontamentos sobre a decodificação jornalística do discurso científico, com base em conceitos de Haroldo de Campos, José Paulo Paes e Paul Ricoeur. **E-Compós**, Brasília, v. 19, n. 2, 2016.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica da reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus. 1986.

SODRÉ, Muniz. Muito além do diploma. In: FENAJ (org.), **Formação superior em jornalismo**: uma exigência que interessa à sociedade. Florianópolis. FENAJ. 2008. p. 51-55.

SOUSA, Maíra. A notícia convergente: uma reconfiguração de linguagens. In XIV Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul, 2013, Santa Cruz do sul. **Anais** [...] Santa Cruz do sul: Intercom, 2013 p.1-16. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-1462-1.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2020.

SOUZA, Candice Vidal e. **Repórteres e Reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV. 2010.

THE NEW YORK TIMES. **Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek**. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/#/?part=tunnel-creek>>. Acesso em 11 mar. 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: o que é?** Rio de Janeiro: Editorial Quimera. 2002.

TURKLE, Sherry. A memória na tela. *In*: CASALEGNO, Frederico (Org.). **Memória cotidiana: comunidades e comunicações na era das redes**. Porto Alegre: Sulina. 2006.

UOL TAB. Fuga para o Brasil: **A crise da Venezuela explicada por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima**. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/edicao/crise-venezuela>>. Acesso em 25 nov. 2020.

UOL TAB. **Viúvas da Guerra: A vida das iraquianas que carregam no nome a ligação com o Estado Islâmico**. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/edicao/mulheres-mossul>>. Acesso em 12 nov. 2020.

UOL TAB. **Refugiado e Prostituído: O testemunho de um adolescente de 16 anos cuja fome o levou à prostituição e às drogas**. Disponível em: < <https://tab.uol.com.br/edicao/menores-refugiados>>. Acesso em 26 dez 2020.

UOL TAB. **Vergonha Europeia: Como é ser criança e viver no maior campo de refugiados do Velho Continente**. Disponível em: < <https://tab.uol.com.br/edicao/campo-de-moria/index.htm>>. Acesso em 13 dez. 2020.

UOL TAB. **Azziz: Um refugiado e seus sonhos**. Disponível em: < <https://tab.uol.com.br/reportagens-especiais/campo-de-moria>> Acesso 17 dez. 2020.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

WINQUES, Kérley. Experiências geracionais na interface da grande reportagem multimídia. **Comunicação: reflexões, experiências, ensino**, v. 13, p. 9-24, 2017.

WINTER, Jay. The Generation of Memory: Reflections on the “memory boom” in Contemporary Historical Studies”. **Bulletin of the German Historical Institute Washington**, p. 1-11, v. 10, n. 3, 25 Jan. 2012.

ZELIZER, Barbie. Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory. **Memory Studies**. SAGE. 2008. Disponível em: <http://mss.sagepub.com/cgi/content/abstract/1/1/79>.